



**LER MAIS
e
ESCREVER
MELHOR**

Número 2 | Junho de 2011

ESCOLA SECUNDÁRIA
DO PADRÃO DA LÉGUA

DIÁLOGO DO POETA

Há tantos diálogos
Diálogo com o ser amado
 o semelhante
 o diferente
 o indiferente
 o oposto
 o adversário
 o surdo-mudo
 o possesso
 o irracional
 o vegetal
 o mineral
 o inominado
Diálogo consigo mesmo
 com a noite
 os astros
 os mortos
 as ideias
 o sonho
 o passado
 o mais que futuro
Escolhe teu diálogo
e tua melhor palavra
ou teu melhor silêncio.
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Carlos Drummond de Andrade, *Discurso da Primavera* (1977)

DIÁLOGO SOBRE UMA ESCOLA EM CONSTRUÇÃO

Isabel Morgado

Directora da Escola Secundária do Padrão da Légua
direccao@esplegua.com

A ideia de uma escola aprendente tornou-se proeminente nos últimos anos. As escolas podem ser re-criadas e renovadas () enquanto organizações aprendentes. (Senge, 2000, Schools That Learn, p. 5)

A Escola Secundária do Padrão da Légua iniciou, em Abril, um novo ciclo físico. A azáfama das máquinas e de novos acessos tem vindo a anunciar uma renovação necessária e bem-vinda. Mas a Escola pública do século XXI transcende o espaço limitado por paredes, portas e janelas, englobando todos os agentes em contexto de comunidade educativa, no âmbito de uma educação integrada, em território específico e interactivo.

Se a implementação e a concretização de Projectos Institucionais e de Escola tem constituído a imagem de marca da ESPL, enquanto comunidade aprendente, haverá no futuro que fortalecer a transversalidade e a dialogicidade das finalidades e metas educativas, direccionando o trabalho desenvolvido para a qualidade do ensino e da aprendizagem, ancorado na transversalidade de práticas supervisivas. Em consequência, o reforço da centralidade do aluno, na sua especificidade e individualidade, deverá traduzir-se numa aposta clara em toda a oferta de actividades de apoio ao aluno de que a escola dispõe. Passando pelas actividades em pequeno grupo, até ao apoio mais individualizado, cabe a toda a comunidade educativa uma reflexão-acção continuada sobre as estratégias implementadas ou a implementar. Tendo em conta que cada aluno é um caso, e que em contexto de mudança e de crise, a aposta na educação, no conhecimento significativo e na aquisição de

competências constitui uma porta aberta para a socialização e integração futura dos alunos, no papel de cidadãos responsáveis, então os esforços da nossa comunidade educativa deverão centrar-se nas coordenadas de desenvolvimento pessoal e profissional.

Para esta mudança, de (re)construção contínua e continuada da própria escola, enquanto organização, é necessário que cada interveniente da comunidade, aluno-professor-funcionário-família-meio aposte na comunicação, no diálogo, na reflexão. Só assim será possível construir uma nova Escola, dotada de estratégias ecológicas de mudança, na qual os actores e o seu contexto mudam ao mesmo tempo e por interacção recíproca. Por isso, este é o tempo de mudarmos e melhorarmos o edifício escola e a organização escola. Em conjunto.

DIÁLOGO SOBRE A CONTINUAÇÃO DE UM PROJECTO **Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra**

Coordenadora do Projecto da ESPL Ler Mais e Escrever Melhor
lermaiseescrevermelhor@esplegua.com

O segundo número da revista impressa continua a actividade desenvolvida no âmbito do Projecto de Escola Ler Mais e Escrever Melhor, iniciado em Julho de 2008, em torno de uma mesma finalidade: contribuir para o aperfeiçoamento reflexivo da capacidade de comunicação, interligando competências de oralidade, leitura e escrita. O Projecto apresenta um desenvolvimento em espiral, cíclico, tendo por fundamento as finalidades comuns aos documentos estruturantes da Escola. As actividades e pequenos projectos, que se desenrolam, em parte ou ao longo do ano, implicam uma transversalidade múltipla, pois implicam a turma, a escola e o meio, bem como todas as áreas de saber, incluindo ainda Estudo Acompanhado, Área de Projecto, Aulas de Substituição e outros Projectos da ESPL.

Inaugurando uma nova abrangência, a revista abre-se, no presente ano lectivo, à participação da comunidade educativa no seu todo, professores, funcionários, antigos alunos... Uma nova secção, Escrever, desvenda outros diálogos, palavras e textos, em palimpsesto recém-descoberto, definitivamente a incentivar e a continuar. Acresce ainda a novidade da atribuição de número ISSN à revista *on-line*, pela Biblioteca Nacional.

A revista saúda todos quantos contribuíram, com os seus textos, para este número da revista. Ainda um agradecimento especial aos professores dinamizadores da Feira de Natal Padrão Belo, que tornaram possível o financiamento parcial da revista. Por isso, a saída do segundo número constitui uma festa da palavra, possível pelo empenho de muitos. Para que não sejam esquecidas as vozes de tantos jovens escritores que, pela primeira vez, editam os seus textos impressos. Textos que desvendam diálogos de transfiguração do mundo, criados **no silêncio da busca da "melhor palavra" (Andrade, 1977), porque " Mesmo no silêncio e com o silêncio/ dialogamos."** Diálogos, desde agora, abertos à interpretação dos leitores.

No futuro, esperamos mais autores, mais diálogos, mais prosa, poesia, imagens. Se a nossa Escola é, doravante, uma Escola em construção, também uma revista nasce de um traçado, constitui uma arquitectura textual em expansão, cinzelada pelo burel de modos distintos de ver e de escrever. Essa é a grande riqueza da revista, feita de palavras irrepetíveis, mas tão humanamente iguais pelos temas, histórias e estórias esculpidas numa única argamassa, preciosa e irrepetível: a Vida. E só há uma única maneira de viver – em diálogo e harmonia de silêncios e palavras, connosco e com os outros.

Equipa do Projecto – Celeste Paulino e Pessoa, Isabel Maria Fonseca, Luzia Celeste Reis, Margarida Branca Lino, Maria Assunção Pinheiro, Maria da Conceição Teixeira, Maria do Carmo Fontes, Maria Dulce Soares, Maria Ema Alves, Maria de Fátima Velasques, Maria Isabel Aboim, Maria José Bronze, Maria Nazaré Coimbra, Teresa Barbedo, Zélia Pires.

Parcerias: Biblioteca ESPL, Coordenadora Isabel Maria Fonseca; Sala de Estudo, Coordenadora Ana Maria Mendes Dias.

Design capa: Maria Isabel Coimbra

DIÁLOGO DO POETA Poema de Carlos Drummond de Andrade

DIÁLOGO SOBRE UMA ESCOLA EM CONSTRUÇÃO Directora ESPL Isabel Morgado

DIÁLOGO SOBRE A CONTINUAÇÃO DE UM PROJECTO Coordenadora Nazaré Coimbra

ÍNDICE

1. A ESCRITA EM PROJECTO	9
Texto 1: CONFLITO DE GERAÇÕES, Sílvia Santos, nº26, 11ºA.....	9
Texto 2: CONFLITO DE GERAÇÕES, Ana Margarida Vinhais, nº2, 11ºE	10
Texto 3: O MARCADOR DE LIVROS, Luís Azevedo, nº16, 7ºD.....	10
Texto 4: A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA, Raquel Ribeiro, nº24, 11ºB	11
Texto 5: UMA SOCIEDADE FORMATADA, Ana Maria Barbosa, nº2, 10ºE.....	11
Texto 6: A EUTANÁSIA, Miguel Fernandes, nº19, 11ºA.....	11
Texto 7: VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E IDOSOS, Beatriz Gomes, nº3, 11ºA.....	12
Texto 8: JOVENS, QUE FUTURO? Daniela Cardoso, nº8, 11ºA.....	12
Texto 9: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Raquel Brandão, nº14, 2ºA	13
Texto 10: OS MEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, Sílvia Gonçalves, nº17, 2ºA	13
Texto 11: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Liliana Rodrigues, nº10, 2ºA.....	13
Texto 12: CALHAMAÇOS NA REFORMA, Carla Teixeira, nº3, 2ºA	14
Texto 13: MANTÉM-TE ORIGINAL, Carla Teixeira, nº3, 2ºA	14
Texto 14: PALAVRAS ESTRANHAS, Flávia Cruz, nº8, 2ºA.....	14
Texto 15: A GRAMÁTICA DO AMOR, Flávia Cruz, nº8, 2ºA	15
Texto 16: A PROTECÇÃO DA NATUREZA, Bruno Azevedo, nº2, 3ºA.....	15
Texto 17: A BIGORNA E O MARTELO, Francisco Maciel, nº9, 12ºC	15
Texto 18: C DE CORAÇÃO, Liliana Rodrigues, nº10, 2ºA.....	16
Texto 19: A INFLUÊNCIA DA ARTE, Sónia Monteiro, nº19, 12ºB.....	16
Texto 20: ARTES E VIDA, Ana Filipa Silva, nº2, 12ºC.....	16
Texto 21: A ARTE É O QUE SOMOS, Raquel Patrício, nº17, 12ºB	17
Texto 22: MEMÓRIAS DE PASSEIOS EM FAMÍLIA, Rodolfo Pinto, nº19, 10ºF	17
Texto 23: MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS, Carla Nogueira, nº6, 10ºB.....	18
Texto 24: MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS, Miguel Sousa, nº20, 10ºB	18
Texto 25: MEMÓRIAS DE UM NATAL FELIZ, Cláudia Freitas, nº 8, 10º B	18
Texto 26: MEMÓRIAS DE UM NATAL NA ALEMANHA, Vanessa Matos, nº23, 10ºF	18
Texto 27: MEMÓRIAS DE PARIS, Tiago Ramalho, nº27, 10ºB.....	19
Texto 28: MEMÓRIAS DE PALMA DE MAIORCA, Ana Cruz, nº2, 10º F	19

Texto 29: MEMÓRIAS DE ESPANHA, Frederico Carvalho, nº 9, 10º F	19
Texto 30: MEMÓRIAS DE UM ACIDENTE, Pedro Cordeiro, nº22, 10ºB	20
Texto 31: MEMÓRIAS DE CRIANÇA, Sara Miranda, nº21, 10ºF	20
Texto 32: MEMÓRIAS DE MEDOS E SUSTOS, Andreia Fonseca, nº5, 10ºF	20
Texto 33: MEMÓRIAS DO MEU AVÔ, Ana Luísa Costa, nº3, 10ºB	21
Texto 34: O SABOR DA FELICIDADE, Ana Sofia Ribeiro, nº3, 9ºD	21
Texto 35: O SABOR DA FELICIDADE, Alexandra Pereira, nº1, 9ºC	21
Texto 36: FARYTALE, Liliana Rodrigues, nº10, 2ºA	21
Texto 37: NÓS E A ARTE, Ana Luísa Miranda, nº 3, 12º A	22
Texto 38: OS CAPITÃES DA AREIA, Cláudia Freitas, nº8, 10ºB.....	22
Texto 39: O VOLUNTARIADO, Tiago Ramalho, nº27, 10º B	22
Texto 40: URSO PARDO, Rita Gonçalves, nº 19, 8ºC.....	23
Texto 41: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Ana Nunes, nº1, 12ºD	24
Texto 42: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Ana Proença, nº2, 12ºA	24
Texto 43: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Filipa Paulo, nº11, 12ºA.....	24
Texto 44: A POLUIÇÃO, Lin Lin, nº9, 9ºB.....	25
Texto 45: A POLUIÇÃO DA ÁGUA, Miguel Sousa, nº20, 10º B	25
Texto 46: ACTUALIDADE DA OBRA DE VIEIRA, André Silva, nº2, 11º A	26
Texto 47: VIEIRA E OS NOSSOS TEMPOS, Paulino Garcia, nº21, 11º A.....	26
Texto 48: O AMOR EM <i>FREI LUÍS DE SOUSA</i> , Sofia Batista, 11ºC, nº 25.....	26
Texto 49: O AMOR EM <i>FREI LUÍS DE SOUSA</i> , Marco Rodrigues, 11ºC, nº15.....	27
Texto 50: ROBINSON E DOMINGO, Ana Catarina Gonçalves, nº2, 8º D	27
Texto 51: ROBINSON E DOMINGO, Rita Gonçalves, nº 19, 8ºC	28
Texto 52: ROBINSON E DOMINGO, André Silva, nº 2, 8ºC	28
Texto 53: <i>SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM</i> , André Nogueira, nº 4 8º E	28
Texto 54: <i>SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM</i> , Mariana Silva, nº13, 8ºE	29
Texto 55: <i>SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM</i> , Rui Carvalho, 8ºE, nº17.....	29
Texto 56: ACORDO ORTOGRÁFICO, Ricardo Machado, nº16, 11º D.....	29
Texto 57: DEPORTAÇÃO DOS CIGANOS EM FRANÇA, Diogo Santos, nº7, 11ºD.....	30
Texto 58: ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA, Teresa nº20, Soraia, nº17, 11ºD.....	31
Texto 59: REFLEXÃO: É ALTURA, Ricardo Machado, nº16,11ºD	32
Texto 60: UMA BOTA CHAMADA ITÁLIA, Carolina Serrenho, nº 10, 7ºD.....	32
Texto 61: ERA UMA VEZ UMA BOTA, Mafalda Rebelo, nº18, 7ºD.....	33
Texto 62: ITÁLIA, UMA BOTA, Carolina Pinto da Costa, nº9, 7ºD	33

Texto 63: UM AMOR DIFERENTE, Patrícia, nº18, 9ºA.....	33
Texto 64: POEMA "HORIZONTE" DE FERNANDO PESSOA, Filipa Paulo, nº11, 12º A	34
Texto 65: A PRAIA, Lurdes Silva, 1ºB.....	35
Texto 66: EMIGRANTES, Ana Isabel Fernandes, nº2, 7º E	36
Texto 67: VIDA DE EMIGRANTE, Ana Margarida Monteiro, nº5, 7º E	36
Texto 68: O MEU NOME É SUBHAS, João Silva, nº17, 7º E.....	36
Texto 69: NUM DIA CHUVOSO, Tiago André, nº18, 9ºB	36
Texto 70: A AVENTURA DA PRINCESA, Ana Lúcia, Ana Luísa, Francisco Cutillo, Inês Guimarães, 7º E.....	37
Texto 71: O MENDIGO, Ana Cláudia, Andreia Tavares, Daniela Borges, Joana Sabino, 7º E	37
Texto 72: A ESCOLA DOS MEUS SONHOS, Carolina Serrenho, nº 10, 7º D.....	37
Texto 73: A ESCOLA DOS MEUS SONHOS, Carolina Pinto da Costa, nº 9, 7º D	38
Texto 74: TRADIÇÕES DA AMÉRICA, Samantha Padilla, nº 26, 12º A	38
2. FÓRUM DE LEITURA	39
Texto 1: O MEU LIVRO IMAGINÁRIO, Patrícia Ferreira, nº13, 2ºA.....	39
Texto 2: <i>O CÓDIGO DA VINCI</i> , Joana Freitas, nº 8, 8ºB.....	40
Texto 3: <i>O CASAMENTO DA MINHA MÃE</i> , Mariana Madureira, nº13, 8ºB.....	40
Texto 4: <i>ÁLBUM MINUTES TO MIDNIGHT</i> , António Gonçalves, nº4, 8ºC	40
Texto 5: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Sara Lobo, nº22, 12ºE	40
Texto 6: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Ana Luísa Miranda, nº3, 12ºA.....	41
Texto 7: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Joana Baptista, nº 14, 12º E	41
Texto 8: A LEITURA NA SOCIEDADE ACTUAL, Salomé Uribe, nº 20, 12º E	42
Texto 9: ACTUALIDADE DA OBRA DE VIEIRA, André Silva, nº2, 11º A	42
Textos 10: O LIVRO E A LEITURA, 7º A, B e C.....	42
Textos 11: O LIVRO E A LEITURA, 7º E	43
Texto 12: <i>ALEX PONTO COM</i> , Júlio Portela, nº18, 10ºB.....	44
Texto 13: <i>O RAPAZ QUE OUVIA AS ESTRELAS</i> , João Carlos Almeida, nº12, 10ºF	44
Texto 14: <i>O MISTÉRIO DOS SETE RELÓGIOS</i> , Vanessa Matos, nº23, 10º F	45
Texto 15: <i>MORTE NAS NUUVENS</i> , Jaime Nogueira, nº 14, 10ºB.....	45
Texto 16: <i>CRÓNICA DOS BONS MALANDROS</i> , Pedro Esteves, nº23, 10ºB	45
Texto 17: <i>O DIÁRIO SECRETO</i> , Daniela Araújo, nº 10, 10ºB.....	46
Texto 18: <i>DENTES DE RATO</i> , Sofia Vale, nº 23, 7º E.....	46
Texto 19: <i>MORTE À SEXTA-FEIRA</i> , Jorge Magalhães, nº 17, 10ºB	46
Texto 20: <i>TESOUROS ESCONDIDOS</i> , Ana Nunes, nº1, 12º D.....	47

Texto 21: <i>O PRENÚNCIO DAS ÁGUAS</i> , Ana Luísa Costa, nº3, 10ºB.....	48
Texto 22: <i>NOS TEUS BRAÇOS MORRERÍAMOS</i> , Mariana Pereira, nº19, 12ºD	49
Texto 23: <i>ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ</i> , Raquel Patrício, nº17, 12ºB	50
Texto 24: <i>MANIFESTO DOS ANIMAIS</i> , Salomé Uribe, nº20, 12º D.....	52
Texto 25: <i>O PERFUME</i> , Cláudia Machado, nº 7, Mariana Pires, nº 15, 12ºC	54
Texto 26: <i>A VARANDA DO FRANGIPANI</i> , Vasco Gomes, nº 22, Cláudia Machado, nº 7, 12ºC.....	55
3. TEMPO DE POESIA	57
Texto 1: <i>POESIA SEM AMOR</i> , Diana Vieira, nº6, 9ºD	57
Texto 2: <i>UTOPIA IMPERFEITA</i> , Ana Cláudia Proença, nº2, 12ºA	58
Texto 3: <i>ODE MUSICAL</i> , Rita Seguro, nº24, 12ºA.....	59
Texto 4: <i>ODE</i> , Mariana Miranda, nº18, 12ºA	59
Texto 5: <i>ROSA NEGRA</i> , Amanda Hoeckele, nº27, 10ºC.....	59
Texto 6: <i>CURSO BÁSICO DE RELAÇÕES HUMANAS EM SETE LIÇÕES</i> , Lúgia, nº 15 e Sara nº 22, 7º B	60
Texto 7: <i>AVENTURA</i> , Ana Catarina Gonçalves, nº 2, 8ºD	60
Texto 8: <i>ESTAÇÕES</i> , André Silva, nº 2, 8ºC.....	60
Textos 9: <i>POEMAS DA PRIMAVERA</i> , 7º Ano.....	61
Textos 10: <i>PENSAMENTOS DE PRIMAVERA</i> , 7º A.....	61
Texto 11: <i>A PRIMAVERA CHEGOU</i> , Ana Gomes, nº 1, 7º E	62
Textos 12: <i>PRIMAVERA</i> , Ana Fernandes, nº 2, 7º E	62
Texto 13: <i>PRIMAVERA FLORIDA</i> , Ana Luísa Almeida, nº 4, 7º E.....	62
Texto 14: <i>LINDA PRIMAVERA</i> , Inês Guimarães, nº 15, 7º E	62
Texto 15: <i>CHEGADA DA PRIMAVERA</i> , Sofia Isabel, nº 24, 7º E	62
Texto 16: <i>O MEU MUNDO</i> , Diogo Azevedo, nº 12, 7º C.....	63
Texto 17: <i>ODE À CONDENAÇÃO SOCIAL</i> , Mariana Mota e Vânia Ferreira, 12ºB	64
Texto 18: <i>ODE SOCIAL</i> , Cláudia Machado, nº7, 12ºC	64
4. NOTÍCIAS EM PROJECCÃO.....	65
1ª Notícia: <i>O NOSSO MAGUSTO</i> , Carla Alexandra Teixeira, nº3, 2ºA	65
2ª Notícia: <i>RELATÓRIO DE VISITA DE ESTUDO</i> , Alunos do 1º B.....	66
3ª Notícia: <i>UMA VISITA AO ARQUIVO</i> , Fernando Amaro, 1º B	66
4ª Notícia: <i>UMA VISITA DE ESTUDO</i> , Júlio Portela, nº 18, 10º B	67
5ª Notícia: <i>A NOSSA FESTA DA PRIMAVERA</i> , 7º E	68
6ª Notícia: <i>OS RESÍDUOS, UM TEXTO, UMA PEÇA, UM PROJECTO</i> , Ana Paula Sá, professora ESPL e Raquel Oliveira, nº 17, 10º F.....	68
7ª Notícia: <i>ECOS DE MAFRA</i> , Filipa Paulo e Helena Fernandes, 12º A, C.....	70

8ª Notícia: CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Mariana Pires e Vasco Gomes, 12º C	70
5. OUTRAS LEITURAS	71
Texto 1: IMAGEM "PAI E FILHO", Jorge Rodrigues nº 16, 10º B	71
Texto 2: IMAGEM "UMA PAISAGEM GELADA", Júlio Portela, nº 18, 10º B	72
Texto 3: IMAGEM "UMA PAISAGEM GELADA", Vasco Campos, nº 28, 10º B	72
Texto 4: IMAGEM "YES/NO", Cláudia Oliveira, nº 9, 10º B	73
Texto 5: IMAGEM "SER FELIZ", Cristiana Lage, nº 7, 10º F	73
Texto 6: IMAGEM "WWW", Vanessa Matos, nº 23, 10º F	73
Texto 7: FILME <i>O SEGREDO DE TERABÍLIA</i> , Ana Catarina Gonçalves, nº2, 8ºD	74
Texto 8: FILME <i>O AMERICANO</i> , Susana Fonseca, nº25, 10ºB	74
Texto 9: A SÉRIE <i>DR. HOUSE</i> , Francisco Andrade, nº5, 8ºB	74
Texto 10: DESFAZ A MALA FEITA, Ana Luísa Miranda, nº 3, 12º A	74
Texto 11: A CRIANÇA QUE FUI, Hugo Mendes, nº12, 12ºA	75
Texto 12: KANGAHAR NO AFEGANISTÃO, Marlene Macieirinha, nº27, 10ºD	76
Texto 13: A MORTE CHEGA CEDO, Ana Helena Leite, nº3, 12ºE	77
Texto 14: SEGUE O TEU DESTINO, Inês Cunha, nº12, 12ºE	78
Texto 15: A MISÉRIA DO MEU SER, Camila Uribe, nº8, 12ºA	78
Texto 16: SE PENSO MAIS QUE UM MOMENTO, Mariana Miranda, nº18, 12ºA	79
Texto 17: LIBERDADE, Sílvia Carvalho, nº27, 12ºA	80
Texto 18: IMAGEM "A SOLIDÃO", Inês Salafranca, nº 13, 10º A	81
Texto 19: VEM SENTAR-TE COMIGO, LÍDIA, Mónica Moreira, nº20, 12ºD	82
Texto 20: IMAGEM "OS AMANTES", Mariana Oliveira, nº 15, 10º C	83
Texto 21: ANÚNCIO, Tiago Nogueira, nº26, 11ºE	84
Texto 22: TEXTO ICÓNICO, Filipa Correia, nº 10, 10º A	84
Texto 23: FILME "OS CORISTAS", Joana Pinto, nº13, 10ºC	85
Texto 24: FILME "OS CORISTAS", Daniela Mota, nº 8, 10º C	85
Texto 25: FILME "OS CORISTAS", Teresa Sá, nº23, 10ºC	86
Texto 26: FILME "OS CORISTAS", Mariana Oliveira, nº 15, 10º C	86
Texto 27: FILME "VISTO DO CÉU", Adriana Barros, nº 1, 10º B	86
Texto 28: FILME "TAKEN", Gonçalo Porto, nº 12, 10º B	87
Texto 29: SÉRIE "Harry Potter", Rui Coelho, nº24, 10ºB	87
Texto 30: FILME "HARRY POTTER E OS TALISMÃS", Ivo Camelo, nº13, 10ºB	88
Texto 31: FILME "A REDE SOCIAL", Pedro Ferraz, nº21, 10ºB	88
Texto 32: FILME "A COR PÚRPURA", André Terreiro, nº5, 10ºB	88

6. ESCREVIVER ou VOZES DA COMUNIDADE	89
Texto 1: LER COM A LUZ APAGADA, António Manuel Rodrigues.....	89
Texto 2: MISTÉRIOS DA ESCRITA, Maria Ema Alves.....	91
Textos 3: POEMAS, Maria Assunção Pinheiro	91
Textos 4: POEMAS, Maria Dulce Soares.....	92
Texto 5: MON JOURNAL INTIME, Celeste Paulino e Pessoa	93
Texto 6: DEVINETTE, Teresa Barbedo	94
Textos 7: POEMAS, Pedro Tavares.....	94
Textos 8: AS PALAVRAS BELAS E UM PENSAMENTO, Conceição Teixeira	95
Texto 9: LIVROS E LEITORES, OS ACTORES PRINCIPAIS, Margarida Lino.....	95



Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago, *A Jangada de Pedra*

1. A ESCRITA EM PROJECTO

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** interliga o aperfeiçoamento das competências de leitura e de escrita, como modalidades complementares e interactivas da língua, num *continuum* construtivo de uma mesma competência comunicacional e linguística.

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** pretende o reforço do aperfeiçoamento da competência comunicativa do aluno, através da resolução de situações-problema e da realização de actividades. Porque a escola é o lugar natural de formação de leitores e escritores, de aquisição do hábito e do gosto pela leitura e pela escrita.

A Escrita em Projecto é uma secção aberta a textos escritos de diferentes géneros e temas, de autoria singular ou colectiva. Não há restrição de tipologia textual, apenas o cuidado habitual na correcção estrutural e linguística dos textos, que devem ser apresentados em suporte informático, prontos para publicação.

Texto 1: CONFLITO DE GERAÇÕES, Sílvia Santos, nº26, 11ªA **Data de edição: Novembro 2010**

O *Conflito de gerações* é um tema muito falado nos dias de hoje. É um problema com o qual nos deparamos várias vezes na nossa sociedade e nas nossas próprias casas. O conflito gerou-se num tempo em que, entre pais e filhos, existia uma enorme falta de comunicação, imposta por duras regras de disciplina, e, em pleno século XXI, ainda não foi ultrapassado.

Uma das causas que leva ao conflito de gerações é o facto de existirem diferenças bastante significativas no modo como se vivia antigamente e como se vive agora. Por exemplo, nos tempos passados, não havia diálogo entre pais e filhos durante as refeições, o que nos dias de hoje é algo indispensável para o bom relacionamento da família e para que haja compreensão entre a mesma. Penso também que a atitude que temos para com os nossos pais é diferente da que os nossos pais tiveram para com os nossos avós, uma vez que antigamente nem pensavam em desobedecer a alguma regra, o que actualmente acontece, visto que estamos constantemente a questionar as regras. Para além disso, nos dias de hoje, existem diversos meios, onde nos podemos informar sobre os problemas que nos rodeiam, algo que não existia no tempo dos nossos pais e avós. Estes meios, por vezes, proporcionam-nos uma maior segurança e confiança relativamente ao que existia antigamente.

As saídas à noite, que na geração dos nossos pais e avós nem eram faladas, é um dos temas que gera conflito, visto que, se por um lado os nossos pais nos querem proteger e têm

medo que algo de mal nos aconteça, por outro lado, nós, adolescentes, queremos sair com os nossos amigos e aproveitar a juventude. Tal leva muitas vezes a discussões, até porque os jovens querem sempre chegar mais tarde do que as horas **que os pais definem como "horas para chegar a casa"**. **Tudo isto leva a uma divergência de opiniões e gera o conflito.**

Na minha opinião, tanto nós como os nossos pais devemos tentar diminuir ao máximo este problema e, como possíveis soluções, penso que nós, jovens, devemos aproveitar o máximo de tempo possível para conversarmos com os nossos pais, fazendo-lhes ver alguns aspectos que nós consideramos positivos na juventude actual e os nossos pais terão de compreender que estamos numa idade em que nos queremos divertir, tal como eles quiseram, e devem dar-nos um pouco mais de liberdade, não se preocupando demasiado.

Texto 2: CONFLITO DE GERAÇÕES, Ana Margarida Vinhais, nº2, 11ºE
Data de edição: Novembro 2010

O conflito de gerações não é um tema recente, é algo que sempre existiu e que sempre irá existir. É fundamental a sua existência, principalmente entre pais e filhos adolescentes, porque é graças a essas discussões que os filhos ganham poder de argumentação, defendem as suas próprias ideias e com isso conseguem criar a sua personalidade: descubrem que são únicos, e não são clones dos pais, o que é muito importante na formação de qualquer pessoa.

Os conflitos podem ser levados ao extremo, e nesse caso as consequências podem ser muito graves, mas referindo-me só às discussões saudáveis, e averiguando as suas causas, concluí que tanto os pais como os filhos são culpados, e, (na minha opinião de adolescente) os pais têm mais culpa do que os filhos. Maioritariamente os pais esquecem-se daquilo que passaram quando eram jovens, querem que os filhos sejam perfeitos e que não passem pela idade da rebeldia, o que vai fazer com que não consigam respeitar a sua individualidade. Obviamente que existem exageros, mas isso também tem a ver com o facto de os pais nunca **terem "travado" o filho quando ele era criança, logo, na adolescência**, ele vai ter muito mais tendência para a rebeldia do que o normal. Outra situação muito frequente é a insegurança dos pais perante as saídas nocturnas e as festas a que os filhos querem ir. Será a grande causadora de muitas discussões e revoltas dos jovens. Na minha opinião, essa insegurança é compreensível, mas tem de ser corrigida, porque os filhos têm necessidade de se divertirem com os amigos e precisam de sentir que os pais confiam neles.

A adolescência é a fase em que os amigos passam a ser a prioridade, enquanto os pais perdem muita importância, tudo aquilo que eles dizem não interessa e, normalmente, nós (os adolescentes), mesmo que não assumamos, pensamos sempre que os pais não conseguem compreender os nossos problemas porque são muito mais velhos, então estamos sempre a recorrer aos amigos para tudo. Para mim, é compreensível que os pais tenham dificuldade em lidar com isto, mas muitas vezes para nós é constrangedor falar com eles sobre os nossos problemas, e isto eu não sei explicar exactamente porque é que acontece, mas acho que já está estipulado na nossa sociedade. Esta é a causa de nós muitas vezes sermos mal-educados, ao não respondermos a algumas perguntas que nos fazem.

Todos estes conflitos normalmente não têm consequências graves, é um castigo aqui e ali, o que só nos ajuda a crescer e a perceber que nem sempre a razão está do nosso lado.

Texto 3: O MARCADOR DE LIVROS, Luís Azevedo, nº16, 7ºD
Data de edição: Novembro 2010

O rapaz foi tomar um banho no mar. De repente, ele ficou ao contrário. Aliás, não foi só ele. Estava tudo virado ao contrário: a sua casa, o mar, as rochas, a areia. Mas, por mais incrível que pareça, tudo se passava como se nada fosse. Os caranguejos andavam normalmente, os peixes também, e as aves igualmente. Ficou tudo assim durante o dia inteiro. O menino foi-se deitar. Ao acordar, já estava tudo normal. Nos meses seguintes, não aconteceu nada de especial. Até que um dia, quando saiu de casa, viu um grande, mas mesmo grande pedaço de cartolina. Reparou então que estava lá qualquer coisa escrita, e, para ver melhor, subiu ao telhado e conseguiu ler: **"Marcador de Livros"**

Ficou pasmado ao ler aquilo. Ele estava dentro de um livro! O menino pensou que estivera tantos anos numa praia, quando tinha um mundo cheio de aventuras à espera dele.

No dia seguinte, agarrou-se ao marcador e viveu grandes aventuras.

Texto 4: A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA, Raquel Ribeiro, nº24, 11ºB
Data de edição: Novembro 2010

A influência da tecnologia nas nossas vidas é um tema que gera alguma polémica entre as diferentes gerações. Hoje em dia, os jovens estão mais dependentes da tecnologia e não me refiro apenas aos telemóveis, mas a todo o tipo de aparelhos electrónicos que utilizam frequentemente, desde computadores, playstations, mp3, dvd's, televisão e outros. Mas, na verdade, não são só os jovens que necessitam da tecnologia no seu dia-a-dia. Esta é utilizada nos empregos, escolas, nas grandes superfícies (hipermercados, supermercados e afins). Sem estes aparelhos, as pessoas não conseguiriam levar um ritmo de vida tão acelerado, pois estes contribuem para a economia de tempo. No entanto, se não a soubermos gerir, a tecnologia acaba por controlar toda a nossa vida. A grande questão que se impõe é: Tecnologia, um vício ou uma virtude? Pois bem, a resposta a esta pergunta é que as pessoas têm que saber estabelecer limites! Temos que saber impor regras quanto ao uso da tecnologia e não desperdirmos tempo, que deveria ser gasto com coisas mais importantes, em frente a uma televisão ou a uma consola que tem o poder de dominar a nossa vida.

Existe um equilíbrio muito ténue entre as vantagens e as desvantagens que o avanço da tecnologia traz para a sociedade. Entre as vantagens, é de salientar a importância da tecnologia na produção industrial. A tecnologia torna a produção mais rápida e, sendo assim, o resultado final é um produto mais barato e com maior qualidade; na realização de trabalhos e pesquisas; na **melhoria do equipamento médico...**

No entanto, as desvantagens que a tecnologia traz são preocupantes: dinheiro gasto na compra de novos aparelhos ou o dinheiro gasto na utilização dos mesmos, tal como a despesa com telemóvel/ telefone; poluição que, se não for controlada a tempo, evolui para um quadro irreversível; desemprego gerado pelo uso intensivo das máquinas na indústria, na agricultura e no comércio (um dos países que mais sofre com este problema é o Japão).

Como podemos verificar, todos nós estamos dependentes da tecnologia. Não há quase ninguém que abdique dela, pois proporciona-nos uma vida mais confortável e mais rápida. Este assunto levanta-nos outras interrogações, tais como: "Quão dispendiosa é a tecnologia?" ou "Como pode ser usada a tecnologia?" (construtivamente / destrutivamente).

Bibliografia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia>

Texto 5: UMA SOCIEDADE FORMATADA, Ana Maria Barbosa, nº2, 10ºE
Data de edição: Novembro 2010

Crescemos a ouvir frases do estilo "ser diferente não é mau", "ser diferente é ser único". Crescemos a ouvir mentiras que nos fazem acreditar que o mundo é um bocadinho melhor do que o que realmente é. Numa sociedade de aparências, regida pela moda e pela contínua e ridícula busca do "corpo perfeito", quem não se encaixa nestas categorias é posto de parte, por muito único que seja. É uma verdade cruel que podemos observar em qualquer lugar, mas principalmente nas escolas, onde a individualidade e a originalidade são cada vez mais escassas, já que, para pertencer a um grupo, temos de nos vestir de acordo com tendências estabelecidas.

E de onde é que os jovens retiram as ideias do que supostamente é "fixe"? Pois, a resposta é simples. As revistas, carregadas de itens a preços muitas vezes exorbitantes, (mas que toda a gente compra, apesar da severa crise em que nos encontramos e que todos os dias faz manchetes nos jornais e na televisão), ditam vezes sem conta o que temos e não temos de usar. A verdade é que a primeira impressão, ou seja, o nosso aspecto físico, é realmente tudo, enquanto a personalidade é, sem dúvida, uma busca em desuso.

Texto 6: A EUTANÁSIA, Miguel Fernandes, nº19, 11ºA
Data de edição: Novembro 2010

A Eutanásia é a prática pela qual se abrevia a vida de um doente crónico de maneira controlada e assistida por um especialista. Isto faculta uma morte sem sofrimento ao indivíduo, que normalmente está em grande sofrimento físico e psíquico.

Neste tema é necessário fazer várias distinções, começando pela eutanásia e distanásia: a distanásia prolonga a vida do doente através de meios artificiais e a eutanásia faz com que a vida do doente seja abreviada. Outra distinção relevante é entre a eutanásia e o **suicídio assistido**, pois na eutanásia é uma terceira pessoa que executa e no suicídio assistido é o

próprio doente que provoca a sua morte, mesmo que necessite da ajuda de terceiros. A eutanásia pode ser dividida em três tipos: a eutanásia activa, a eutanásia passiva e a eutanásia duplo efeito: na *eutanásia activa existe uma planificação e negociação entre o doente e o profissional que vai pôr termo à vida do primeiro*; na eutanásia passiva todas as acções que tenham como objectivo prolongar a vida do doente cessam, levando à morte do doente e, na *eutanásia duplo efeito*, a administração de drogas que visam atenuar a dor em determinado paciente, vai acabar por causar a sua morte.

Tanto a eutanásia como o suicídio assistido representam, actualmente, uma complicada questão de bioética e biodireito, pois enquanto o Estado tem como princípio fundamental a protecção dos direitos básicos da vida e do Homem, existem aqueles que, devido ao seu estado precário de saúde, desejam pôr um fim ao seu sofrimento, antecipando a morte.

José e Fernanda são dois dos inúmeros portugueses que têm a eutanásia como possível **solução para os seus 'problemas'**. José tem SIDA desde os anos 80, sofre de inúmeros problemas de saúde, toma 30 comprimidos e 2 injeções por dia e tem sempre dores no corpo todo. Descreve-se como um "saco de tripas avariado", **prefere morrer a perder a dignidade, diz que "Cada um tem de tratar da sua vida e também da sua morte" e admite estar cansado**. Fernanda agora é saudável, contudo já teve dois cancros. Não quer ficar presa a uma cama ou dependente de medicamentos. Pensa na eutanásia, não só como solução para um possível novo problema oncológico, mas também pela possibilidade de ser confrontada com uma **doença incapacitante, tal como qualquer outra pessoa. Defende que "Tirar a vida à morte não faz sentido" e dá-lhe vontade de rir o "burburinho" que existe em Portugal à volta da questão da eutanásia.**

Para estas duas pessoas, e todas as outras que pretendam realizar a eutanásia, existe uma associação não-governamental chamada Dignitas. Esta associação foi fundada em 1998 pelo advogado Ludwig Minelli em Zurique, já ajudou mais de mil pessoas a morrer e tem seis mil membros. Na Dignitas, quando a pessoa decide avançar com a decisão de morrer, para além dos 30 minutos que a droga demora a fazer efeito, o paciente tem de pagar cerca de seis mil euros. Este tema é bastante pertinente, pois penso que vai ser o próximo assunto a ir a referendo e, visto que, a maioria está a chegar, temos de começar a tomar consciência do que nos rodeia e aprender a ver os dois lados da moeda, para que possamos participar na vida política do nosso país de forma responsável e inteligente.

Bibliografia: Revista Sábado N.º.312; www.wikipedia.pt (eutanásia; dignitas)

Texto 7: VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E IDOSOS, Beatriz Gomes, nº3, 11ª Data de edição: Novembro 2010

A violência é infelizmente considerada um tema da actualidade... dia após dia, mulheres e idosos vivem e morrem em silêncio, vítimas deste tipo de acção. Na nossa sociedade existem pessoas, mais propriamente do horizonte masculino, que têm a necessidade de ter o poder, de se sentirem superiores, recorrendo assim à violência verbal e física, exercendo o seu domínio. Os idosos são vítimas mais vulneráveis, pois alguns estão incapacitados e não têm qualquer instinto de defesa... muitas vezes são vistos como um estorvo e são posteriormente internados em lares, mas serão todos os lares considerados "casa"? Não... uma pesquisa feita pela associação de defesa do idoso alegou ter descoberto lares em que a violência era utilizada com frequência.

As mulheres foram vistas ao longo dos tempos como escravas, empregadas e meio de **obtenção de prazer... eram excluídas socialmente, não tendo direito ao voto**. Infelizmente, estas mentes mantêm-se, **são muitas as mulheres que são submetidas às "ordens" do marido** e silenciosamente são vítimas de violência verbal e física. No dia 25 de Novembro celebra-se o dia da não-violência contra a mulher e neste dia vai realizar-se uma campanha (que será alargada à escola no dia 25), a campanha do Laço Branco, que consiste em envolver mulheres e homens de todo o MUNDO, para que usem nesse dia um laço ou pulseira de cor branca, de modo a que juntos expressemos a nossa revolta perante situações de violência...

Texto 8: JOVENS, QUE FUTURO? Daniela Cardoso, nº8, 11ª Data de edição: Novembro 2010

Hoje em dia, o futuro é cada vez mais incerto.

O abandono escolar, ou a escolaridade feita só até ao nono ano, são cada vez mais notórios, existem assim cada vez mais alunos com outros objectivos, sem ser estudar. Muitos

preferem ir trabalhar ou ficar a viver à custa dos familiares durante longo tempo, sem qualquer tipo de interesse em procurar trabalho ou continuar a estudar.

"Um País que maltrata os seus jovens, é seguramente um país sem Futuro!"-Publicação: Quinta, 29 de Março de 2007-Jornal Sol. Esta frase retrata bem a realidade, pois um país que não permite construir um Futuro e que não aproveita a camada jovem para se tornar num país melhor, é certamente um país sem futuro. Os jovens de hoje acabarão por procurar no exterior melhores condições de vida, abandonando assim o seu próprio país. Na minha opinião, estamos actualmente perante grupos de adolescentes distintos: os jovens que pretendem uma boa formação e que traçam objectivos na vida, tentando alcançá-los; os jovens que recebem más influências, outro tipo de educação, isolando-se assim nos seus próprios mundos, optando por caminhos por vezes negativos, como a droga. Um estudo que consultei mostra que os jovens, hoje em dia, são cada vez mais prematuros a consumir drogas, dos 6 aos 13 anos, 37,4%, e dos 14 aos 18 anos, 62,6% já consumiram droga.

Assim sendo, cabe-nos a nós tomar as melhores decisões, lutar pelo que queremos, para podermos, assim, construir um futuro sem controvérsias.

Bibliografia: <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/droganac.pdf>

Texto 9: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Raquel Brandão, nº14, 2ªA **Data de edição: Novembro 2010**

Ela era insignificante para mim! Tinha pavor daquele olhar, tremia sempre que chegava perto de mim e me tocava com a cauda nas pernas. Não tinha qualquer sentimento por ela, aliás nem era minha! Tem duas orelhas, quatro patas, bigodes, uma cauda e o seu pêlo é preto e castanho e tem um olhar que eu considero arrepiante, mas como eu já referi, ela não era minha. Assim, por que tinha eu que gostar dela? Não tinha, nem gostava.

Devido a alguns problemas familiares, ela agora é minha. Durmo com os pés quentes graças a ela, acordo com ela a cheirar-me o nariz, dá-me com a pata quando quer o leite que estou a beber, deita-se ao pé de mim quando choro. Dá-me "turras" quando quer que lhe coce as costas, senta-se perto do frigorífico para eu lhe dar fiambre, foge de mim quando sabe que vai tomar banho. É a minha melhor ouvinte, é sem dúvida tudo para mim. Ela, de quem falo, é a minha gata, chama-se Micas e deve ter aproximadamente dez anos. Já é velhinha e hoje em dia o meu maior medo é de a perder. Aos poucos e poucos, fui conhecendo-a melhor e percebendo que aquele olhar que tanto me apavorava é um olhar carinhoso que me faz, a cada dia, ganhar-lhe mais amor. Hoje em dia, não me consigo afastar dela. É mais um membro da família e eu amo-a como tal.

Texto 10: OS MEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, Sílvia Gonçalves, nº17, 2ªA **Data de edição: Novembro 2010**

Mais um princípio da semana. Acordo todos os dias à mesma hora. Dou por mim a pensar " que aborrecido, ainda 7h15 da manhã", quando de repente sou abalroada de mimos por uma "coisa" preta. Solto gargalhadas e, numa mistura de emoções, essa coisa preta de nome "Chico" enrosca a sua cabeça no meu ombro até adormecer. Em momentos como estes aproveito para recordar a vinda dele para casa, dentro numa caixinha, uma coisinha preta e pequenina com um lacinho à volta do pescoço, tremelicando de frio, que não parava de miar.

Mas este não é o meu único "tesouro".O outro "tesouro", que já está presente na minha vida há dez anos, vai ser sempre a minha pequenina, é a Luna. Posso considerá-la a melhor amiga, pelo simples facto de que sempre que choro ou estou triste ela está lá para mim. Sempre que estou ao lado dela lembro-me dessas vezes, das suas festinhas e lambidelas, os desabafos, até penso que sou maluca em falar com um animal, mas penso que ela me entende. Gatas como ela há poucas! Estes dois "tesouros" fazem-me sonhar e acreditar que a existência de alguém pode ser especial. Apesar de serem animais, têm tanta importância como se fossem humanos.

Texto 11: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Liliana Rodrigues, nº10, 2ªA **Data de edição: Novembro 2010**

Apresento-vos a Nani, tem 6 anos e é de cor preta.

É muito pequenina, parece-se com um cachorrinho, por causa do tamanho. A minha mãe não queria cães em casa. No entanto, eu e o meu pai sempre quisemos um cão. E, em

30 de Maio de 2004, com 3 meses, a Nani entrou em casa e apaixonámo-nos por ela. Tem os olhos mais salientes que já vi, de uma cor que lembra o delicioso mel. Lembro-me, como se fosse ontem, do primeiro dia no seu futuro lar. Cheirou a casa e tentou, sem sucesso, saltar para o sofá, até que se deitou no meu colo e adormeceu. Tem um enorme respeito e "derrete-se" pelo meu pai. A mim, rosna-me sempre em brincadeiras; às vezes, corremos atrás uma da outra como crianças. Sente, não sei como, quando alguém em casa está doente. Quando pressente doença, não arreda do quarto. Quando estou no meu quarto, e quer ir para a cama dos meus pais, ladra até que lhe dê atenção. À entrada de casa, lambe todos os seus "donos" e salta imenso para chamar a atenção.

A Nani dorme comigo e, incrivelmente, ressona! Nem sei se a vejo como uma espécie de filha. Faz parte de mim e guarda os meus segredos, porque sei que dela nunca vão sair.

Texto 12: CALHAMAÇOS NA REFORMA, Carla Teixeira, nº3, 2ªA
Data de edição: Novembro 2010

Na minha opinião, os portugueses, em geral, não têm um laço de amizade muito forte com os livros. Penso que, actualmente, "A Bola", "O Jogo" ou revistas cor-de-rosa são a escolha dos poucos que praticam a leitura.

O pouco tempo livre, trabalho a tempo inteiro, os filhos e os sogros, a "porreira" da tecnologia são o dia-a-dia da grande parte dos portugueses, ficando assim os calhamaços abandonados e cobertos de pó.

Texto 13: MANTÉM-TE ORIGINAL, Carla Teixeira, nº3, 2ªA
Data de edição: Novembro 2010

É uma noite de lua cheia, o sono não aparece e permaneço na janela, sinto-me bem naquele silêncio natural da noite.

Vivo nesta pequena grande aldeia, onde ainda se diz "coives" em vez de couves. Venero este meio, esta gente, mas há apenas um "alguém" a quem confesso sonhos, segredos e desabafos. O seu nome é livro, tem milhões de anos, várias lições de moral, rico em sabedoria e uma grande virtude: ouve, ouve a qualquer hora ou lugar. Deixei-me de "Morangos Com Açúcar", deixei-me de "Floribella", ou "Casa dos Segredos"! Dediquei-me a um "chaço" com bolor e, ao fim de vinte páginas lidas, o mundo caiu sobre mim. Tanta revista cor-de-rosa! Falar mal dos outros é, sem dúvida, uma fonte de divertimento! Deixem-se disso! Passei a fazer do livro meu colega de viagens. O sentimento cresceu, passou amigo a tempo inteiro, hoje somos melhores amigos e nem nos momentos mais difíceis, tais como dormir com a avó Alice e o seu ressonar, ou mesmo ouvir a professora Isabel Aboim nos seus momentos de tom mais alto, nos separamos.

Dou por mim a falar com o meu amigo livro, a resmungar, a chorar. Tem fama de ser maçudo e apropriado apenas para *nerds*, mas foi com ele que cresci, que me tornei mulher!

Deixo apenas uma mensagem: um dia vais achar que ver "Morangos Com Açúcar" e outros programas do género é uma perda de tempo, alia-te aos livros e mantém-te original!

Texto 14: PALAVRAS ESTRANHAS, Flávia Cruz, nº8, 2ªA
Data de edição: Novembro 2010

Estava na janela a admirar aquela noite tão límpida, aquele ar do campo tão puro, sabendo que na cidade jamais veria algo assim.

Mesmo na minha direcção, ou talvez fosse pura imaginação, vi suspensa uma estrela fulgurante. Irradiava tamanho brilho que chamou a minha atenção.

Saí do quarto e dirigi-me à charneca, de dimensão e suavidade inefáveis. À minha frente encontrava-se um arvoredor misterioso. Decidi desvendá-lo, visualizar a sua beleza escondida. Para meu espanto, descobri uma augueira, com águas tão claras como a minha pele, tão limpas como o céu numa noite de Verão. Logo me apercebi que aquilo não era um juncal, como a minha avó um dia me descrevera, era sim um belo lodaçal onde cresciam limeiras. Sim, é impossível acreditar na sua existência num lugar com tanto lodo, talvez fosse o único sítio do mundo onde pudéssemos ver tal coisa! Lodaçal ou chapaçal, como se ouve dizer no campo, era um sítio onde pouca gente tinha coragem de permanecer. Dizia-se que a mãe Natureza não gostava de tal invasão e, como castigo, os intrusos sofreriam uma tempestade torrencial.

Prescindi de toda aquela beleza e dirigi-me novamente ao meu quarto, já a minha mente ia a divagar sobre os acontecimentos nocturnos. Deitei-me na almofada de todas as noites, com o formato da minha cabeça, num encaixe perfeito. Acordei com o ruído dos carros e de crianças aos gritos e, tristemente, pensei que tinha sido um belo sonho apenas.

Texto 15: A GRAMÁTICA DO AMOR, Flávia Cruz, nº8, 2ºA
Data de edição: Novembro 2010

Podes amar-me ou não, mas eu terei de acordar e viver mais um dia. Podes amar-me ou não, mas eu tenho de ter forças para lutar.

Já tentei conjugar o verbo amar, mas apenas consegui no infinitivo, pois é o teu nome que escrevo, quer no presente, quer no futuro. Já tentei colocar sinais de pontuação no meu sentimento, mas fiquei a sentir que era mais uma vírgula, devido às pausas necessárias, um travessão por tanto dialogar, uns parênteses por tantos extras. No final, será apenas reticências, pois haverá continuação. Estou cansada de ser um pronome pessoal, quero ser um pronome possessivo, quero ser tua, quero que sejas meu, quero proporcionar-te momentos demonstrativos, verás isto, aquilo, isso, aquele. Usei tantas frases para descrever o que sinto, declarei que te amo, interroguei-me se te merecia, exclamei que sim, estou confusa, ah, nome tão abstracto este! Às vezes julgo que, para ti, sou apenas um preposição, a tua namorada de longa data para te consolar até a tua vontade desaparecer.

Quero ser mais, quero ser melhor, quero ser o teu grau superlativo relativo. Sou uma narrativa, com princípio, meio e fim, mas sinto falta de ser uma notícia e dizer-te: Quem? O quê? Como? E porquê? Já me chamaram Fernando Pessoa e até José Saramago, mas hoje sou apenas um nome abstracto da Língua Portuguesa.

Texto 16: A PROTECÇÃO DA NATUREZA, Bruno Azevedo, nº2, 3ºA
Data de edição: Novembro 2010

A Natureza é bela e pura. Quando é necessário calma e tranquilidade, é somente em locais naturais que eu posso usufruir desse estado.

A primeira vez que entrei em contacto com a Natureza foi pela mão do meu avô. Este alertou-me, então, para a sua importância na nossa vida. Baixou-se e explicou-me, apontando para uma árvore, que esta e outras árvores purificavam o ar que eu respirava. De seguida, pediu-me para observar uma maçã, que estava pendurada numa macieira, e disse-me: "Aquele é um alimento que a Natureza nos dá, rico em vitaminas".

Hoje, regresso ao local onde o meu avô me levava e reparo que aquele oásis de outrora **não está devidamente cuidado ... Vejo que aquela macieira está prestes a cair e que só existe** tristeza no rosto das árvores.

Apelo, pois, à protecção da Natureza! Gostaria de percorrer com os meus filhos e netos os mesmos trilhos que o meu avô percorreu comigo, transmitindo-lhes esses ensinamentos.

Texto 17: A BIGORNA E O MARTELO, Francisco Maciel, nº9, 12ºC
Data de edição: Novembro 2010

Vivemos num mundo repleto de luzes, sons, em que tudo gira à nossa volta numa cacofonia incessável. Destes elementos, alguns certamente nos afectarão mais do que outros, moldando e polindo a nossa identidade. A arte é um deles, pois podemos gostar ou não, mas aquela de que gostamos está intimamente ligada ao nosso sentimento, ao nosso ser.

Esta singularidade de ser personalizada é claramente uma prova de que a arte faz parte de nós, definindo o nosso eu. Obviamente que observar um quadro ou ouvir uma música não vai alterar a nossa personalidade radicalmente. Mas a verdade é que a nossa maneira de ser e de agir é influenciada decisivamente pela reacção a esse quadro ou a essa música. Portanto, a arte, influenciando a nossa capacidade de sentir e de reflectir, conduzirá a decisões que fazem de todos nós uma identidade em construção, em constante aperfeiçoamento.

Há também quem diga que o conhecimento de diferentes culturas possibilita uma maior abertura da mente. Arte é cultura, e a música, os livros e os filmes são formas excelentes de aumentarmos o nosso conhecimento. Por associação destes dois raciocínios, podemos dizer que a arte abre perspectivas, possibilita uma mente mais aberta para outras opiniões, ideais, culturas e inovações. Mas a arte também é considerada, por muitos, apenas como mais uma representação da realidade e uma ilusão. Os filmes são a forma mais confortável de vivermos

a realidade no sofá. A música é uma fuga... Auriculares nos ouvidos, caminhado pela rua, o mundo é nosso, ficando a verdadeira realidade adormecida. Contudo, esta fuga ao que nos rodeia permite-nos entrar no nosso eu. Por vezes, sentimo-nos nostálgicos no final de um bom filme ou livro, renascendo assim para o que nos envolve com outros olhos.

A arte é apenas um dos muitos martelos que moldam o ferro quente que é cada um de nós. Estamos assentes sobre esta bigorna esférica de mil e uma cores e feitios, suspensa no infinito. Resta-nos descobrir qual a forma que o ferro tomou. Porque, no final, fica a eterna pergunta: quem és tu e quem é este ser desconhecido ao qual gosto de chamar eu?

Texto 18: C DE CORAÇÃO, Liliana Rodrigues, nº10, 2ªA
Data de edição: Novembro 2010

No dicionário coração significa órgão musculoso, centro da circulação do sangue e, na verdade, é que coração é isso mesmo. Mas não só.

É o coração que guarda o meu amor, o meu ressentimento, a minha alegria, o meu orgulho, a minha mágoa. É ele que bloqueia a saída de todos os meus segredos. Apercebo-me de que, quando estou com dor em alguma parte do corpo, tenho a tendência para massajar essa zona, para acalmar a dor. Nunca esfreguei o sítio do coração, nunca o aqueci com o meu próprio calor, quando me doía sem cessar. Nunca me preocupei a fazer isso, porque às vezes a dor é tão grande que nem eu própria a consigo acalmar.

Pobre coração, trabalha tanto! Acelera quando não deve, deixando-me nervosa. Esfria quando me magoam, aquece quando me amam.

Texto 19: A INFLUÊNCIA DA ARTE, Sónia Monteiro, nº19, 12ºB
Data de edição: Novembro 2010

Ao pensar na questão: "Somos feitos daquilo que lemos, ouvimos e vemos?", apenas uma resposta me surge na ideia. Sob o meu ponto de vista, a arte influencia a forma como pensamos e nos comportamos e, conseqüentemente, aquilo que somos.

Os livros, a música e os filmes influenciam certamente o nosso pensamento uma vez que somos seres sociais. Estamos inseridos num contexto, logo tudo o que nos rodeia irá interferir na forma como nos comportamos. Estes contextos sociais são, muitas vezes, utilizados como argumento de um filme ou de um livro. Há, assim, uma interacção entre a realidade e a ficção. Por isso, temos de considerar a arte fundamental e essencial para o **nosso desenvolvimento. A arte "obriga-nos", muitas vezes, a reflectir sobre situações que** enfrentamos e as respectivas atitudes que tomamos. A música? É um bom exemplo da importância da arte. Repare-se que, quando gostamos de uma música, é porque nos identificamos com ela, talvez a letra ou até mesmo a melodia.

Contudo, há quem não dê qualquer relevância à arte, considerando-a perda de tempo. Muitos vêem-na como pura ficção, sem importância. Existem pessoas que simplesmente não abrem um livro, não vêem um filme e, assim, perdem a oportunidade de criar, sonhar, reflectir e de, no fundo, viver! Hoje em dia, os jovens são um exemplo desta perda, pois alguns não são capazes de ler e reflectir sobre aquilo que lêem. Embora haja jovens que não aproveitam os benefícios da arte, há outros que pensam, imaginam e até transportam esses pensamentos e emoções para o papel. Tornam-se eles próprios produtores de arte.

Concluindo, a influência da arte no ser humano, bem como a sua importância, irão suscitar sempre diversas opiniões. No entanto, eu considero que a música, os livros, os filmes e todas as outras formas de arte marcam a nossa personalidade, influenciando aquilo que somos. Um conselho: leiam, vejam filmes, ouçam música, cultivem-se!

Texto 20: ARTES E VIDA, Ana Filipa Silva, nº2, 12ºC
Data de edição: Novembro 2010

Um pedaço de mim é ciência, um pedaço de mim é literatura, outro é música, outro filme e outro ainda está em aberto.

Quando nascemos, o nosso corpo é um organismo perfeito, em que cada parte tem uma função. No entanto, nascemos incompletos. Cada um de nós vai-se completando ao longo da vida e é por isso que o meio tem um papel fulcral no desenvolvimento da nossa identidade.

Uma das coisas que me ajuda a crescer como pessoa são os livros que leio. A partir deles consigo adquirir uma visão mais ampla do mundo que me rodeia e desenvolvo a minha

forma de pensar, visto que ele estimula a minha capacidade crítica, melhoro a minha capacidade de interpretar e aumento o meu conhecimento. Um exemplo de um livro que me marcou foi " **A menina que não queria falar**", uma vez que, sendo uma história verdadeira acerca de uma menina que foi maltratada desde criança e que graças à ajuda de uma professora de ensino especial conseguiu recuperar, constituiu uma história que mudou o meu ponto de vista sobre certos assuntos e que me abriu os olhos para a realidade.

Outro exemplo, embora não tão marcante como o dos livros, em como as artes influenciam a nossa vida, é a música. A presença da música na nossa vida é incontestável. Ela está em toda a parte e pode apresentar-se das mais diversas formas e maneiras. " **Stand up for Cancer**" foi uma das músicas que mais me inspirou e sensibilizou, dado ter sido criada para encorajar as pessoas com cancro a enfrentar a doença e a lutar pela vida, sempre de " cabeça erguida". Esta canção levou muita gente a abdicar um pouco do seu tempo para ajudar os outros, desenvolvendo nelas o espírito de entreatajuda. Assim sendo, ainda que algumas pessoas não o admitam, a arte, em geral, influencia-nos bastante.

Tudo com o que nos deparamos deixa marcas, mesmo apenas de forma inconsciente.

Texto 21: A ARTE É O QUE SOMOS, Raquel Patrício, nº17, 12ºB
Data de edição: Novembro 2010

A arte chega até nós das mais variadíssimas formas, influenciando-nos constantemente. Os livros que nós lemos, as nossas músicas preferidas, que ouvimos vezes e vezes sem conta, e os filmes que vemos modificam-nos e completam-nos.

Se a arte não tivesse um papel crucial nas nossas vidas, seria assim tão divulgada? Na minha opinião, sem ela não teríamos acesso aos mais variados tipos de conhecimento. Nas escolas, por exemplo, ocorre a promoção da leitura através da realização de contratos de leitura e do estudo de obras integrais, como *Os Maias*, de Eça de Queirós ou *Memorial do Convento*, de José Saramago. No entanto, há quem considere que a arte é apenas uma ficção e que, por essa mesma razão, não podemos retirar dela nenhum conhecimento concreto. Ou seja, a aprendizagem é feita com recurso à experiência e não pelas vivências de outrém. Por exemplo, é muito diferente "pintar um quadro" ou ver um documentário de como se faz, ou ainda ler um livro que explique as diversas técnicas de pintar.

Com efeito, as grandes obras são e serão sempre idolatradas: um pequeno quadro é capaz de mover milhares de pessoas só para o verem; uma música consegue incentivar populações e ser ouvida durante inúmeras gerações; um livro é capaz de imortalizar o autor por ter influenciado ou atingido inúmeras pessoas.

Em suma, a arte é o que nós somos, o contar e recontar de uma história!

Texto 22: MEMÓRIAS DE PASSEIOS EM FAMÍLIA, Rodolfo Pinto, nº19, 10ºF
Data de edição: Novembro 2010

Guardo muitas memórias de infância, mas as que me marcaram mais foram os passeios em família, que tinha por hábito fazer com os meus pais e o meu irmão.

Todos os anos, íamos passar um dia no Norte, ao Gerês, fazendo um piquenique, passeando e, principalmente, desfrutando das belíssimas paisagens e da natureza característica desta região. Estes passeios em família marcaram-me de tal forma que ainda hoje me recordo de todos esses dias passados em família. Nesses dias brincava, falava abertamente com os meus pais, tudo parecia diferente, sentia-me livre e, acima de tudo, muito alegre. Nessas alturas percebia o quanto a família era importante. O sentimento de união entre nós todos estava lá, reforçando a certeza de que a família era a primeira prioridade nas nossas vidas. Essas viagens, para mim, faziam-me esquecer os problemas da vida quotidiana, assim como as distâncias que separavam a família devido ao trabalho. Durante o ano, não havia muito espaço para conviver, devido às responsabilidades de cada um, por isso essas viagens traziam de volta os encontros em falta.

Actualmente, ainda faço viagens, mas não com tanta frequência. Porém, quando regresso ao Gerês, é como se voltasse ao passado, através das memórias de infância. O cheiro da Natureza, o ar limpo e puro daquela região, devolvem-me sempre uma brisa de memórias, dos tempos em que eu pensava que a união familiar seria para sempre. Mas a vida é como os caminhos alternativos das serras, dá muitas voltas.

No entanto, sempre que realizo viagens com a minha família, todas as dúvidas se dissolvem, e tudo fica bem mais claro para mim: O Amor da família é o mais importante.

Texto 23: MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS, Carla Nogueira, nº6, 10ºB
Data de edição: Novembro 2010

Era o meu primeiro dia no quartel de bombeiros, não havia nada para fazer. Entretanto, ouvi-se o centralista a anunciar: "Retorno do Hospital Pedro Hispano para Leça do Balio". Duas voluntárias, que estavam sentadas comigo, chamaram-me para ir também. Chegámos ao hospital e tivemos de esperar pela chave do elevador. Entretanto, apareceu um segurança simpático, que ficou a falar connosco. Depois subimos até ao piso onde o doente se encontrava. Encontrámo-lo e trouxemo-lo para a ambulância.

No caminho íamos sempre a falar com o doente, animando-o, mas como era a minha primeira saída eu não sabia bem o que lhe dizer.

Quando regressámos à casa onde o senhor morava, subimos para o colocar na cama, de forma a ficar confortável. Deixámos o senhor em casa e já estávamos prontas para descer, quando ouvimos a esposa chamar. Agradeceu-nos e deu uma gratificação a cada uma.

Quando regressávamos ao quartel, comentei com as minhas colegas: "Isto é que é!". Porém, o mais importante não foi a gratificação, mas ver a felicidade do senhor, quando regressou ao seu lar, e saber que gostou do pouco tempo que conversámos na ambulância.

Texto 24: MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS, Miguel Sousa, nº20, 10ºB
Data de edição: Novembro 2010

Um dos momentos que marcou realmente a minha vida foi o meu primeiro serviço nos bombeiros. Quinta-Feira, 5 de Novembro de 2009, por volta das 23.00h, foi a data desse acontecimento inesquecível.

O local do acontecimento ocorreu no estabelecimento prisional do Porto e a causa da chamada tinha sido uma queda de um dos guardas. Quando lá cheguei, lembro-me de ir completamente a tremer, pois estava numa pilha de nervos. Tirei o saco de primeira abordagem à vítima e saí da ambulância a correr, pronto a agir.

Porém, mal cheguei à beira do guarda que caíra, fiquei completamente chocado com o que vi. Afinal, o guarda estava morto. Encontrava-se totalmente desfeito, com muitas deformações em todo o corpo. Soubemos então que tinha caído de uma altura de cerca de 7 metros. Lembro-me de meter o cadáver no saco, lembro-me de estar completamente a tremer e quase nem conseguir dizer ou fazer alguma coisa.

De volta ao quartel, continuei a pensar no que acontecera. De noite não dormi praticamente, pois a imagem do acidente não me saía da cabeça.

Foi definitivamente uma experiência marcante na minha vida.

Texto 25: MEMÓRIAS DE UM NATAL FELIZ, Cláudia Freitas, nº 8, 10º B
Data de edição: Novembro 2010

Num dia de Natal e de muito frio, fui à janela, vi neve a cair e pedi aos meus pais para ir brincar. Sabia a resposta antecipadamente:

- Não, vais-te constipar, e, além disso, vamos agora para casa dos avós passar o Natal.

Ora uma criança, com mais ou menos três anos, não fica muito contente com respostas deste género, e, assim, fiquei muito aborrecida.

Quando cheguei a casa dos meus avós, havia muita gente e muita confusão. Cumprimentei os meus familiares e desejei-lhes bom Natal, especialmente ao meu avô, que estava doente, **deitado na cama com uma nota de 20€ na mão para me dar**, e me disse:

- Nunca desistas do que queres, luta até ao fim e não te preocupes!

Na altura não entendi a frase, mas agora percebo, e, no dia seguinte, 25 de Dezembro, fui dar-lhe um beijo, sabendo que o ia perder a qualquer momento. Logo a seguir, recebi a notícia de que nunca mais ia receber o carinho do meu avô. Foi o Natal mais feliz da minha vida e o único que vivi e recordo, sem dar importância apenas aos presentes.

Texto 26: MEMÓRIAS DE UM NATAL NA ALEMANHA, Vanessa Matos, nº23, 10ºF
Data de edição: Novembro 2010

Quando eu era pequena, tive uma das melhores experiências da minha vida. Vivi o típico Natal Alemão, o que me agradou imenso.

Na Alemanha, vive-se o Natal de forma diferente, comparando com Portugal. Lembro-me de ver da janela a neve a cair e de vestir o gorro, as luvas e calçar as galochas de neve. Mal chegava ao jardim, atirava-me para a neve fofa, fazia os chamados anjos e bonecos de neve, obviamente com a ajuda dos meus pais. Eu era a primeira a fazer guerras de bolas de neve. O facto de a neve ser branca, fofa e fria era algo que me fascinava.

Mas não foi só a neve que me concedeu esta bela experiência. A ceia de Natal, que se baseava em chocolate quente, bolachas e outros doces, também me surpreendeu por ser tão diferente da ceia de Natal portuguesa. Finalmente, recordo-me perfeitamente de, dias antes do Natal, os meus pais me levarem a passear pelas ruas, enquanto observava as montras com enfeites de Natal, as outras pessoas que eu considerava gigantes e os flocos de neve que insistiam em cair e lentamente derretiam no solo.

Texto 27: MEMÓRIAS DE PARIS, Tiago Ramalho, nº27, 10º B
Data de edição: Novembro 2010

Nas últimas férias da Páscoa, fiz uma das melhores e mais enriquecedoras viagens desde que tenho memória. Era segunda-feira, e estava eu, juntamente com os meus pais e a minha irmã, no aeroporto, à espera para embarcar naqueles gigantes, parecidos com aves, já que têm asas, chamados aviões.

Quando começámos a sobrevoar a nossa cidade de destino, começou a haver alguma (pouca) turbulência, contudo o suficiente para despertar gritos e choros de bebé. Ao aterrar, como é costume, houve a tradicional salva de palmas, pelo facto de a viagem e a aterragem acontecerem sem incidentes. Fomos procurar o hotel, para lá deixar as bagagens. Depois decidimos ir descobrir um pouco da cidade. Em primeiro lugar, impressionou-me a enorme rede de linhas de metro, cerca de catorze (!), para não falar na cidade em si. Durante a semana, fomos visitando os monumentos, os museus e os locais mais importantes, incluindo o maior museu do mundo, o Louvre, e a Torre Eiffel, conhecidíssima também, marco da cidade. Visitei igualmente um dos melhores (se não o melhor) parque de diversões da Europa.

Foi inesquecível. Mas esqueci-me de referir o nome da cidade. Sei que já adivinharam. É, claro está, Paris.

Texto 28: MEMÓRIAS DE PALMA DE MAIORCA, Ana Cruz, nº2, 10º F
Data de edição: Novembro 2010

Quando eu era pequenina, por volta dos sete anos, os meus pais, juntamente com a minha família, decidiram fazer uma viagem até à Ilha de Palma de Maiorca.

Depois de tudo combinado e marcado, chegou o dia desejado. Bem cedo, fomos para o aeroporto e entrámos no avião. Porém, quando chegámos ao destino, a minha mãe verificou a sua mala: faltavam-lhe as suas pinturas e perfumes. Preocupada, dirigiu-se ao segurança. Passadas duas horas de espera, o segurança chegou com as pinturas os perfumes e explicou que a mala se abriu durante a viagem, tendo caído alguns objectos. Depois de toda a demora, instalámo-nos nos quartos e fomos dar uma volta, para explorar a ilha. Naqueles dias de férias vi coisas lindas, que não esperava ver. Embora fossem apenas cinco dias, todos foram aproveitados ao máximo. Durante os passeios pela ilha, encontrei caída uma pulseira e guardei-a comigo. Pode ser cisma ou superstição, mas, desde que a uso, sinto que me traz sorte **em muitos aspectos, no amor, na amizade...**

Foi a minha primeira e única viagem que fiz, mas adorei! Vivi aqueles cinco dias intensamente e ainda tive a sorte de encontrar o meu amuleto da sorte.

Texto 29: MEMÓRIAS DE ESPANHA, Frederico Carvalho, nº 9, 10º F
Data de edição: Novembro 2010

Quando era pequeno, fiz uma viagem a Espanha. Essa viagem foi uma experiência marcante, porque foi a primeira vez que saí do país em que nasci.

Nessa viagem, aconteceram situações espectaculares, como por exemplo a visita a monumentos, estádios, jardins e antiquários, com objectos muito antigos. A viagem marcou-me ainda pelos companheiros de viagem, uma vez que não fui só com os meus pais, mas também com colegas de futebol. A equipa de futebol, em que jogava na altura, participou numa série de jogos do escalão sub-onze.

Esse torneio e essa viagem ficarão para sempre na minha memória, pelo facto de a nossa equipa ter chegado à meia-final, bem como pelas brincadeiras, pelas pessoas que conhecemos, pelos prémios que ganhámos. Para mim foi a melhor viagem, porque foi a primeira que realizei com a minha família, com os meus colegas, com os meus amigos de futebol e com alguns amigos de família. Foi uma viagem bastante divertida.

Texto 30: MEMÓRIAS DE UM ACIDENTE, Pedro Cordeiro, nº22, 10ºB

Data de edição: Novembro 2010

Um dia, era eu ainda uma criança, fui passear com o meu pai de carro até ao centro da cidade. O meu pai tencionava aproveitar para fazer algumas compras.

O dia estava a ser muito divertido. Já tínhamos passeado a manhã inteira e, como estávamos um pouco fatigados, decidimos parar num restaurante para almoçar. À tarde, antes de regressarmos a casa, o meu pai parou o carro em frente de uma padaria e foi comprar pão. Porém, como eu estava cansado, disse-me para ficar à espera no carro.

Ao ficar só no carro, comecei a brincar e, por inocência, descaí o carro. A rua era muito movimentada e, mal o destravei, outro carro embateu no nosso. Felizmente, não me magoei, mas, quando olhei pela janela, reparei que o condutor sangrava da testa e todo o meu corpo estremeceu. Alertado pelo estrondo, o meu pai saiu da padaria, foi a correr ter comigo e chamou, de imediato, uma ambulância. Penso que o meu pai também ficou muito nervoso. Quanto a mim, fiquei uma semana completamente apático. No final, nada de muito grave aconteceu e o condutor saiu do hospital duas semanas depois.

Texto 31: MEMÓRIAS DE CRIANÇA, Sara Miranda, nº21, 10ºF

Data de edição: Novembro 2010

Quando era pequena, por volta dos três anos, cometi aquilo que eu achava ter sido um crime terrível. A minha mãe gostava imenso de decorar a casa e havia livros por toda a parte. Certo dia, tive curiosidade de abrir um desses livros que se encontrava na estante. Era um livro antigo, com uma capa revestida por um cartão de cor verde e bastante resistente, o qual a minha mãe adorava ver na decoração da sala. Como criança, a minha curiosidade levou-me a entornar um pouco de sumo no livro, para ver o que acontecia. É óbvio que o livro ficou com uma grande mancha numa das páginas. Na altura, achei que tinha cometido um erro imperdoável. A minha consciência estava de tal modo pesada que decidi esconder o sucedido.

Passaram-se dois anos. Nunca ninguém tinha aberto o livro nesse período, mas ainda me sentia bastante culpada. Decidi então relatar a situação vivida e explicar à minha mãe o que tinha acontecido. Foi a primeira vez que menti à minha mãe, pois disse-lhe que a situação tinha acontecido naquele momento e não há dois anos atrás. Contudo, mais uma vez, a minha consciência pesou e fui obrigada a contar-lhe a verdade.

Texto 32: MEMÓRIAS DE MEDOS E SUSTOS, Andreia Fonseca, nº5, 10ºF

Data de edição: Novembro 2010

Em pequena, o meu grande medo e os meus maiores pesadelos eram basicamente por causa do Bicho-Papão. Ora esses medos tinham uma causa, pois sempre que eu decidia fazer birras ameaçavam-me com o dito bicho. Diziam-me que iam telefonar-lhe para ele me vir buscar e levar-me dentro do seu saco. Quando ouvia essas ameaças, todo o meu corpo tremia como se tivesse levado com um balde de água fria.

Quando a noite chegava, escondia-me debaixo dos cobertores, mas, depois, ia para dentro do armário, pois eu pensava que o bicho, ao ver o volume dos cobertores, descobriria logo se eu lá estava. Sim, porque o Bicho-Papão não era pateta nenhum, era até bem inteligente. Afinal, ele sabia o segredo de viajar desde a sua gruta até minha casa em cinco segundos, pois era uma criatura horrível e maquiavélica. Os adultos não percebiam, mas eu sabia que ele queria levar as crianças para fazer experiências sobrenaturais. Eu também sabia que ele já tinha comido todos os ratos do seu laboratório, mesmo os mais pequeninos.

Passaram os anos... Hoje, quando recordo esse "senhor", é que compreendo o quanto ele me fez sofrer. Agora até consigo rir-me da situação e perdoar a quem me ameaçou.

Mas, se um dia encontrar o Bicho-Papão a passar na rua com o seu saco às costas, acreditem que ele vai ouvir poucas e boas, pois graças a ele passei muitas horas sem dormir e isso não é coisa que se faça a uma criança. Digam-me: tenho ou não tenho razão?

Texto 33: MEMÓRIAS DO MEU AVÔ, Ana Luísa Costa, nº3, 10ºB
Data de edição: Novembro 2010

Ainda me lembro quando me deram a notícia.

Estava em casa a preparar-me para ir ao dentista, quando a minha mãe bateu à porta três vezes e a abriu lentamente. Eu olhei para ela, enquanto se sentava ao meu lado, com uma cara apática. Ela olhou para mim, e logo vi nos seus olhos tristes e apagados que algo de muito grave acontecera. Devagar, a minha mãe disse-me que o meu avô tinha morrido. O meu melhor amigo tinha morrido. Nesse momento, os meus olhos encheram-se de lágrimas.

No autocarro tudo e todos pareciam ter perdido a cor e, até ao final desse dia, não dirigi a palavra a ninguém. Nessa mesma semana, o meu avô tinha-me dado uma boneca de porcelana, que ainda guardo. Lembro-me de pedir a Deus para trocar a boneca pelo meu avô, pensando ser possível. Esperei durante semanas que ele voltasse e me levasse a andar de mota outra vez, mas nada aconteceu. Durante meses chorei e ainda hoje choro.

Texto 34: O SABOR DA FELICIDADE, Ana Sofia Ribeiro, nº3, 9ºD
Data de edição: Dezembro 2010

Para muitas crianças, a felicidade encontra-se em todos os brinquedos que recebem, nos doces com milhares de sabores que comem. Para muitos adultos, a felicidade encontra-se no dinheiro que têm, pois a preocupação com a falta de dinheiro é constante. Para mim, felicidade é o amor que recebo, é o carinho que me dão. É ter comida quente ao almoço e ao jantar, é poder comer quando tenho fome.

Dizem que o dinheiro compra tudo. Eu acho que não! É obvio que ajuda muito, mas não posso comprar a amizade verdadeira dos meus amigos, o amor das pessoas de quem mais gosto, nem posso obrigar ninguém a gostar de mim. Em tudo há uma ponta de felicidade. O que é preciso é saber encontrá-la! A felicidade está no amor que damos e recebemos.

Texto 35: O SABOR DA FELICIDADE, Alexandra Pereira, nº1, 9ºC
Data de edição: Dezembro 2010

Há pouco tempo, duas amigas falavam sobre felicidade. Para uma, ter felicidade era dar valor àquilo de que gostamos, para outra felicidade era ter coisas boas, todos os dias.

Para mim, a palavra felicidade tem muitos significados. Felicidade não é ter mais "coisas" que alguém, é ter amigos e dar-lhes valor. É um sentimento que também nos faz estar alegres e querer que as pessoas à nossa volta também estejam felizes. Felicidade é lutar para alcançar um objectivo e, no fim, consegui-lo depois de muita luta. É ainda sentirmos que as pessoas gostam de nós e que somos importantes para alguém.

No fundo, felicidade não é uma quantidade de bens materiais, mas sim um conjunto de sentimentos, é aquilo que nos faz estar bem e dar valor ao que realmente temos.

Texto 36: FARYTALE, Liliana Rodrigues, nº10, 2ºA
Data de Edição: Janeiro 2011

Acordei e ainda dormias, peguei num pedaço de papel branco e deixei-te um recado. **Escrevi a letras gordas: "Logo vem ter comigo"**. Saí silenciosamente e deixei-te a descansar. Observei o céu cinzento que anuncia uma chuva e percebi que não tinha o guarda-chuva comigo. Quis voltar para perto de ti, mas sabia que não podia. Era dia e nós combinámos que só nos iríamos encontrar à noite, foi esse o acordo e ambos concordámos cumpri-lo.

Restou-me pegar nos auscultadores e ouvir músicas que me fizessem lembrar de ti, sorrindo feita parva, enquanto ouvia. As pessoas olhavam-me com desdém, como se nunca me tivessem visto a sorrir. Ou então o meu sorriso estava diferente. Não sei, apenas sei que tudo ao meu redor não existia, o vaivém de carros e de pessoas passavam-me completamente ao lado. Não queria saber de mais nada, porque estavas no meu pensamento.

Quis realmente que o dia passasse a voar, para poder estar contigo. Cumpri todas as tarefas, tomei o meu habitual café, e, por fim, voltei a casa.

Tinhas levado o bilhete contigo, por isso sei que virias. Caí na cama e esperei por ti. Adormeci e num instante estavas comigo. Sonhei contigo até de manhã.

Texto 37: NÓS E A ARTE, Ana Luísa Miranda, nº 3, 12º A
Data de Edição: Janeiro 2011

Num lugar que se chama mundo vivem pessoas. Estas pessoas olham, vêem, sentem e pensam de maneiras distintas. Isso é o que as torna únicas e é isso que dá cor a cada dia de uma vida. Faz parte da nossa condição e não há como negar: por detrás de cada cara com que nos cruzamos há uma identidade.

Não basta assinar, não chega uma fotografia, nem é de longe suficiente um documento de identificação para nos definir. Se me perguntam quem sou, não sei responder; mas alguma coisa terei para contar. E, tal como eu, muitos terão alguma coisa para dizer. Há que **olhar para o "eu" e perceber naquilo em que nos tornámos. Há que perceber que não somos** um desenho que fazemos conforme a disposição, mas sim a imagem daquilo que contribui para que assim fôssemos. Falo daquela música que nos faz entrar numa dimensão à qual não chegamos sem ela; falo de obras de grandes artistas como Monet ou Almeida Garrett que nos fazem viajar, sonhar e acreditar; de filmes que nos despertam para a vida real, ou não.

No fundo, somos algo para o qual ainda não encontrei definição. Não se trata de falta de originalidade, trata-se sim de ser genuíno e saber aproveitar o que de melhor nos pode dar a verdadeira arte. E depois há a partilha, a curiosidade, o desejo de ser algo mais ou diferente, tudo o que nos faz adoptar padrões e filosofias de vida. Afinal de contas, é assim que crescemos, é assim que recordamos e avivamos memórias, momentos singulares ou um passado longínquo. É também assim que damos significado ao presente, idealizamos um futuro e somos simplesmente aquilo que somos.

Texto 38: OS CAPITÃES DA AREIA, Cláudia Freitas, nº8, 10ºB
Data de Edição: Janeiro 2011

Certamente já ouviste falar em crianças abandonadas, mas já alguma vez pensaste verdadeiramente nesse assunto? Se não o fizeste, devias fazer, porque todas as crianças merecem ter liberdade e uma vida normal dentro do possível.

Em pleno século XXI, é absolutamente chocante ainda existirem actos cruéis por parte de adultos ou adolescentes. Para ti, é normal um pai ou uma mãe abandonar uma criança? Seja onde for, seja vestido ou não, com sinais de maus tratos ou não, numa cesta ou num simples saco, não interessa! O abandono é pura crueldade. O pior é que, principalmente nós, adolescentes, **gostamos de ser o "centro das atenções", ou seja, queremos ter plena liberdade** a todo o custo, queixamo-nos de tudo o que nos rodeia e, às vezes, somos incorrectos com as **pessoas que nos rodeiam e que gostam de nós... Pensa bem nisto, e no que podes mudar em** ti, para não teres a consciência tão pesada quando, por exemplo, deitas uma simples ervilha fora, porque não gostas ou porque **não te apetece comer... Há** crianças que têm quase sempre um sorriso na cara e, no entanto, não têm nada, nem mesmo o essencial para a sua sobrevivência. Se tivessem a oportunidade de, um dia, comer essa ervilha que tu não quiseste, viam nela a esperança de poder sobreviver mais um dia...

Texto 39: O VOLUNTARIADO, Tiago Ramalho, nº27, 10º B
Data de Edição: Janeiro 2011

Na minha opinião, o voluntariado é importante na construção de um "mundo melhor", dado que consiste em dar sem esperar nada em troca, sem segundas intenções. É a prova de que ainda existe bondade e solidariedade neste mundo, que muitas vezes classificamos de "cruel". É **por causa da atitude dos voluntários que podemos ter esperança num futuro** melhor, mais risonho. Sei que alguns pensam que, como sozinhos não mudam nada, o melhor é nem sequer agir. Mas, se todos fizermos um pouco, o mundo muda. Se todos remarmos na mesma direcção, o barco avança, prossegue em frente. Contudo, se todos remarem para onde quiserem, o barco não sai do sítio. O mesmo acontece com a nossa sociedade.

Existem muitas maneiras de contribuirmos para "um mundo melhor" e sermos voluntários: podemos inscrever-nos em organizações como a Cruz Vermelha ou a AMI, nas quais existem inúmeras tarefas a cumprir, desde distribuir alimentos e cobertores aos sem-abrigo até viajarmos para os países pobres, ajudando os mais desfavorecidos.

Concluindo, o voluntariado é uma forma de ajudar os outros e da dignidade humana ser promovida, para além de nos mostrar que o "bem" ainda está presente neste mundo.

Texto 40: URSO PARDO, Rita Gonçalves, nº 19, 8°C
Data de Edição: Janeiro 2011

Eu sou um urso pardo, vivo na montanha, o lugar mais bonito que há.

É um sítio calmo, silencioso e fresco. Na Primavera é sempre uma alegria sair da toca e ver os salmões no rio, as flores a florir, olhar para a montanha e ver os restos de neve deixadas pelo Inverno. Cheira a frescura de Primavera, é bom olhar para os pequenos flocos de nuvens e imaginar figuras. No Verão aquece muito e eu gosto de me refrescar no rio juntamente com os outros animais, a montanha muito verdinha, as árvores cheias de frutos deliciosos e frescos, nem uma nuvem no céu. Às vezes passa uma brisa fresca e sinto-me tão leve como se o vento me levasse para o cume da montanha, como se eu fosse um pássaro. No Outono já é diferente, as árvores começam a deixar cair folhas vermelhas, as nuvens são mais escuras e os pássaros partem para zonas mais quentes. Antes de voltar para a toca e começar a hibernação olho uma última vez para as nuvens, a montanha coberta de neve, as águas dos rios a congelarem, as árvores já "carecas" e os frutos caídos no chão.

Adoro viver aqui.



Bosque de Bétulas, Gustav Klimt

Texto 41: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Ana Nunes, nº1, 12ºD
Data de Edição: Janeiro 2011

A infância é tida como a época feliz, a época da pureza, da inocência. O mundo é um lugar belo, onde o mal não entra, o mal não existe, e, se existe, é derrotado pelo herói, como nos filmes da Disney. Porém, e embora a sociedade não o reconheça, existem "homens que nunca foram meninos". A infância é roubada e os sonhos são substituídos por pesadelos.

Nos países assolados pela guerra, pela fome e miséria, as Barbies são substituídas pelas G3, pelas metralhadoras que furam pele e osso, jorram sangue e vida. Não existem livros de banda desenhada, mas sim minas enterradas que mutilam e matam. Não há McDonald's nem água para sobreviver ou pão para comer. Nascem bebés, mas logo se tornam homens, a quem o carinho foi estropeado e "matar ou morrer" foi ensinado como lema. Não sabem lengalengas, mas são precisos para disparar. A guerra roubou-lhes a pureza e a infância.

Contudo, não é apenas nestes cenários bélicos que fenece a infância. Nas grandes cidades, mesmo debaixo dos nossos narizes, as esperanças de meninos e meninas são violentadas, à mercê de homens cujo estado mental só pode ser de demência, embora estejam perfeitamente lúcidos, aquando das atrocidades que cometem. E o trabalho infantil suportado pelas grandes marcas mundiais? Todos nós, alegados defensores das crianças, continuamos impávidos e serenos a assistir, porque o consumo é uma droga viciante.

Existem "homens que nunca foram meninos" e meninos que morrerão antes de chegarem a ser homens, porque, infelizmente, vivemos num mundo governado por homens egoístas e mimados com o síndrome de Peter Pan, que julgam que tudo é um grande teatro de marionetas, feito para eles brincarem. Há vidas em risco, pequenas vidas.

Texto 42: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Ana Proença, nº2, 12ºA
Data de Edição: Janeiro 2011

Chamam à infância a "Primavera da Vida". Tudo é inocente, colorido e feliz, pois o frio do Inverno vem longe. No entanto, demasiadas são as vezes em que o Inverno chega cedo.

A guerra, a fome e a pobreza congelam os corações dos homens, que, toldados pela sua própria cegueira para a humanidade, procuram roubar o calor de uma criança inocente. Eles usam-nas nos seus propósitos egoístas, talvez por as invejarem, talvez por vingança, ou apenas pelo desejo de as tornarem como eles, obrigando-as a largarem os brinquedos e a pegarem em armas. Situações destas são conhecidas por todo o mundo, sejam "crianças-soldado" em confrontos em África, sejam jovens trabalhadores numa fábrica na China, sejam vítimas da exploração perversa das redes de tráfico humano na Índia. Muitas nunca chegam a ver um único raiar do sol na sua "Primavera da vida".

De facto, a vida no planeta está difícil, e, muitas vezes, famílias numerosas apenas sobrevivem com a colaboração de todos. Mas servirá isto de justificação para retirar à criança o seu único tesouro, dando-lhe uma vida de sofrimento? Nunca! A infância é, e sempre será, o único lugar na nossa vida onde tudo é perfeito, onde os pássaros cantam e o mundo parece coberto de cor e flores. Se nos tempos de tempestade não nos podemos refugiar nesse mundo, o que será de nós? "Os homens que nunca foram meninos" conheceram apenas o "Inverno da vida", graças à injustiça de um adulto que os fez crescer demasiado depressa. Ah, como o mundo seria belo e justo se todos tivéssemos direito à nossa Primavera!

Texto 43: HOMENS QUE NUNCA FORAM MENINOS, Filipa Paulo, nº11, 12ºA
Data de Edição: Janeiro 2011

Dizem que pertencemos a uma sociedade em evolução. Ainda não entendi plenamente este conceito, mas acredito que somos o produto final da máquina da globalização. As pressões externas tornam-nos menos afáveis e comunicativos, enfim, menos felizes. Num momento de introspecção, percebi que a infância é a única época de felicidade plena.

Apreendi que só na infância a máquina da globalização não conseguiu entrar no meu caminho e destruir os meus sonhos. Acredito que a única felicidade plena se vivencia na infância; por isso, deveria ser intocável, colocada numa redoma de vidro, pois os homens que não experienciaram as alegrias da infância nunca poderão atingir a plenitude na vida adulta.

A vida não é apenas o resultado do que vivemos presentemente. Nós, seres humanos, conscientes e cerebrais, possuímos memória. A memória e a lembrança andam de mãos dadas, caminham juntas. Deste modo, a vida dos jovens adultos, que em crianças foram

obrigados a combater em guerras, em combates que não eram deles, tornam-se amargas, frias, distantes, porque a memória e a lembrança continuam a caminhar no seu espírito. Por outro lado, quem nunca pôde satisfazer as suas necessidades fisiológicas e intelectuais durante a infância, poderá sentir revolta e tornar-se violento. Coexistirá, dentro dessas pessoas, a necessidade de justiça e igualdade, mas também sentimentos de angústia e desilusão que se traduzem em tristeza e nostalgia de um bem perdido.

Em suma, os "homens que nunca foram meninos" nunca poderão ser felizes, pois como afirmou Antonie de Saint-Exupéry: "Se tu choras por ter perdido o sol, as lágrimas te impedirão de ver as estrelas". A felicidade é, assim, construída por etapas, e, sem a felicidade da infância, os adultos apenas poderão dizer que "experimentaram sensações felizes".

Texto 44: A POLUIÇÃO, Lin Lin, nº9, 9ºB **Data de edição: Fevereiro 2011**

Hoje em dia, a poluição é um tema mais do que falado e tratado. Têm sido feitos vários estudos para a diminuir, mas não deram resultados até ao momento.

A poluição está por todo o mundo, pois onde há



população há sempre poluição. Muitas pessoas deitam o lixo no chão e não têm consciência do que podem causar. Com a evolução industrial, são lançados fumos poluentes para a atmosfera e esgotos para os rios. Os automóveis também são muito usados e muito



práticos, mas lançam muitos gases tóxicos para a atmosfera e também provocam poluição sonora. Com a ciência, foram descobertas várias técnicas para diminuir a poluição, mas muitas pessoas não as praticam, por causa de factores económicos. De entre essas técnicas, são mais usadas a reciclagem de papéis, a purificação dos fumos, as ETAR para purificação da água, carros que libertam vapor de água. A poluição tem causado a morte de muitos seres vivos, por exemplo, dos ursos polares, que estão quase em extinção, porque os gelos dos pólos estão a derreter com muita velocidade, o que também tem a ver com o aquecimento global.

Texto 45: A POLUIÇÃO DA ÁGUA, Miguel Sousa, nº20, 10º B **Data de Edição: Fevereiro 2011**

Concluindo, a poluição é um mal do nosso tempo. Todos temos de contribuir para a diminuir, de forma a preservar o nosso planeta Terra.

Como é do conhecimento de todos, os problemas ambientais estão cada vez mais a afectar o nosso mundo. Um dos problemas principais do planeta é, sem dúvida, a poluição da água, que afecta tanto o ser humano como os outros seres vivos. Este problema alimenta vários artigos ou notícias, como por exemplo a notícia que eu li, intitulada "Recursos Hídricos sofrem pressão crescente", no Jornal de Notícias.

Nessa notícia foram relatados vários assuntos, como a poluição da água e problemas associados, concretamente a falta de água potável e as consequências para o ser humano. Depois de uma pesquisa, encontrei várias causas para a poluição da água, como por exemplo as actividades agrícolas, as actividades domésticas, os esgotos, as indústrias e as construções



costeiras. Todas estas alterações, a nível químico e biológico, estão a fazer com que a qualidade da água seja cada vez menor. Com tanta poluição e também pela crescente exploração a que a água está a ser sujeita, a quantidade de água continua a diminuir, e isso faz com que a água potável disponível seja também cada vez menor. A escassez de água potável afecta maioritariamente os continentes asiático, africano e sul-americano. Esta falta de água potável é um grave problema para a espécie humana, uma vez que acarreta diversas doenças para o ser humano, muitas delas fatais. Temos o exemplo da cólera, uma doença que mata 1,8 milhões de pessoas por ano. Ultimamente, têm surgido relatos de ocorrências em alguns países europeus, o que é preocupante.

Estas notícias são importantes, não só por informarem, mas também pelo facto de sensibilizarem as pessoas para a escassez de recursos e ajudá-las a mudar comportamentos.

Texto 46: ACTUALIDADE DA OBRA DE VIEIRA, André Silva, nº2, 11º A
Data de Edição: Fevereiro 2011

O "Sermão de Santo António aos Peixes" do Padre António Vieira mantém um carácter actual, apesar de ter sido escrito no século XVII. Assim, esta obra retrata a corrupção social, nomeadamente a exploração dos colonos sobre os índios. Do mesmo modo, a sociedade do nosso tempo é marcada pela corrupção a todos os níveis, fruto do desejo desenfreado do homem pelos bens materiais. Por outro lado, o Padre António Vieira decide pregar aos peixes, dado que os homens não aceitam as críticas, negando o seu comportamento. Nos nossos dias, são várias as discussões, os debates e os estudos feitos que apresentam propostas concretas com o objectivo de melhorar a sociedade, tornando-a mais justa. No entanto, os homens não ouvem, não actuam, o que conduz o país a uma estagnação social, cultural, política, económica e moral.

Em suma, a leitura do Sermão constitui um retrato fiel do nosso quotidiano, uma vez que os homens " Se comem uns aos outros " para atingir a riqueza individual, sendo que, tal como no sermão, " Os peixes maiores comem os menores ".

Texto 47: VIEIRA E OS NOSSOS TEMPOS, Paulino Garcia, nº21, 11º A
Data de Edição: Fevereiro 2011

Nos dias actuais, de profunda crise social, económica e ética, deparamo-nos com um mundo corrupto, poluído, melancólico. Registou-se alguma evolução do Homem através dos tempos? Haverá diferença entre a sociedade de Padre António Vieira e a nossa?

O sermão feito aos peixes, há quatrocentos anos atrás, aplica-se também aos "peixes" de hoje e parece-me que nunca antes, as nossas gerações foram tão rebeldes (uns), displicentes (alguns), sedentos de uma falsa independência (outros), pois rejeitar e/ou desconhecer o passado recente e a educação, é abdicar de uma parte importante da sua individualidade e de uma contribuição positiva para o bem comum.

Na actualidade, os homens guiam-se por imoralidades incompreensíveis. O seu pensamento é condenável, as suas intenções deficitárias e as suas acções perdulárias. Os homens actuais são como arsénico que polvilha o nosso Mundo. Como é possível que a Terra, a única fonte de vida em milhões de anos-luz, seja também o meio que gera tal podridão? Estas almas déspotas são um afrontamento a toda a pureza e beleza que a Vida, tão curta, nos dá! Teremos então evoluído? É certo que vivemos mais tempo, mas não tenho a certeza se estaremos a utilizá-lo de uma forma mais inteligente e racional.

António Vieira apresentou e ilustrou, na sua escrita alegórica, de que maneira o Poder, mal usado pelos "Donos do Mundo", pode apequenar, dilacerar e destruir uma sociedade que pretende ser, ontem como hoje, justa e equilibrada; onde todos nascem iguais e deveriam igualmente ter as mesmas oportunidades. Mas, cegos pela luxúria do *ter*, pela ausência da integridade, cegos no respeito por si e pelos outros, devastam e definham gerações!

Texto 48: O AMOR EM FREI LUÍS DE SOUSA, Sofia Batista, 11ºC, nº 25
Data da edição: Fevereiro de 2011

Em *Frei Luís de Sousa* o amor é considerado segundo vários pontos de vista.

Temos o amor filial e o amor paternal que se encontram patentes na relação de Maria com Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena, a qual se apresenta bastante coesa e unida, tendo por base aquilo que está naturalmente associado a todas as relações entre pais e filhos:

a constante e extrema preocupação dos primeiros pelos segundos. Neste âmbito, podemos também considerar a relação de Telmo Pais com D. Maria, na medida em que este a considera como uma filha que criou e com a qual tem uma relação de intimidade, admiração e respeito.

Quanto ao amor paixão e ao amor de perdição, penso que estes se encontram interligados na presente obra. Tal prende-se com o facto de D. Madalena ter tido a sua grande paixão, não pelo primeiro marido, mas sim por Manuel de Sousa Coutinho, por quem se apaixonou ainda enquanto se encontrava casada. Após a presumida morte de D. João de Portugal, D. Madalena casou-se com aquele que realmente amava, vivendo com este uma paixão cega e infinita, desafiando, assim, o destino. No entanto, este facto acabou por vir atormentá-la anos mais tarde, quando se veio a descobrir que D. João de Portugal, na verdade, se encontrava vivo, tornando assim inválido o seu casamento e ilegítima a filha que resultou do mesmo, o que levou à desgraça e à destruição daquela família.

Finalmente, relativamente ao amor fraterno, podemos associá-lo à relação de Frei Jorge com Manuel Coutinho, bem como com D. Madalena (apesar de não ser directa), na qual se encontram traços próprios de uma união entre irmãos: confidências, carácter apaziguador de um relativamente à aflição do outro e o apoio incondicional em situações de desespero.

Em suma, conclui-se que o amor apresenta várias dimensões, todas elas importantes.

Texto 49: O AMOR EM FREI LUÍS DE SOUSA, Marco Rodrigues, 11ºC, nº15
Data da edição: Fevereiro de 2011

Amor. Um termo complexo, multifacetado e difícil de caracterizar. Um sentimento que se aprende com a vida, de várias formas. É sinal de afecto, de coexistência e de experiência. O amor é o modo como encaramos alguém, como nos identificamos com tal pessoa e o modo em que estamos dispostos a ajudá-lo e a partilhar diferentes momentos da nossa vida. O vínculo que une essa relação varia consoante o tipo de amor ao qual nos referimos.

O amor filial é retratado na relação entre Maria e as suas figuras paternas, Manuel de Sousa e Madalena. Esse amor é marcado pela confiança, pela forma como Maria necessita de seus pais bem como na sua preocupação para com eles. Maria, como sempre perspicaz, preocupou-se com o mau estar psicológico de D. Madalena, sua mãe, após mudarem de casa. Noutra patamar, encontra-se o amor paixão, vivido por casais, tais como Manuel e Madalena. Este tipo de amor é uma marca romântica da obra, estando na base do conflito e da tragédia montada em *Frei Luís de Sousa*. Tal amor é responsável pelo desenlace trágico, mas é apresentado também como o mais forte, capaz de ultrapassar grandes obstáculos. O amor fraterno é o mais geral, aquele que motiva e ajuda. É o caso de Frei Jorge Coutinho que, por compaixão e por grande amizade, ajuda e aconselha Madalena nos momentos mais difíceis. Também foi mostrado por Madalena, ao abrigar o romeiro. Por fim, o amor de perdição leva as pessoas a perderem o controlo para defender e apoiar alguém. Tal acontece, por exemplo, com Telmo Pais que, por momentos, esquece os seus deveres e o seu papel como criado para afincadamente defender D. João de Portugal.

Todas estas dimensões do amor são exaltadas na obra. Considero Almeida Garrett um mestre da escrita, que conseguiu exprimir uma multiplicidade de sentimentos.

Texto 50: ROBINSON E DOMINGO, Ana Catarina Gonçalves, nº2, 8º D
Data de Edição: Fevereiro 2011

Na obra *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem*, em continuação do capítulo XXXVI, Robinson partilhou a vida com o seu novo companheiro, Domingo, e este ensinou-lhe coisas novas e inventou com ele jogos divertidos.

Robinson ensinou a Domingo alguns dos comportamentos e conhecimentos que Sexta-feira lhe transmitira: cozinhar as aves na argila, fabricar flechas e vê-las planar no céu, como gaivotas, apreciar a beleza da pólvora fora da espingarda, quando esta arde e adquire diferentes cores, utilizar as "bolas" como instrumentos de defesa e as regras do retrato araucânio em cinco pinceladas. Para além disso, ensinou-o a fazer construções na areia, a trepar às árvores, a fazer danças conforme o estado do tempo, a pescar com as mãos, a montar armadilhas para caçar, a construir abrigos com troncos e folhas de palmeiras, a fazer utensílios de madeira e a saltar à corda e levantar rochas pesadas para se exercitar.

Juntos, inventaram os mais variados jogos. Fizeram competições para ver quem conseguia gritar mais alto e assustar mais animais ou para averiguar quem inventava melhores receitas com ingredientes desconhecidos. Fizeram corridas com obstáculos em que

tinham como objectivo demorar o menor tempo possível e encontrar o maior número de objectos úteis e interessantes, para depois inventarem um único instrumento.

Para eles, todos os dias foram divertidos e plenos de aventura.

Texto 51: ROBINSON E DOMINGO, Rita Gonçalves, nº 19, 8°C

Data de Edição: Fevereiro 2011

A partir daquele dia, Robinson não pensara mais em Sexta-Feira, estava sempre divertido com o seu novo irmãozinho, Domingo, até que um dia Domingo tropeçou numa pedra e caiu por um penhasco. Ficou bastante ferido, mas Robinson cuidou dele. Nesse momento, lembrou-se das quedas de Sexta-Feira quando lutara com o bode Andoar e de quando cuidara das suas feridas. Aí Robinson sentiu uma grande saudade do velho amigo.

- Sei que sentes saudades do teu amigo. A esta hora ele já é escravo – disse Domingo.

- Eu sei – afirmou tristemente Robinson.

Depois daquele momento, Robinson decidiu prestar homenagem ao amigo, construindo uma estátua de cocos, troncos e folhas de bananeira, de modo a parecer-se com Sexta-Feira. Robinson voltou ao local onde o amigo tinha a pele do bode Andoar e os seus chifres suspensos no ar por uma liana. Cortou-a e transportou aquela pele pesada para junto da estátua, onde voltou a prender a liana a uma árvore. Também pôs junto do boneco um arco e uma flecha e todas as sextas-feiras ia pôr flores junto do boneco e cantava uma canção em araucânio, que o amigo lhe tinha ensinado.

Robinson ensinou a Domingo muitas coisas que Sexta-Feira lhe ensinara e a partir daí foi como se Domingo fosse um pequeno Sexta-Feira.

Texto 52: ROBINSON E DOMINGO, André Silva, nº 2, 8°C

Data de Edição: Março 2011

Robinson acabara de conhecer Domingo.

Domingo, ao contrário de Sexta-Feira, era muito responsável e astuto. Ele tinha aprendido muitas coisas úteis no barco. Como tinha dificuldades ao acordar de manhã, construiu uma engenhoca que consistia num pedaço de vidro atado a uma corda que apontava para Este e, quando o sol nascesse de manhã, a luz era reflectida no vidro e iluminava a cama, acordando-o. Também pendurou alguns sacos com água, que faziam afastar as moscas. Preparou armadilhas para animais de alto calibre. Delimitou uma área para espécies de criação de gado. Criou um isolador que o escondia do céu e do sol, uma vez que no seu país estava habituado ao frio. E criou muitas outras coisas.

Domingo tinha algumas parecenças com Robinson. Nos primeiros dias de seca isolava-se no centro da ilha, pendurava-se numa palmeira e dormia como os koalas. Domingo trouxe um pouco da cultura da Estónia, como os Desportos e outras coisas. Criaram um jogo semelhante ao futebol. Fizeram um campo com uma calçada coberta de líquenes e musgo e o objectivo era chegar ao fundo da linha do adversário com a bola nos pés. A bola era feita de lã de ovelha coberta de resina de coqueiro. Domingo encontrava-se com dificuldade de se orientar na ilha, então criou um mapa com pontos cardeais e locais marcados, a que deram nomes e as respectivas coordenadas. O mapa não ajudou muito, porque Domingo tinha preguiça de o trazer ao bolso. Então apanhou um bocado de enxofre junto ao vulcão e cobriu-o de barro. Quando se perdesse, partia o barro, o cheiro libertava-se e Robinson seguia-o.

Encontraram um lobo selvagem e deram-lhe o nome de Grey devido à cor. Ajudava Robinson a seguir o cheiro do enxofre quando Domingo se perdesse. Mas Robinson às vezes chorava, porque Grey fazia-lhe lembrar o seu amigo Ten. Robinson tornara-se muito protector, porque tinha medo de ver morrer mais um companheiro. Grey era quem caçava para as refeições. A relação entre Robinson e Grey tornara-se cada vez mais forte.

Agora, Robinson, sentia-se feliz com a sua nova vida e novos amigos, então mudou o nome da ilha para “Nuova Speranza”.

Texto 53: SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM, André Nogueira, nº 4 8° E

Data de Edição: Março 2011

Antes de mais, gostaria de referir que a obra de Michel Tournier está associada ao livro de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, do século XVIII. Na verdade, considereei muito interessante algumas partes, mas não gostei muito do momento inicial, dado ser muito descritivo.

A personagem principal é Robinson que é proveniente de *York* e na sua passagem pelo Chile, para estabelecer trocas comerciais sobrevive a um naufrágio. Após uma violenta tempestade, vai parar a uma ilha onde terá de sobreviver sozinho até encontrar um nativo, o Sexta-Feira. Dedicar-se a muitas tarefas para enfrentar a solidão e tenta civilizar a ilha. No entanto, não se sente nada feliz sozinho. Robinson começa por fazer um mapa da ilha e depois constrói um barco, mas esta última tarefa foi estragada, pois não conseguia levar o mesmo para a água devido ao seu peso e ao facto de estar muito longe da praia. Robinson sentia-se a enlouquecer, até que reencontrou o cão, Tenn, e, mais tarde, descobriu Sexta-Feira que se tornará um elemento muito importante na sua vida. Na verdade, foi com estes seus amigos que passou por muitas aventuras e descobertas, desde a explosão com a pólvora até à chegada do navio *WhiteBird*, entre muitos outros episódios...

Quando o navio *WhiteBird* chegou, Robinson descobriu que já estava naquela ilha há 28 anos e que agora tinha 50 anos. Detestou todo o ambiente vivido pela tripulação e decide permanecer na ilha. No dia seguinte, Sexta-Feira embarca para a civilização e um grumete do barco, nascido na Estónia, fica na ilha, por desprezo da tripulação e será a companhia de Robinson. Este passa a ser tratado por Domingo, quer dizer dia das festas, risos e jogos.

Finalmente, é de referir que adorei o desfecho do livro, pois não estava à espera que Robinson ficasse na ilha juntamente com o "Domingo" e que Sexta-Feira partisse da ilha *Speranza* no *WhiteBird*. É um final em ABERTO... (?!).

Texto 54: SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM, Mariana Silva, nº13, 8ºE
Data de Edição: Março 2011

Na minha opinião, a obra *Sexta-feira ou a Vida selvagem* de Michel Tournier constitui uma demonstração de como é ficar sem as regalias da civilização. Na verdade, se imaginarmos uma situação de naufrágio semelhante à de Robinson, nos dias de hoje, percebemos melhor a sua decisão final: ficar na ilha e não regressar à terra onde nasceu.

O autor pretende mostrar a vida de um sobrevivente numa ilha deserta em condições imprevisíveis, trabalhando o detalhe nas suas descrições e na narração dos acontecimentos. O aparecimento de Sexta-feira vem revelar aspectos novos da vida de Robinson, o qual deixa de se preocupar com decisões relacionadas com a sua formação civilizacional, para se preocupar com a vida selvagem que lhe é ensinada pelo índio. Penso que a mensagem da obra é demonstrar que a vida na natureza pode ser muito feliz, pois, apesar da solidão e dos momentos de desespero, Robinson adaptou-se à ilha, deixando de se preocupar.

Finalmente, creio que esta obra não se limita a contar a história de um sobrevivente a um naufrágio, mas é muito actual, pois mostra-nos que a cultura do Outro também deve ser reconhecida e aceite pelo homem ocidental.

Texto 55: SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM, Rui Carvalho, 8ºE, nº17
Data de Edição: Março 2011

Considero a obra *de* Michel Tournier muito interessante, porque trata da história da sobrevivência da personagem Robinson numa ilha deserta. Trata-se de um livro inspirado na obra *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, autor do século XVIII. Depois de uma leitura global da obra de Michel Tournier, penso que a mensagem principal da mesma é demonstrar ao leitor que a cultura dos nativos também é digna de ser admirada pelo homem civilizado, porque estes vivem na natureza e adaptam-se, como, por exemplo, à forma como Sexta-feira trata dos cozinhados, nomeadamente da sua famosa galinha na argila.

Na minha opinião, um dos momentos mais marcantes do livro é o final, em que Robinson decide permanecer na ilha e Sexta-feira opta pela ida para o mundo civilizado, porque tem muita curiosidade em descobrir a vida do homem branco. Resta fazer o apelo à leitura deste livro: os leitores não se irão arrepender, porque a história agrada a toda a gente.

Texto 56: ACORDO ORTOGRÁFICO, Ricardo Machado, nº16, 11º D
Data de Edição: Março 2011

O Acordo Ortográfico consiste num protocolo que institui as regras para todos os países de língua portuguesa adoptarem o mesmo código linguístico. Desde a Implantação da República que Portugal e Brasil tentaram uma reforma ortográfica para que a língua portuguesa deixe de apresentar diferenças entre as normas europeia, africana e brasileira,

sem consequências práticas. Foi em 2008 que Portugal ratificou um protocolo e estabeleceu um prazo de 6 anos para que a reforma ortográfica fosse realmente implementada.

Em primeiro lugar, o Acordo Ortográfico vai uniformizar o código escrito. Neste aspecto, devo realçar que a uniformização é uma consequência do peso da oralidade nos nossos dias. Há uma grande tendência para se escrever conforme se pronunciam determinadas palavras. A fonética do português, usada no Brasil, como que dita a comunicação escrita. Assim, temos **exemplos como a palavra "stress" que no código escrito português nos obriga a escrever entre aspas, dado tratar-se dum estrangeirismo mas, em contrapartida, no português utilizado no Brasil, já se regista esta palavra como "estresse", bem como o uso do estrangeirismo "copy paste" quando na verdade podemos dizer copiar e colar...**

Em segundo lugar, outra grande vantagem do Acordo Ortográfico é o facto de os falantes de língua portuguesa passarem a pertencer a um grupo muito numeroso, com possibilidade de defenderem o respectivo património linguístico a nível mundial. Assim sendo, o Acordo Ortográfico vai tornar a língua portuguesa universal, com mais de 200 milhões de falantes, de importância planetária. Ainda nesta perspectiva, os defensores do Acordo Ortográfico realçam a afirmação da língua portuguesa como língua internacional de trabalho, facilitadora da aproximação entre Portugal e o Brasil. Relativamente à literatura, deixaremos de ter literaturas de cada país para passarmos a ter uma única, a de língua portuguesa.

Pensando, porém, nas vozes discordantes sobre o Acordo Ortográfico, cabe-me chamar a atenção para todos aqueles que argumentam que a aplicação não é consensual. Por um lado, porque o português é uma língua viva, heterogénea e muito rica, sendo difícil submetê-la a uma regra única, sem perder as suas origens, o latim. A língua é falada em vários **continentes, África (Angola, Moçambique...), América (Brasil)**. Há ainda as variantes regionais, palavras como palavras como almairo (armário). Do ponto de vista sociocultural, há pessoas que defendem os falares regionais, como identidade cultural das sociedades, evitando que se perca a memória das populações e ajudando a conservar as heranças culturais recebidas.

Por outro lado, temos ainda a considerar todas aquelas pessoas que são contra o Acordo Ortográfico devido ao receio de não saberem escrever correctamente na nova grafia. Entre as gerações mais velhas, algumas pessoas assustam-se, por exemplo, com a supressão **de consoantes, nas palavras baptismo, óptimo, tecto, etc... que passarão a ter o registo de batismo, ótimo e teto**. Professores universitários como Maria Helena Mateus, da Faculdade de Letras de Lisboa, justificam as variedades nacionais de Portugal e do Brasil bem como de **Angola, Moçambique, Cabo Verde... como línguas oficiais que representam, no decorrer do tempo, as mudanças da sociedade, das artes, da Filosofia e até da própria Ciência**, sendo esta evolução, no tempo e no espaço, um dos aspectos mais evidentes de qualquer língua.

Concluindo, se por um lado compreendo o medo de muitas pessoas ao serem desafiadas para começarem a escrever de uma nova forma, diferente daquela em que aprenderam a escrever português, sou levado a aceitar o Acordo Ortográfico numa visão do futuro e não do passado. Com a uniformização da escrita, a nossa língua vai tornar-se mais poderosa a nível mundial. A evolução das novas tecnologias leva à inexistência de fronteiras, de regionalismos e de dialectos, enriquecendo não só o património linguístico mas também o cultural, ou seja, o próprio desenvolvimento do Homem.

Texto 57: DEPORTAÇÃO DOS CIGANOS EM FRANÇA, Diogo Santos, nº7, 11ºD Data de Edição: Março 2011

"Liberté, Egalité, Fraternité". Este é o lema da França. Mas será que este lema ainda é respeitado? Se bem se recordam, durante o Verão, o governo francês deportou centenas de ciganos romenos e búlgaros. Desde o início de 2010, foram deportados mais de 8000 ciganos.

Normalmente, esta medida não seria contestada, pois a Espanha, a França ou a Itália repatriam imigrantes ilegais de países do Norte de África como Marrocos, Argélia ou Tunísia que, viajando em barcos sobrelotados, procuram uma vida melhor. Mas estes ciganos são romenos e búlgaros. Ora, a Roménia e Bulgária não só são membros da UE, como também **assinaram o acordo do "Espaço Schengen" e, apesar da sua implementação estar datada para Março de 2011, são países que devem de beneficiar de uma certa tolerância neste período**. O Acordo de Schengen permite a livre-circulação de pessoas e bens entre países que assinaram este acordo, todos membros da UE, excepto a Noruega, Islândia e Suíça. Desta forma, apesar de haver controlo nas fronteiras externas desta área, pode-se viajar entre os países-membros apenas com um bilhete de identidade ou passaporte, sem necessidade de visto.

A França defendeu o veto da entrada da Roménia no Espaço Schengen, acusou a Roménia de não usar os fundos europeus para integrar ciganos no seu país e deportou ciganos. Isto é uma atitude inaceitável do governo de Sarkozy, que viola os princípios democráticos. Porém, não é a 1ª vez que a França toma atitudes semelhantes. Parece notar-se um certo nacionalismo na França, procurando a "raça pura francesa" e rejeitando o multiculturalismo inerente à imigração. Certamente, recordam-se da polémica decisão da França em proibir a "burqa" e o "niqab" em espaços públicos. Opressiva ou não, temos que aceitar que a "burqa" faz parte da cultura islâmica e devemos respeitar as outras culturas. Infelizmente, parece que o governo de Sarkozy não concorda com este pensamento e de forma xenófoba tem tomado estas acções, provocando diversos motins em cidades em que as minorias têm mais representatividade tais como Paris, Marselha ou Lyon.

As verdadeiras intenções destas medidas são vistas de modo demasiado extremista. Uns apelidam Sarkozy de nazi, outros dizem que são medidas normalíssimas e que deviam ter sido tomadas mais cedo. Não podemos ver assim as coisas, temos que ser imparciais. O governo francês tem um fundamento para estas acções. Ultimamente, a França tem sofrido uma imigração massiva e selvagem e com a actual crise, é normal que os franceses prefiram que sejam eles a ocupar os postos de trabalho. Não é bonito, não é correcto, mas é algo com que devemos concordar. Assim, o governo francês tem dificultado a vida aos imigrantes. Fala-se em algumas medidas para parar esta imigração como, por exemplo, ceder a nacionalidade francesa apenas a partir da 3ª ou 4ª geração, conceder apoios sociais a famílias numerosas apenas de origem ou nacionalidade francesa e "convidar" os imigrantes a abandonar o país em troca de compensações monetárias. Mas isto não só não resolve a situação como coloca em risco a paz social e, por isso, há que resistir a essas políticas eleitoralistas e securitárias.

Não podemos cair nesta tentação de generalizar, ter preconceitos raciais e culpar os outros. Daí que a atitude da França tenha sido contestada não só pelo Vaticano como pela ONU. Este movimento tende a alastrar-se à Alemanha e Itália, países onde ainda se nota um certo trauma de guerra, apesar de tantos anos terem passado. Se estas atitudes são tomadas pelo próprio governo, isto levará a que se pense que é algo aceitável, o que terá como consequência explosões de xenofobia e preconceito racial. É assim necessário repensar os fundamentos da UE, pois não se pode expulsar um grupo de pessoas da mesma comunidade e defender a sua livre-circulação. A França não pode nunca mais tomar uma medida semelhante, pois isso será um sinal que não há respeito pelos outros países, pela democracia, e, acima de tudo, pela pessoa humana. E a própria França não terá respeito por si.

A França não pode esquecer de que no seu lema também há "Egalité"!

Texto 58: ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA, Teresa nº20, Soraia, nº17, 11ºD Data de Edição: Março 2011

Ao longo dos tempos impôs-se a questão relativa à implementação da escolaridade obrigatória até ao 12º ano: seria vantajoso ou não? A resolução foi tomada e hoje todos os alunos que ingressem no ensino sabem que terão que concluir a escolaridade até ao 12º ano.

Por um lado, esta medida visa aumentar as equivalências académicas e a alfabetização, melhorando a capacidade intelectual dos estudantes de hoje, trabalhadores de amanhã, e representa ainda a subida no posicionamento no ranking da União Europeia, no que concerne aos níveis de escolaridade (valores que desde sempre foram baixos, colocando Portugal nos últimos classificados, com resultados vergonhosos para um país que se diz de desenvolvido).

Por outro lado, a supra-mencionada medida acarreta consequências menos benéficas. A obrigatoriedade da permanência na escola pressupõe algo incontornável, incontestável e tem que ver com a restrição de algo. Isto conduz à ausência de liberdade de escolha por parte do aluno, que a partir dos 15/16 anos já possui a capacidade de decisão e discernimento. Os adolescentes que não ambicionem prosseguir estudos até ao 12º ano, mas que queiram sim ficar somente com o 9º ano vêem o início da sua carreira profissional adiado. Esta restrição originará situações de abandono escolar e desmotivação para os estudantes que não tenham como objectivo progredir na escola. Impõe-se a questão: até que ponto é que a medida proposta pelo governo tem como finalidade o bem-estar e interesse da população?

Pode-se admitir que o aumento da equivalência escolar é importante para a formação de qualquer pessoa. No entanto, há que avaliar os verdadeiros interesses e necessidades da população, visto que, segundo um estudo recente, as pessoas com equivalência escolar igual ao 9º ano arranjam mais facilmente emprego do que os demais com uma escolaridade igual ou superior ao 12º ano. Posto isto, compensará concluir o 12º ano, se o mercado de trabalho

aceita mais facilmente trabalhadores com menos habilitações? Acima de tudo, o ser humano tem direito a fazer as suas escolhas, logo a decisão mais sensata do governo seria a de manter a escolaridade obrigatória até ao 9º ano, altura na qual haverá uma maior maturidade dos alunos para escolher se enveredam pela área profissional ou terminam o 12º ano.

Conclui-se que a escolaridade obrigatória até ao 12º ano é uma posição política que visa fundamentalmente o lugar que Portugal obterá na classificação da U.E., mantendo esta encenação de que se trata de um país muito desenvolvido e que faz uma grande aposta na educação, querendo ser letrado e evoluído quando na verdade, na sua generalidade, não o é.

Texto 59: REFLEXÃO: É ALTURA, Ricardo Machado, nº16,11ºD
Data de Edição: Março 2011

janela fechada. persiana corrida. porta batida. luzes apagadas. pensamento incandescente e sim sou eu ...

lá fora a agitação é grande mas sozinho no meu canto escuro, também eu idealizo a minha própria agitação através das palavras que o escuro aos poucos vai absorvendo. silêncio. a mão desliza e dança ao som da escrita de onde o ritmo é marcado pela simplicidade destas mesmas palavras. silêncio ataca mais uma vez. reflexão. os olhos estão já fechados e a música vai suavemente correndo pelos ouvidos e convida a nossa mente a dançar, ao que esta responde com uma lágrima marcada pelo rosto ... recomposto; avança; a música continua suavemente, e suavemente vai continuando; tudo permanece igual. a janela? ainda fechada. a persiana? ainda corrida. as luzes? ainda apagadas. pois bem, e o pensamento? ó esse, esse tal pensamento que nos torna felizes quando aliado à alegria ou ainda que nos torna mais monótonos quando aliado à tristeza e insegurança; silêncio. pausa. reflexão (profunda) . nos torna felizes, disse eu tal coisa não foi? não, não vou manter tal coisa errônea, prefiro chamar-lhe sensação positiva ou explosão de sentimentos. qual felicidade? qual pessoa feliz? como é o ser humano capaz de aplicar à sua vida uma palavra derivada de uma ilusão a que todos recorrem e tornam utopia? o desenlace do amor de duas essências ou o simples conceito de amizade, vítimas desta ... como é a tal palavra? espera espera ... silêncio... - felicidade! ó sim, era exactamente essa a palavra, e que palavra! (ó e que irónica!); assim seja a quem se deixa levar pela difusão de tal utopia. e porquê uma ilusão? (perguntam inquietamente, ou porque não: inquietamente perguntam?); silêncio. ó! espera, espera mais uma vez; e como corre a música com toda a sua beleza natural; como soa no mar dos meus ouvidos e como entoa nos jardins de meus tais ouvidos; como é a música uma das mais belas criadoras. e que bela é! considero inteligente e bonito associá-la à nossa vida, na medida em que cada circunstância que ocasionalmente nos surja se assume como determinada música. até aqui tudo bem, mas então será esta a vossa pergunta: e onde é que o Homem entra no meio de tanta circunstância e tanta musicalidade? haverá mais simples resposta do que a tomada de posição do Homem a marcar o ritmo e o timbre que melhor entender à sua vida?! ó que harmoniosa é a musicalidade. mas... de ilusão falava eu, pois era? sim sim, na verdade posso mencionar e não de forma errada , mais uma vez que me refiro à tal palavra designada felicidade. e que palavra. de certo não nego que ela até possa existir, mas quem a garante? quem a pode assegurar? silêncio. ela surge sim em certos momentos da vida, por nos sentirmos aparentemente no auge das alegrias e das emoções positivas. acorda! amanhã ela vai-se ... vai-se ... vai-se ... a ilusão foi realmente grande e a queda ainda mais brusca. uma ilusão nunca vem sozinha, após ilusão segue-se o seu prefixo - des. e lá nos encontramos nós mais fracos que nunca, mais debilitados que nunca. e então que tal parece essa melancólica situação? agradável ? que fiel ironia!

as revistas cansam, os noticiários cansam, os jornais cansam, os vícios cansam, a mentalidade vicia e a sociedade regride...

janela fechada. porta batida. luzes apagadas. pensamento incandescente e sim, este sou eu; à procura da minha agitação e do renascer da mentalidade colectiva.

as palavras estão já todas absorvidas, as mentalidades esgotadas, **é ALTURA :**
janela? **aberta**. porta? **aberta**. luzes? **acesas**. pensamento? chegou a tua vez.

Texto 60: UMA BOTA CHAMADA ITÁLIA, Carolina Serrenho, nº 10, 7ºD
Data de edição: Março 2011

Era uma vez uma rapariga que gostava imenso de botas. Ela tinha um armário cheio de botas, mas queria sempre, mais e mais botas. Certo dia, na noite de Natal, ao abrir uma

caixa viu que só tinha uma bota lá dentro! A rapariga estranhou. Era uma bota que falava. Primeiro, ela teve medo, mas depois ficou mais sossegada, sem medo. Deu-lhe o nome de Itálica. A bota gostava muito de brincar ao jogo dos desejos. O jogo era muito perigoso, porque os desejos realizavam-se mesmo.

Certo dia, Itálica disse à rapariga que gostava de se transformar num país chamado Itália. Itálica despediu-se da rapariga e disse-lhe que a rapariga ia estar sempre presente na alma de Itálica. Quando o jogo lhe perguntou qual era o seu desejo, ela disse que queria tornar-se num país, Itália. A rapariga foi viver para Itália e não mais esqueceu a sua bota.

Texto 61: ERA UMA VEZ UMA BOTA, Mafalda Rebelo, nº18, 7ºD

Data de edição: Março 2011

Era uma vez um menino chamado Itico, que era jogador de futebol da equipa Boters. Certo dia, num jogo de futebol, Itico ficou ansioso, porque, se ganhassem aquele jogo, iam à taça Universal - a melhor taça do Mundo. Infelizmente, o director do clube dos Boters morreu de ataque cardíaco e, por isso, não podiam ir à taça Universal sem presidente. Depois de ganharem o jogo por duas bolas a zero, Itico recebeu a notícia. Ficou muito triste, mas teve uma ideia: colocar um anúncio no jornal para contratar um presidente. Recebeu imensas candidaturas para o cargo mais importante no Boters. No dia das entrevistas, as pessoas que se candidataram não agradaram. Itico foi falar com o presidente da taça Universal. Não adiantou, pois o presidente dizia que eles não podiam participar sem presidente. Onde iria ele arranjar um presidente decente, a tempo e horas? Foi então que se lembrou de falar com os seus colegas, e todos concordaram em fazer uma manifestação, na rede social *Botabook* e, antes do início do 1º jogo, todos se vestiram de preto, junto ao Mar Mediterrâneo.

Houve grande adesão à manifestação. No entanto, nada se alcançou, pois houve confrontos entre a polícia e os manifestantes. Itico, desiludido porque a sua manifestação não dera resultados, reparou que o seu país (ainda sem nome) tinha a forma de uma bota. Como Itico era um herói, resolveram dar o seu nome ao país, mudando-o para Itália.

Texto 62: ITÁLIA, UMA BOTA, Carolina Pinto da Costa, nº9, 7ºD

Data de edição: Março 2011

Há muitos anos atrás, existia uma mulher com uns pés muito grandes. Esta mulher vivia em França e, como não se sentia bem, decidiu partir pelo mundo fora à procura de um local onde não gozassem os seus pés. Andou sem parar, mas em todos os sítios era sempre a mesma história. Ela não podia estar em lado nenhum tranquila, sem que a aborrecessem.

Então, um dia, decidiu agir. Tentou fazer uma operação, mas os médicos não conseguiam operar, pois não paravam de rir. Também tentou tapar os pés com um vestido comprido, mas não resultou, porque os dedos ficavam de fora. Essa mulher fartou-se de pensar no que fazer, até que teve uma ideia. Ela pensou em ir arranjar os pés, pois se estivessem bonitos as pessoas não deviam reparar no seu tamanho, e assim o fez.

No dia seguinte, foi para a rua, já com os seus pés arranjados, e o que ela tinha pensado resultou: ninguém ligou ao tamanho dos pés, pois só reparavam na sua beleza. De aí em diante ela foi sempre descalça ou de chinelos para a rua. Como ela antes usava umas botas para esconder os pés, o que é que ela lhes ia fazer, agora que só usava chinelos?! A mulher pensou deitar as botas fora e atirá-las para o mar, mas também queria ficar com uma recordação de antes para não voltar a ficar assim. Então voltou para o seu país e atirou uma das botas e guardou a outra. O mais estranho é que depois de a bota cair no mar começou a crescer, ficando sempre na sua forma e tornando-se num país, Itália.

Sempre que queria recordar o que acontecera, a mulher olhava para Itália, mas não o fazia muitas vezes, para não recordar como as pessoas a tinham tratado antes. Todavia, ela gostou que o mundo ficasse com uma recordação sua.

Texto 63: UM AMOR DIFERENTE, Patrícia, nº18, 9ºA

Data de Edição: Abril 2011

Mónica não podia mostrar a sua filha ao mundo! O que é que as pessoas iriam pensar? Aurora tinha corpo de cavalo, cara humana e, em vez de lhe nascer cabelo, nasciam-lhe serpentes. Quando a menina nascera, Mónica, usando os seus poderes criara um estábulo mágico invisível. Assim, a sua filha poderia viver, sem que as pessoas fizessem troça.

A vida parecia correr bem nesta família até ao dia em que Aurora fugiu, cansada de viver no estábulo. Na sua viagem sentia-se feliz, pois finalmente via pessoas à sua volta.

Um dia, estava a nadar num lago isolado, quando bateu com o casco numa rocha. Desmaiou e estava prestes a afogar-se, quando um rapaz, que estava ali perto, conseguiu salvá-la. Assim que ela recuperou os sentidos, ficou assustada por ele a estar a vê-la. Contudo, ele não parecia impressionado e sorria. Aurora olhou fixamente para o rapaz e viu que ele era Mike, a estrela de cinema mais famosa do mundo. Eles simpatizaram um com o outro e, no dia seguinte, foram dar um passeio. Foram-se envolvendo, até que começaram a namorar. Como é óbvio, foram fotografados pelos paparazzi, o que levantou muita polémica, por causa de Aurora. No entanto, os fãs fizeram campanhas para os apoiar, transmitindo às pessoas que ser diferente não é mau. Aurora e Mike viveram felizes para sempre.

**Texto 64: POEMA "HORIZONTE" DE FERNANDO PESSOA, Filipa Paulo, nº11, 12º A
Data de Edição: Abril 2011**

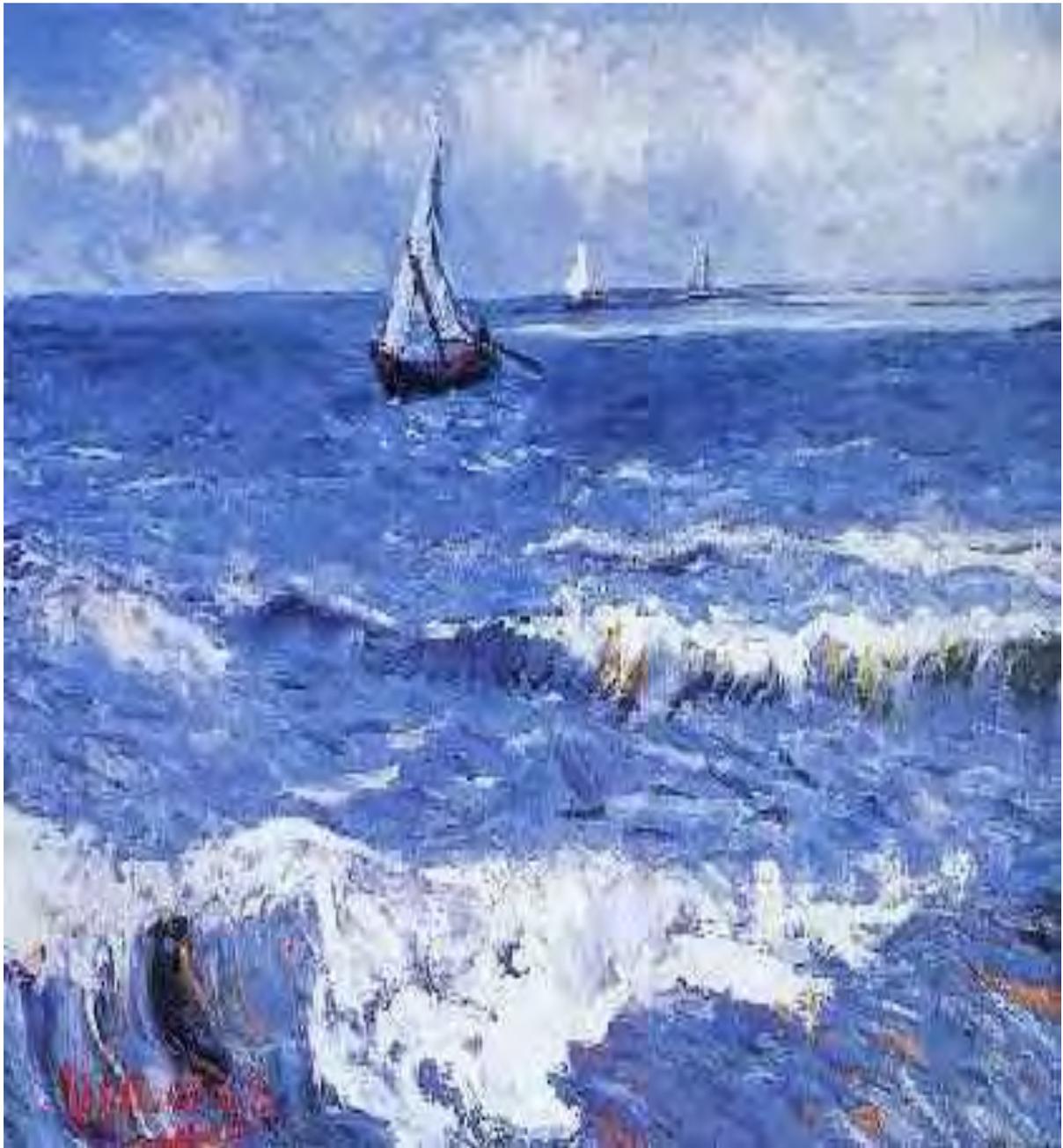
O poema *Horizonte* surge na segunda parte de *Mensagem* intitulada " Mar Português".

O título desta composição apresenta uma enorme carga simbólica: o horizonte é, por definição, a linha em que o céu parece tocar a terra ou o mar, é no horizonte que o céu dá as mãos ao mar e parece que a partir dali nada os separa. Uma vez alcançada, esta linha relewa o desconhecido que brota do sonho e o sonho não é nada mais do que o céu, símbolo do inatingível, do utópico surgindo como metáfora da procura do desconhecido.

O primeiro verso é iniciado com o recurso a uma apóstrofe "Ó mar anterior a nós" que no meu ponto de vista marca um dos segmentos mais importantes desta composição, pois esta interpelação evidencia a existência de um antes e de um depois: um mar e um mundo anterior aos Descobrimentos portugueses e, conseqüentemente, um depois, ou seja um mundo e um mar alterado, renovado pela investida portuguesa. Note-se a importância do pronome pessoal "nós": o sujeito poético assume a voz colectiva dos portugueses. Ainda nesta estrofe podemos identificar uma oposição subentendida, reforça a ideia anterior. O mar anterior aos Descobrimentos portugueses é representado pelos substantivos "medos", "noite" e "cerração" que remetem para o desconhecido e para a face oculta da realidade, e o mar posterior a este feito é figurado pelos excertos "coral e praias e arvoredos", "Desvendadas", "Abria" e "Splendia". O segundo verso leva-me a concluir que os medos que o sujeito inferiu eram infundados, pois a realidade é bela, tem "corais e praias e arvoredos".

O vocábulo "mistério", recorrente na poesia de Fernando Pessoa, representa a reconciliação entre o medo e a ambição, entre o mar e a terra. Dessa reconciliação resta apenas o "horizonte". O "Longe" é o caminho que o medo e a ambição vão traçar e o sujeito poético decidiu conceder-lhes o "Sul sidério" ou seja o Cruzeiro do Sul, uma constelação que garantirá a orientação quando a noite for escura e o horizonte já não for visível. A expressão "naus da iniciação", no sexto verso, é, sem dúvida, uma referência às naus portuguesas, mas também se pode inferir, em última análise, que esta expressão se reporta à figura do Infante, o impulsionador dos Descobrimentos Portugueses. A segunda estrofe é iniciada com a explicitação da definição de horizonte. Esta é essencialmente expositiva, pois o sujeito poético dá-nos a conhecer o resultado da reconciliação entre o medo e a ambição e do papel do "Longe", do "horizonte" e do "Sul sidério". A terceira estrofe inicia-se com a dicotomia entre "ver" e "invisíveis". Ainda neste verso se contempla a fusão dos elementos reais como "ver" e "formas", com as concepções mentais nomeadamente "sonho" e "invisíveis". Os versos "Movimentos de esperança e da vontade, / Buscar na linha fria do horizonte" remetem para a passagem do concreto para o abstracto e indica-nos que o sonho foi o motor que desencadeou os Descobrimentos, reforçando a ideia que "Nem o céu é o limite". Guiados pelo sonho, cada ser é capaz de descobrir os seus "corais e praias e arvoredos". Pessoalmente, acho que o verbo sonhar é tão imperativo como o verbo respirar. Sei que posso nunca vir a conquistar o "Longe", mas nunca temi o "medo" nem o "mistério". Vejo o "horizonte" em todas as direcções. Acima de tudo sei que quando a força me falhar e a vontade de esquecer os "corais e praias e os arvoredos" chegar, eu tenho o "Sul sidério" a orientar-me.

Deste modo, como diz António Gedeão, "o sonho comanda a vida", pois afinal "sempre que um homem sonha/ o mundo pula e avança".



Vista de mar, Vincent Van Gogh

Texto 65: A PRAIA, Lurdes Silva, 1ºB
Data de edição: Abril 2011

É Verão. O dia amanhece na praia e toda ela se ilumina. O sol reflecte-se na água salgada acordando todos os seus habitantes. A areia começa a brilhar, o mar bate nas rochas como se o dia fosse acabar, está revoltado e tem força de leão, levando tudo o que lhe aparece pela frente. Está assim durante algum tempo, porém depois acalma-se e, como que num ato de desculpa, vai-se afastando da areia e das rochas cada vez mais depressa e quanto mais ele se afasta mais calmo e silencioso tudo fica. De repente, começa uma grande correria: a praia enche-se de gente, a confusão e o barulho aumentam e depois aquele lugar calmo de algumas horas atrás já não parece o mesmo, já nada é igual. Até que chega a noite. A calma volta a aparecer como se antes nada tivesse acontecido e é assim, dia após dia.

Texto 66: EMIGRANTES, Ana Isabel Fernandes, nº2, 7º E
Data de Edição: Abril 2011

Eu acho que os emigrantes encontram muitas dificuldades nos países de acolhimento, tais como a língua, pois é difícil encontrar emprego e casa sem saber falar o idioma, para além da vida quotidiana na qual têm dificuldade em fazer amigos que não falam a mesma língua. Na maior parte das vezes têm que ficar com os piores trabalhos e ganhar menos dinheiro do que os naturais do país, tendo mais dificuldades a nível económico, para possivelmente sustentarem os filhos, a eles próprios e o resto da família. Os emigrantes também têm problemas em arranjar casa, por carências económicas, pois as habitações para as quais têm dinheiro são pequenas ou estão degradadas.

Por tudo isto, acho a vida dos emigrantes bastante complicada.

Texto 67: VIDA DE EMIGRANTE, Ana Margarida Monteiro, nº5, 7º E
Data de Edição: Abril 2011

Quando os emigrantes chegam a um país têm com eles a esperança de terem melhores condições de vida, mas, na realidade, é muito difícil para a maior parte deles terem sucesso. Muitas vezes, quando chegam a um novo país, são desprezados pelas pessoas mais ricas que os julgam como uns desgraçados que não sabem fazer quase nada na vida. Mas a realidade é bem diferente. Muitos não têm sucesso na sua nova vida, apenas por não saberem falar línguas estrangeiras. E é à custa disso que não conseguem arranjar emprego para ganharem dinheiro e sobreviverem.

De facto, sem trabalho, não arranjam maneira de sustentar a sua família, pois não conseguem comprar comida, nem arrendar alojamento. Muitos voltam à estaca zero, tornando-se ainda mais pobres do que já eram. Alguns acabam por morrer à fome e ao frio.

Texto 68: O MEU NOME É SUBHAS, João Silva, nº17, 7º E
Data de Edição: Abril 2011

O meu nome é Subhas e sou palestiniiano. Vivo em Nova York, trabalho no Rockefeller Center e ganho menos de 300 dólares por mês. Sou maltratado por todos e estou por um fio no emprego. Quando vim para este país, pensei em grandes oportunidades e riqueza, mas quando cheguei deparei-me com a triste realidade. Cheguei ilegalmente e, no início, pensei em ir para New Jersey, mas os meus planos saíram furados e tive de fugir para a "Big Apple". Sou licenciado em Marketing e Publicidade, mas as inúmeras candidaturas que mandei foram recusadas por ser estrangeiro e, ainda mais, árabe.

Nova York é supostamente uma cidade multicultural, mas nela existe um grande preconceito em relação aos estrangeiros e mesmo quanto a alguns norte-americanos. Depois de muitas tentativas falhadas, vi que havia um lugar na NBC, uma grande companhia televisiva. Mas, afinal, era só mais uma desilusão. Precisavam apenas de mais um empregado que limpasse o chão. A situação viria ainda a piorar. Com a crise financeira no auge, começou a haver despedimentos e eu posso ser apanhado na maré.

Bem, com isto despeço-me e espero passar a mensagem que a vida e o trabalho, num país estrangeiro, são possíveis, mas, por vezes, muito difíceis.

Texto 69: NUM DIA CHUVOSO, Tiago André, nº18, 9ºB
Data de edição: Abril 2011

Num dia chuvoso, Rodolfo decidiu ir visitar os avós ao lar. No caminho, Rodolfo pensava como é que os avós, sempre cheios de energia, apesar de ambos terem 96 anos de idade, tinham ido parar a tal sítio. Para ele, o lar de idosos era um sítio onde se deixavam as pessoas que já não eram úteis, e os seus avós eram os melhores do Mundo. Quando, por fim, chegou ao lar, Rodolfo foi a correr até ao quarto dos avós, Raimundo e Emília, e abraçou-os tão fortemente que, por instantes que, ficaram ofegantes.

-Então, rapazola, já não te víamos há muito tempo! – exclamou Raimundo.

-É verdade, desde o Natal, por isso é que decidi vir - disse Rodolfo.

-Os teus pais também vieram? – perguntou Emília, expectante.

-Não...eles nem sabem que vim!

-Rodolfo! – exclamaram ambos – Por que não disseste que vinhas?

- Porque assim não me deixavam sair de casa, desde que aconteceu...você sabem.

Rodolfo não gostava de tocar no assunto em frente aos avós. A razão pela qual estes estavam no lar era terem escondido à família que tinham tuberculose. Raimundo, antigo soldado, habituado a soltar gritos de raiva, protestou:

- Só por causa da tuberculose?!

A directora do lar, que passava no corredor, mandou imediatamente preparar dois quartos isolados.

Rodolfo foi levado pelos seguranças, enquanto via os seus avós serem isolados. No dia seguinte, encontraram Emília morta no quarto, com lágrimas nos olhos. Deram a notícia a Raimundo, que apenas acenou com a cabeça. Nessa mesma noite Raimundo faleceu, deixando um bilhete que dizia: "Juntos no Amor e na Doença até que a Morte nos separe."

Texto 70: A AVENTURA DA PRINCESA, Ana Lúcia, Ana Luísa, Francisco Cutillo, Inês Guimarães, 7º E
Data de Edição: Abril 2011

Era uma vez uma princesa que vivia num castelo, belo e grande. Um dia, caminhava pela floresta, quando apareceu um animal feroz. A princesa, assustada, correu tão depressa que foi contra uma grande árvore e caiu. Passado algum tempo, um rapaz encontrou-a caída no chão a dormir e levou-a para sua casa. Quando ela acordou, o rapaz perguntou-lhe:

- Como te chamas?

- Eu sou a princesa Diana e tu, quem és? - perguntou ela.

- Eu chamo-me Rodrigo e sou sapateiro. Encontrei-te caída no chão da floresta.

- Muito obrigada por me teres ajudado, mas agora tenho de ir.

De repente, começou a chover, o que impediu a princesa Diana de ir para o seu castelo. No dia seguinte, estava um sol brilhante, o que possibilitava a viagem até ao castelo. Como agradecimento, a princesa convidou-o a conhecer o seu castelo. Foram até ao castelo e a princesa mostrou-lhe todas as divisões e pessoas que o habitavam. A princesa tinha acabado de conhecer um verdadeiro amigo.

Texto 71: O MENDIGO, Ana Cláudia, Andreia Tavares, Daniela Borges, Joana Sabino, 7º E
Data de Edição: Abril 2011

Era uma vez um mendigo jovem que se chamava Manuel e vivia numa pequena aldeia. Um dia, quando ia a caminho do café, encontrou um senhor chamado Joaquim que lhe disse que ele era um mendigo, feio, pobre e rabugento. Ele não gostou do que ouviu. Então, tentou mudar o seu comportamento, mas não conseguiu. No fundo, tinha um bom coração mas ninguém via isso, pois todos fugiam dele, pelo seu aspecto.

Certo dia, uma senhora, chamada Maria, ofereceu-lhe comida. Com medo, Manuel fugiu. O senhor Joaquim, que vira este gesto, percebeu então que não era por o mendigo ser pobre que não podia ter bom coração. Então, Joaquim decidiu pedir desculpas pessoalmente e o mendigo aceitou. O senhor Joaquim ofereceu ao mendigo casa para dormir e tornaram-se amigos. Um dia, Manuel disse ao seu novo amigo que a sua família o tinha abandonado, quando nascera. Joaquim decidiu tentar encontrar a família do Manuel, mas não conseguiu.

Até que o senhor Joaquim se lembrou de adoptar o Manuel, que aceitou, cheio de felicidade. Finalmente, Manuel arranjou uma família. Ao fim de algum tempo, Manuel encontrou uma mulher com quem acabou por casar e viver feliz para sempre.

Texto 72: A ESCOLA DOS MEUS SONHOS, Carolina Serrenho, nº 10, 7º D
Data de edição: Maio 2011

A escola dos meus sonhos é uma escola totalmente diferente das outras.

Gostaria que a escola ideal tivesse um grande jardim, biblioteca com muitos livros, computadores, DVDs, músicas e uma piscina para nadarmos. As disciplinas seriam: Matemática, Ciências, Físico-Química, Artes mágicas, Bolas de cristal, Adivinhação e Quiromancia. Preferia que a minha turma tivesse apenas 15 alunos, todos muito simpáticos, altos, baixos, de todas as cores, mas que fossem amigos uns dos outros. Era divertido se houvesse actividades extra, Culinária, Natação, Jardinagem, Pintura e Desenho, para que os

alunos pudessem contactar com outras realidades. Gostaria que houvesse um laboratório com o mais variado e moderno tipo de instrumentos para todas as experiências possíveis.

Relativamente ao material escolar, este também seria diferente. Os alunos não teriam livros nem cadernos, seria tudo feito no computador. Esta tarefa seria vigiada pelo professor, através do seu computador. Gostaria de frequentar a minha escola de sonho!

Texto 73: A ESCOLA DOS MEUS SONHOS, Carolina Pinto da Costa, nº 9, 7º D
Data de edição: Maio 2011

A escola dos meus sonhos é uma escola com tudo. Essa escola tem dezenas, centenas de andares e em cada um, uma disciplina diferente. No 1º andar, o desporto, onde estariam campos das diversas actividades (desportos), máquinas de exercícios, trampolins, tudo que é preciso para aulas. O 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º são as sete artes: pintura, escultura, teatro, dança, música, literatura e cinema. O português viria a seguir, onde estariam livros, filmes, enciclopédias, todo o material para o professor dar aulas. Depois eram as línguas, como o inglês, o francês, o espanhol, o alemão, o chinês... Mais acima, existiria um andar para cada ciência: matemática, medicina, geologia, biologia, astronomia, geografia... Assim ia completando os andares, cada um com um interesse, uma função. Para os ligar, teria muitos elevadores. À volta, existiria um grande jardim cheio de árvores e bancos, num grande espaço verde. Os professores seriam simpáticos e saberiam manter a ordem. Na escola, só estariam os alunos que quisessem estudar, por isso seriam todos bem comportados.

Esta escola seria realmente diferente de todas as que existem. Eu sei que nunca existirá uma escola assim, mas esta descrição é de como eu queria que uma escola fosse.

Texto 74: TRADIÇÕES DA AMÉRICA, Samantha Padilla, nº 26, 12º A
Data de edição: Maio 2011

Nasci no Peru e fui com os meus pais para o Chile, à procura de melhores condições de vida, o mesmo motivo que me trouxe a Portugal, três anos atrás. Chegada ao final do ensino secundário, talvez continue o meu percurso escolar em Espanha, como tantos portugueses que procuram um curso de medicina, seguindo a sua vocação e não olhando às dificuldades que possam encontrar. Depois de vos ter apresentado o meu primeiro país de acolhimento – o Chile – pensei em vos deixar algumas frases idiomáticas / ditos populares e a receita de uma iguaria típica desse país – “as empanadas”. Começamos pelo estômago:

Empanadas Chilenas - Massa: 1 colher (sopa) de fermento em pó; 2 colheres de margarina; 1/2 colher (sopa) de sal; 1 chávena de água quente; 1 quilo de farinha de trigo; 2 ovos. **Recheio:** 300 gramas de carne picada em cubinhos; 3 cebolas grandes picadas; 3 ovos cozidos e cortados em rodelas; 10 azeitonas. **Temperos:** Alho, óleo, orégãos e sal a gosto. 1 gema para pincelar. Refogar a carne com os temperos numa panela, até ficar macia. Acrescentar a cebola e esperar que fique transparente. Desligar a panela e reservar. Enquanto a carne cozinha, preparar a massa: numa vasilha grande, misturar os ingredientes secos. Derreter a margarina numa frigideira e, em seguida, juntá-la aos ingredientes secos na vasilha. Misturar o ovo e acrescentar a água aos poucos. Amassar a massa com as mãos até que fique lisa e homogénea. Dividir a massa em 10 partes e fazer bolinhas. Abrir as bolinhas com um rolo (deixar com uma espessura fininha) e colocar, bem no centro da massa aberta, 2 colheres da carne reservada, 1 rodela de ovo cozido e 1 azeitona. Fechar a massa, dobrando ao meio e depois dobrar os outros lados, de modo a que a empanada fique com 4 pontas. Pincelar com a gema e levar ao forno pré-aquecido. Obs: Na montagem não colocar a carne com molho, porque é difícil fechar a massa e a empanada abre no forno.

E agora, ... a mente:

Quando el río suena, es porque piedras trae. – Onde há fumo há fogo.

Quando sale el Gato ...los ratones están de fiesta. – Patrão fora, dia santo na loja.

De tal palo, tal astilla. – Tal pai tal filho.

Guagua que no llora, no mama. – Quem não chora não mama.

Al pan pan y al viño viño. – Pão pão, queijo queijo.

Andar com malas pulgas. – Estar com os azeites.

Andar arrastando el poncho. – Estar na fossa.

Cada maestrillo com su librito. . – Cada macaco no seu galho.

El día del níspero. – No dia de São Nunca à tarde.



Ler é sonhar pela mão de outrem.
Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

2. FÓRUM DE LEITURA

O **Fórum de Leitura** constitui um espaço aberto à edição de experiências de leitura de alunos, funcionários, professores e encarregados de educação.

A divulgação da descrição e crítica de obras de autores nacionais e estrangeiros, lidas em contexto escolar ou familiar, é o objectivo de uma secção que tem nas actividades «O Livro dos Livros», «A Companhia dos Livros» e «Viajar com Livros» os expoentes de um esforço colectivo de motivação à leitura individual e sobretudo à aquisição de hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

A publicação de **impressões de leitura de uma obra, de um conto, de um artigo... poderá** funcionar como momento de reflexão de um primeiro leitor e momento de motivação de muitos segundos leitores. Afinal, o escritor só existe em simbiose com o leitor, numa relação mútua de enriquecimento pessoal e cultural. Mesmo que o escritor se distancie no horizonte intransponível do fingimento da palavra, para sempre gravada no tempo. Retomando o poeta, cabe ao leitor todo um sentir múltiplo, eu-ele, pois «Sentir? Sinta quem lê» (Fernando Pessoa, *Autopsicografia*).

Texto 1: O MEU LIVRO IMAGINÁRIO, Patrícia Ferreira, nº13, 2ªA **Data de edição: Novembro 2010**

Eu tenho um livro só meu, onde crio a minha própria história. Tenho histórias de princesas num grande palácio e de animais que falam na floresta, entre muitos outros. Mas hoje vou contar a minha história e a do meu livro, vou imaginar que o meu quarto é uma grande biblioteca e que, entre milhões de livros, há um que fala.

Um certo dia, estava eu à procura de um livro interessante para ler, quando ouvi:

- Ei! Tu aí. Tira-me daqui...

Fiquei assustada, confesso. Segui em frente e voltei a ouvir o mesmo pedido.

- Tu? És tu que me estás a chamar? – perguntei então.

- Sim, claro, vês aqui mais alguém? – respondeu o livro.

Só estávamos os dois, pois os outros livros encontravam-se adormecidos, à espera de serem levados por um apreciador de um bom livro. Eu, cheia de ansiedade, perguntei-lhe:

- Que tipo de livro és tu? Um diário? Um conto de fadas?

- Nada disso. Sou um livro imaginário, onde tu e eu criamos a nossa própria história.

- Podemos criar a história da minha vida? – perguntei-lhe, toda entusiasmada

- Claro, assim terás uma recordação. Poderás mais tarde contar esta grande aventura.

Fiquei tão contente que levei o livro comigo e contei aos meus pais que encontrara um livro na biblioteca, no qual podia criar a minha própria história. Todas as noites eu escrevia, relatando os acontecimentos mais importantes da minha vida. Quando cresci, tirei aquele livro da prateleira e fiz dele o livro mais vendido do país, tornando-me uma autora conhecida.

Texto 2: O CÓDIGO DA VINCI, Joana Freitas, nº 8, 8ºB
Data de edição: Novembro 2010

O Código Da Vinci é um grande êxito mundial, publicado por Dan Brown, onde ele se revela um génio criativo a nível de *suspense* e a nível de complexidade do enredo. Este *best-seller* está traduzido em mais de quarenta línguas e já foi adaptado para cinema. Robert Langdon, conceituado simbologista de Harvard, está em Paris para realizar uma palestra, quando recebe a notícia de que o velho curador do Louvre foi encontrado morto no museu, juntamente com um código indecifrável. Para tentar decifrar o estranho código, Langdon conta com a ajuda de uma criptologista francesa, Sophie Neveu. Juntos descobrem uma série de pistas nas obras de Leonardo Da Vinci, que o grande pintor inteligentemente disfarçou.

O livro é realmente muito intrigante, com muitas pistas a seguir para decifrar o misterioso código. Considero-o um dos melhores livros que li, pelo facto de ter bastantes elementos científicos e abundantes pormenores realistas. O facto de não ter imagens faz com que o livro fique muito extenso e aborrecido, o que torna a leitura do livro mais complexa.

Para quem gostar de mistérios e livros grandes, este livro é o ideal. Acompanhado de um chazinho quente, junto à lareira, com uma manta, nos dias de pleno Inverno.

Texto 3: O CASAMENTO DA MINHA MÃE, Mariana Madureira, nº13, 8ºB
Data de edição: Novembro 2010

O livro *O casamento da minha mãe*, da escritora Alice Vieira, foi editado em 2005 pela editora Caminho e, no dia 28 de Setembro de 2010, foi publicado em Francês por uma editora suíça chamada "La Joie de Lire", em Genebra. Consta que esta editora já publicou alguns livros desta autora, anteriormente.

O livro *O casamento da minha mãe* foi um grande êxito, pelo que está no Plano Nacional de Leitura e é uma obra recomendada para os alunos a partir do 6º ano.

Uma das características desta escritora é escrever no passado e no presente, o que torna um pouco difícil a leitura, se o leitor não prestar atenção. Esta obra torna-se interessante por esta característica da autora, que causa algum "suspense". De facto, quando achamos que a história se vai desenvolver, a autora volta ao passado para fazer uma comparação e, se o leitor não estiver com atenção, perde-se na história.

Texto 4: ÁLBUM MINUTES TO MIDNIGHT, António Gonçalves, nº4, 8ºC
Data de edição: Novembro 2010

Em 2007, a banda "Linkin Park" lançou um fantástico álbum, chamado *Minutes to Midnight*. Este álbum foi um grande êxito em muitos países, tendo sido produzido por dois membros da banda, Rick Rubin e Mike Shinoda. No ano em que saiu, 2007, foi o álbum mais vendido em todo o mundo.

O álbum é realmente bom, porque tem muitos sucessos da banda, traz uma descrição incrível de cada música, a letra de cada uma e um *design* apelativo. No entanto, podia conter as músicas "Numb" e "Faint".

Minutes to Midnight é ideal para passar o tempo de uma maneira fantástica. Podemos ouvir músicas calmas com "Shadow of the Day" ou "Hands Held High", ou então músicas mais energéticas como "Given Up" ou "No More Sorrow". Quando o começamos a ouvir é impossível parar! É ideal para quem gosta de rock.

Texto 5: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Sara Lobo, nº22, 12ºE
Data de Edição: Janeiro 2011

Ler é essencial para o ser humano.

A leitura ajuda a criança a construir a sua identidade, a sua relação com o mundo e a tornar-se num ser activo e tolerante. Mediante o apelo ao imaginário, a leitura permite-lhe a transposição de universos, a vivência de outros modos de ser, a resolução de conflitos interiores e de problemas de ordem psicossocial. É, por isso, um factor decisivo na maturidade da criança. Por exemplo, um amigo meu que teve sempre gosto pela leitura, e que foi incentivado a ler no seu meio familiar, tornou-se um adulto com uma vasta cultura geral, muito interessante e, profissionalmente, muito bem sucedido.

Os adolescentes também são influenciados pela leitura. Esta desenvolve o seu espírito crítico, que é fundamental para a inserção na sociedade em geral. Está provado que a leitura ajuda os jovens no seu equilíbrio afectivo. Através da leitura, testam os próprios valores e as suas experiências com os outros. No final de cada livro ficam enriquecidos com novas experiências, novas ideias e opiniões. Eu não gosto muito de ler, e isso tem vindo a prejudicar a minha competência de escrita, pois se lesse mais escreveria com uma melhor qualidade. Quem lê tem uma competência de escrita mais desenvolvida. Gostaria de ter sido incentivada a ler desde pequena, pois acho que hoje a minha formação cultural seria muito maior.

Para finalizar, gostaria de fazer um apelo à leitura, dizendo que ler favorece a nossa vida, pois ficamos a conhecer melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam.

**Texto 6: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Ana Luísa Miranda, nº3, 12ºA
Data de Edição: Janeiro 2011**

“Ler é sonhar pela mão de outrem” é uma expressão que exige reflexão e atribui à leitura o grande poder de nos fazer sonhar. De facto, ler é entrar numa realidade que pode estar ao nosso lado ou estar muito distante. E a partilha, através de páginas e páginas, leva-nos para um outro lado, leva-nos a sonhar pela mão de alguém com algo para contar.

Talvez com um objectivo diferente (ainda que não menos importante) o Plano Nacional de Leitura “pede” aos alunos que reconheçam o valor de ler, e partilhem com os outros aprendizagens e conceitos. Contudo, o essencial não será contar o resumo da obra, fazer a biografia do autor ou escolher um excerto para o explicar. Em termos formais, estes parâmetros são, realmente, importantes. Mas o crescimento enquanto indivíduos é algo que depende muito de uma vontade interior, de uma satisfação e prazer íntimo, e a possibilidade de sonhar é determinante quando optamos por um livro em vez da televisão, por exemplo.

Lembro-me de uma vez em que sonhei, pela mão de uma jovem autora, que me fez entrar num mundo de fantasia (se bem que magias não fazem o meu ideal de livro) no qual, de uma forma peculiarmente original, os bons ganharam e os maus perderam. Alcancei um mundo distante, mas bom era quando estava pronta para dormir e pensava na realidade do dia seguinte, apercebendo-me de como até há instantes eu estivera longe. Quer seja de poesia, aventura, um policial ou um romance, qualquer livro é mais do aquilo que conhecemos, nem que seja só pelo simples facto de ser escrito por um estranho. Também a adaptação de certas obras ao cinema é um exemplo de como ler é sonhar. Ler desperta o sonho, o realizador apaixonar-se e dá forma diferente à realidade de duzentas ou mil páginas.

Numa sociedade tecnológica, onde tanta coisa é feita por via digital, e por meios mais atractivos visualmente, ler continua a ser algo único que nos faz reflectir, que nos permite ser o que quisermos, e que nos lembra de como sonhar é fantástico.

**Texto 7: LER É SONHAR PELA MÃO DE OUTREM, Joana Baptista, nº 14, 12º E
Data de Edição: Janeiro 2011**

Tudo se inicia por um ponto que ondula consoante a imaginação, criando palavras e tecendo histórias. Um livro faz isso mesmo, funciona como um contador de histórias que permanece fechado enquanto ninguém o abre.

A literatura portuguesa remete para tempos remotos onde grandes nomes de escritores se encontram gravados em papel e nas nossas memórias. Se temos tão boa qualidade e capacidade de escrever, não seria importante a sociedade ter apetite natural para a leitura?

Ler faz mudar a rotina, pois há sempre alguma expressão que se fixa na nossa mente. Ler é como a água, é bom a qualquer altura do dia e cai sempre bem (se for bem escolhida a obra). Na sociedade actual, a leitura é uma fuga à realidade. Ao ler, é possível mantermo-nos no nosso canto, com calma, apreciando cada palavra e ficando com sede de saber o final da história, enquanto viajamos, em pensamento, sem dar conta, num sonho acordado.

Mas viajar e sonhar não é tudo. Em tempos de mudança, e nesta era a que chamamos “contemporânea”, é cada vez mais visível a indiferença e apatia com que os jovens se entregam à nossa língua. A juventude tem agora um carácter desleixado e cria até, ela mesma, uma nova escrita (por vezes um novo idioma). Mensagens via tecnologia, e-mails... tudo serve unicamente para assassinar a língua portuguesa. Então mudemos o estilo e os hábitos dos portugueses: comecemos a ler mais, pois ler proporciona um bom português tanto escrito como falado, além de que alarga horizontes e nos leva além fronteiras. Temos

de preservar a nossa língua. Estes são apenas alguns exemplos de atitudes aos quais necessitamos de estar atentos, pois a leitura é importante.

Ponto por ponto, palavra a palavra, os livros tecem o final de uma história que será de mudança neste mundo em que vivemos. **Ler é realmente "Sonhar pela mão de outrem**

Texto 8: A LEITURA NA SOCIEDADE ACTUAL, Salomé Uribe, nº 20, 12º E
Data de Edição: Janeiro 2011

É importante reconhecer que a leitura é um acto fundamental e saudável a praticar durante toda a nossa vida. Ler é não só a nossa maior fonte de conhecimento e aprendizagem, como também algo que poderá ajudar a enfrentar, num futuro pouco distante, a substituição do seu suporte - o livro comum - pelo e-book ou outro aparelho digital.

Ler já foi descrito como sendo um momento de prazer, de diversão, de fantasia. Não obstante, há também quem diga que ler é uma maçada, um cansaço, um transtorno ou até mesmo uma perda de tempo. Há, pois, que entender os dois lados. Ler exige atenção, certos conhecimentos, e até mesmo um investimento do nosso tempo. Mas ler é também viajar sem sair do sítio, como já muitas pessoas disseram. Tem os seus encantos e desencantos, pois quantas vezes já nos deparámos com um livro ou um fim decepcionante? E, por vezes, basta uma decepção para perdermos todo o interesse pela leitura.

Vejamos o meu exemplo. Apesar de ser uma estudante do ensino secundário, bastante activa e em constante contacto com livros ou suportes que impliquem a leitura, reconheço **que já lá vão os tempos da boa leitora que fui. Posso mesmo dizer que "tragava" livros com o maior dos gostos e esperava sempre mais.** Mudam-se os tempos, muda-se a idade, e entrando em contacto com as novas tecnologias, encontra-se um mundo novo, e perdi aquilo que tanto me ligava aos livros e à leitura: o meu interesse. Sinto que toda esta mudança se repercutiu na minha maneira de agir e falar. Quando lemos, desenvolvemos a nossa mente em diferentes campos. Se me senti afectada? Sim, sem dúvida.

Tenho noção de que vivemos num mundo em que há demasiada informação, gente, problemas, e no qual estamos sujeitos a encruzilhadas que nos levam ou a terra firme ou a navegar à deriva. Ler ajudará todos aqueles que encarem a vida como um desafio, de maneira não conformista. Ler será sempre o melhor meio de adquirir saberes distintos, únicos. Informação não falta, livros e escritores felizmente também não, e penso que tudo se resume a uma questão de mentalidade e força para começar. Dado o primeiro passo, tudo se simplificará, a fim de se encontrar o balanço perfeito entre o livro e o eu do leitor.

Texto 9: ACTUALIDADE DA OBRA DE VIEIRA, André Silva, nº2, 11º A
Data de Edição: Fevereiro 2011

O "Sermão de Santo António aos Peixes" do Padre António Vieira mantém um carácter actual, apesar de ter sido escrito no século XVII.

Assim, esta obra retrata a corrupção social, nomeadamente a exploração dos colonos sobre os índios. Do mesmo modo, a sociedade do nosso tempo é marcada pela corrupção a todos os níveis, fruto do desejo desenfreado do homem pelos bens materiais. Por outro lado, Padre António Vieira decide pregar aos peixes, dado que os homens não aceitam as críticas, negando o seu comportamento. Nos nossos dias, são várias as discussões, os debates e os estudos que apresentam propostas concretas com o objectivo de melhorar a sociedade, tornando-a mais justa. No entanto, os homens não ouvem, não actuam, o que conduz o país a uma estagnação social, cultural, política, económica e moral

Em suma, a leitura do Sermão constitui um retrato fiel do nosso quotidiano, uma vez **que os homens " Se comem uns aos outros " para atingir a riqueza individual, sendo que tal como no sermão " Os peixes maiores comem os menores ".**

Textos 10: O LIVRO E A LEITURA, 7º A, B e C
Data de Edição: Março 2011

TURMA A

Um livro, uma história, uma vida e um ensinamento.

Ao ler informamo-nos sobre o mundo. **Ana Santos**

Ler é como viajar para mundos desconhecidos e para lugares inimagináveis. É também uma das maiores fontes de conhecimento. **Bruno**

O livro é um “ser” poderoso que nos leva a viajar numa folha de papel e também a explorar a nossa mente. **Miguel Gonçalves**

TURMA B

Ler é perder-me em cada palavra que vejo./Sentir o impossível e ver o que nunca ninguém viu./Ler é viver um sonho acordado. **Catarina Silva**

Ler e escrever é como uma aventura, será sempre a melhor maneira de reflectir sobre os actos e pensamentos. Por isso há escritores. Lembra-te que se perderes 30 minutos da tua vida a escrever e ler, ganharás muitos anos de felicidade. **Sofia Duarte**

Um livro é um amigo para toda a vida, com ele aprendemos e por dentro crescemos. **Vera Ribeiro**

TURMA C

A leitura é uma viagem sem destino determinado. **Ana Peixoto**

Quando um livro se abre, sai uma magia de palavras interessantes que nos fazem aprender.

Ana Barros

O autor não faz o livro para o leitor ler, ele fá-lo para o leitor querer ler. **Ângelo Teixeira**

A leitura é um espaço aberto com emoções, terror, romance, tristeza e alegria. **Cristiana Plasta**

O livro é um mar cheio de imaginação, de magia e de conhecimento. **Diogo**

Cada livro bem feito é igual a um livro perfeito. **Hugo Guedes**

Quem lê conhece as coisas e quem as conhece domina-as. **Miguel Carvalho**

O big-bang iniciou o ciclo da vida. A seguir, um humano abriu o segredo da palavra e aí todo o mundo mudou. **Valeriy Tretyakov**

Textos 11: O LIVRO E A LEITURA, 7º E

Data de Edição: Março 2011

O livro é um bom companheiro que nos ajuda a chegar à imaginação. **Ana Gomes**

O livro é um baú enorme onde mora o universo inteiro, está cheio de culturas e aventuras diferentes. **Ana Fernandes**

O livro que vagueia a minha cabeça, que nos faz viajar no tempo da imaginação...

O livro com tantas cores e feitios...que será um livro? **Ana Ferreira**

A leitura é importante, pois com ela eu sonho e imagino países distantes e desconhecidos.

Ana Luísa

Para mim, um livro é como a vida para além da morte. **Ana Margarida**

Livros transparentes/Sem mentiras para viver. /Lidos por leitores/Atraídos por saber. **Ana Sofia**

Para mim, a leitura faz-me esquecer de coisas más e faz-me aprender mais. **Andreia**

O livro é único. O leitor escolhe o que quer presenciar ao lê-lo. O livro é simplesmente a base, mas sem base não somos nada. **Bruno Carvalho**

Para mim, o livro é o mundo do conhecimento e da imaginação. **Daniela Borges**

O livro é uma estrada com várias saídas e o que tu percebeste foi a saída para um novo pensamento. **Diogo Soares**

Os livros são muito importantes para termos mais conhecimentos. **Diogo Moreira**

O livro é uma planta, quanto mais lemos mais ela cresce! **Francisco Cutillo**

O livro é muito interessante para o nosso universo inteiro. **Francisco Ribeiro**

Livros amarelos/livros coloridos/às cores, às bolinhas/são grandes amiguinhos. **Gabriela Rua**

Para mim a leitura é uma forma de estudo e de aprendizagem. **Inês Guimarães**

A Leitura é a chave que nos abre a porta do conhecimento. **Joana Sabino**

O livro é apenas uma porta, um portal, para outro mundo, o mundo dos livros, onde existem mil e uma personagens, aventuras, cidades e onde autores e leitores ficam presos num mundo mágico. **João Silva**

O livro é uma explosão de sentimentos, um mar de ilusões. **Mariana Dias**

O livro é outro mundo, uma porta aberta para quem o quiser ver. **Nuno Guerra**

Há livros de todos os tipos, formas e tamanhos. **Nuno Nunes**

Com a leitura/tudo se aprende. /Uma linda ternura/Que vai ser ler. **Rui Cardoso**

A leitura é um monte de aventuras sem fim. **Sara Isabel**

Quando leio é como se o tempo parasse e eu vivesse uma aventura. **Sofia Vale**

A leitura é muito importante, pois com ela eu perco-me no tempo. **Sofia Gomes**

Ler é divertido, porque quando leio parece que entro na história. **Tiago Rodrigues**

Texto 12: ALEX PONTO COM, Júlio Portela, nº18, 10ºB
Data de Edição: Março 2011

O livro que eu li tem como título *Alex Ponto Com – Uma aventura Virtual* e o seu autor é José Fanha. José Fanha nasceu em Lisboa, no dia 19 de Fevereiro de 1951. Actualmente é arquitecto, professor e escritor, sendo autor de histórias e poesias infantis.

Este livro conta a história de um adolescente chamado Alexandre que dedicava grande parte do seu dia à informática. Certa noite, Alex vai para o seu quarto jogar computador, acabando por desaparecer misteriosamente. Tentando ajudar Alex, os seus amigos e o seu professor de informática analisam o seu computador, acabando por entrar num mundo virtual onde existia a Maspúcia, uma bruxa má que dominava aquele mundo e aprisionava todos aqueles que jogassem o seu jogo. Contudo, existia neste mundo uma personagem boa, que ajudou os amigos de Alex a vencer a Maspúcia. No final, com a ajuda da polícia e dos pais, Alex e os seus amigos são salvos e voltam ao mundo real.

Nesta obra, são abordados vários temas, entre eles um muito importante, a amizade. Facilmente nos apercebemos da amizade que os amigos de Alex tinham por ele, através das suas acções, visto que, desde que Alex desapareceu, os seus amigos fizeram tudo o que estava ao seu alcance para o ajudar. Outro tema abordado neste livro são as relações familiares, pois apercebemo-nos do sofrimento das famílias dos jovens que desapareceram, o que demonstra o amor que existia entre pais e filhos. Por fim, existe o tema da informática e dos seus perigos. Apesar de sabermos que não seremos sugados por um computador, é necessário ter noção dos perigos que existem, como, por exemplo, falar com estranhos, ter acesso a conteúdos violentos ou criar dependência dos computadores.

Eu recomendaria este livro a alguém que goste de aventuras, mas não só, visto que este livro tem várias mensagens importantes, como, por exemplo, o valor da amizade e o valor que devemos dar aos nossos familiares.

Texto 13: O RAPAZ QUE OUVIA AS ESTRELAS, João Carlos Almeida, nº12, 10ºF
Data de Edição: Março 2011

A obra chama-se *O Rapaz que Ouvia as Estrelas* e na capa está representada uma árvore, que se supõe ser o carvalho que Luke, a personagem principal, ia todos os dias visitar, iluminada pela luz do luar. Também se podem observar bastantes estrelas a preencher o céu nocturno, com uma estrela que brilha mais do que todas as outras, em destaque. Na contracapa, encontra-se como fundo a imagem da capa, o nome da colecção, um breve resumo da obra e ainda uma pequena bibliografia do autor. Tim Bowler nasceu em 1953 em Leigh-on-Sea, Essex, Inglaterra e foi vencedor de vários prémios, incluindo a Carnegie Medal pela sua obra *Rapaz do Rio*.

Esta obra fala sobre Luke, um rapaz de 14 anos, que mora em Upper Dinton e que tem um dom especial para a música, tanto para o seu fiel piano como para a música do universo, perturbadora e constante. Luke sai ao pai, não só no que toca à música do piano e do universo, mas também na genialidade e bondade. Luke pertencia a um grupo que queria assaltar a casa de uma senhora viúva, mas depois separou-se do grupo, pois sabia que estava a ser uma má influência para si.

Entretanto, Luke ficou muito amigo de uma velha senhora, chamada Mrs. Little, e de Natalie, uma menina cega que vivia com a velha senhora. Mais tarde, descobre-se que Natalie tinha sido recolhida por Mrs. Little, quando a menina tinha tido um acidente de viação e perdera a visão e os pais. Também se veio a descobrir que a menina não se chamava Natalie, mas sim Rose. A história vai-se desenrolando, até que Luke é apanhado pelo seu antigo grupo e é agredido, o que o fez ir parar a um hospital, em estado muito grave. No final, regressa à sua vida normal, dá um grande concerto e torna-se namorado de Miranda, uma rapariga da sua aldeia, que Luke ajudava na música.

Gostei bastante deste fantástico livro, talvez por ser um dos melhores livros que o autor escreveu. É um romance emocionante, envolvente, empolgante e absorvente, no qual acontece sempre aquilo que menos se espera. Esta obra realça muito bem e de forma muito clara a descrição de cada pessoa, de cada objecto, de cada paisagem e cenário, o que faz com que o leitor tenha uma visão daquilo que está a acontecer conforme vai lendo o livro. É uma obra com algumas partes de bastante suspense e outras reveladoras de grande afecto e

carinho, o que leva a uma miscelânea de emoções a cada página e momento. *O Rapaz que Ouvía as Estrelas* é um livro sobre o amor, a perda e a música e ainda uma história cheia de enredo e de mistério.

Aconselho este livro a todas as pessoas que gostem de música e de romances porque é um livro totalmente empolgante. Torna-se impossível parar de o ler durante muito tempo, porque se fica curioso com o que virá a seguir.

Texto 14: O MISTÉRIO DOS SETE RELÓGIOS, Vanessa Matos, nº23, 10º F
Data de Edição: Março 2011

O Mistério dos Sete Relógios é da autoria de Agatha Christie, uma escritora de livros policiais, a melhor do século XX, com cerca de 300 obras publicadas.

Quando Gerry Wade e Ronny Devereux morrem em circunstâncias duvidosas, Lady Eileen (Bundle), Jimmy Thesiger, Loraine Wade e Bill Eversleigh decidem investigar a morte de ambos e a forma como estes se relacionavam com a sociedade secreta Seven Dials. Bundles consegue descobrir o local das reuniões e um suposto roubo de uma fórmula química, que os membros da sociedade estariam a planear. O inspector Battle acaba por impedir o roubo, com a ajuda de Bundles. O líder da sociedade é Battle e Bill Eversleigh também pertence ao grupo. Os culpados são condenados e, no final, Bundle casa com Bill.

Quanto à obra, no início, parece de difícil leitura e compreensão, devido ao elevado número de personagens, com nomes próprios de difícil pronúncia. Mas, depois de nos afeiçoarmos às personagens e à linguagem utilizada, as reviravoltas, as suspeitas e a acção da história tornam o livro tão fascinante quanto intrigante. O final revela-se uma completa surpresa, que nos deixa pensativos e, sem dúvida, empolgados pela revelação. Por isso, aconselho esta obra, por ser uma óptima experiência neste género literário e por nos deixar viciados. Sem qualquer dúvida, afirmo que Agatha Christie é uma completa surpresa literária.

Texto 15: MORTE NAS NUVENS, Jaime Nogueira, nº 14, 10ºB
Data de Edição: Março 2011

Morte nas Nuvens é uma obra policial da autora inglesa Agatha Christie.

O livro começa com uma situação desafiadora e intrigante, com um crime dentro de um avião, numa viagem de França para Inglaterra, à vista de muitas testemunhas, incluindo o famoso detective Poirot. Este verifica cada assento e o respectivo ocupante, em busca do autor de um crime quase impossível. Há muitos suspeitos: uma bela jovem, uma condessa viciada em cocaína, um escritor de contos policiais. Mas quem será o assassino de Madame Giselle, que supostamente morreu de enfarte fulminante? Quando Poirot descobre um dardo envenenado, começamos a compreender que há um criminoso astuto no avião.

Poirot não apenas descobre quem foi o criminoso, como ainda junta dois jovens apaixonados. Para saberem quem é o criminoso, terão de ler esta obra.

Texto 16: CRÓNICA DOS BONS MALANDROS, Pedro Esteves, nº23, 10ºB
Data de Edição: Março 2011

A obra chama-se *Crónica dos Bons Malandros*, do jornalista e escritor português Mário Zambujal, nascido em 1936. Este livro foi editado em 1980, atingindo um grande êxito.

A acção decorre na cidade de Lisboa, na década de 80. A crónica relata uma história simples: um grupo de ladrões portugueses, habituados a pequenos assaltos, é contratado por um elemento da máfia italiana para roubar jóias, em exposição no museu Gulbenkian. O assalto é, de facto, a acção principal da história. A obra está dividida em nove capítulos, cada um tendo por título o nome de uma personagem, e é dedicado a um episódio das suas vidas. Os episódios de vida de cada personagem explicam o motivo do assalto.

Esta obra, em termos de sequencialidade narrativa, é pouco convencional, pois o início, o meio e o fim da acção principal não correspondem ao início, meio e fim da obra. Este livro está escrito de uma forma divertida, usando algum calão e registando hábitos portugueses, como a atribuição de alcunhas, como por exemplo "o Pacífico". A obra podia ser apenas uma história de suspense, um livro para vender; no entanto, nota-se que o texto foi escrito pelo prazer de escrever, como podemos concluir ao ler toda a simplicidade da comédia. Nesta obra, o autor consegue sobrepor acções cómicas, não tornando, assim, o livro cansativo.

A minha impressão de leitura não poderia ser melhor, achei o livro muito bom. A história é das melhores que já li, é cômica e dramática, quando começamos a ler custa parar. Neste livro o cômico, o romance e o drama encontram-se em cada capítulo. É um livro de leitura fácil, com uma crítica bem clara à exclusão social, um tema actual.

Texto 17: O DIÁRIO SECRETO, Daniela Araújo, nº 10, 10ºB
Data de Edição: Março 2011

O Diário Secreto de Adrian Mole aos 13 e 3/4, de Sue Towsand, é, como todos os diários, um relato confessional, neste caso sobre o difícil dia a dia de um adolescente inglês.

Adrian Mole vive com muitos problemas: os pais não se dão bem e separam-se, o pai está desempregado, é difícil o seu amor por Pandora, a escola, os colegas e os professores constituem um grande aborrecimento, para já não falar em amigos, vizinhos e conhecidos. Adrian tem um fascínio pela família real, em especial pelos príncipes.

Gostei de ler a obra e aconselho-a a quem preferir diários. Trata dos problemas da vida, tal como sentidos por um adolescente do nosso tempo, com 13 anos e $\frac{3}{4}$. É um bom livro para todos os adolescentes reflectirem sobre os seus próprios problemas, perceberem que não estão sozinhos nas suas dificuldades e nos seus sentimentos. Sobretudo, admiro o facto de a autora ter escrito este diário aos 34 anos... pois não é fácil falar da adolescência.

Texto 18: DENTES DE RATO, Sofia Vale, nº 23, 7º E
Data de Edição: Março 2011

O livro *Dentes de Rato*, de Agustina Bessa-Luís, narra a história de uma menina de seu nome Lourença, mas que era carinhosamente tratada pelos seus familiares por Dentes de Rato, porque ela tinha a mania de ferrar as peças de fruta que tinha em casa, deixando assim a marca dos seus pequenos dentes. Lourença é uma criança honesta que vive a infância sonhando, tomando a vida como uma fantasia. Prefere a solidão, e mesmo partilhando o quarto com a sua irmã consegue viver só e descobrir o mundo em grandes aventuras, não saindo da sua cama. É uma criança rebelde, que não gosta da roupa que a mãe lhe impõe. Também não gosta de castigos e de ser mandada para o jardim. E não quer frequentar o colégio interno, para onde recusa voltar, porque não gosta de rezar.

Gostei de ler o livro. Lê-se bem, apesar de ser complicado interpretar a história. Gostei porque o livro fala de uma rapariga que vive a infância a sonhar, com a sua imaginação, vivendo a vida de uma outra forma, não como os adultos a vêem, cheia de preocupações, mas como se fosse uma fantasia.

Texto 19: MORTE À SEXTA-FEIRA, Jorge Magalhães, nº 17, 10ºB
Data de Edição: Março 2011

A obra chama-se *Morte à Sexta-feira* de Erle Stanley Gardner, integrada na colecção "Vampiro Gigante". Stanley nasceu em 1887, em Maldem, Massachusetts e morreu em 11 de Março de 1970, em Temecula, Califórnia. Foi advogado criminalista e escritor de policiais.

Esta obra começa com uma rapariga que contrata Donald Lam para travar um envenenamento. Donald cria um esquema para abrandar o envenenamento, mas ainda o apressa mais, pois Mr. Ballwin é envenenado logo a seguir. Ao longo da investigação, o detective descobre que Mr. Ballwin apenas sofrera uma intoxicação alimentar e que Mrs. Ballwin é que fora envenenada com arsénico. Ele também descobre que a secretária de Mr. Ballwin fora assassinada pelo Dr. Quay, que era amante de Mrs. Ballwin. Fora ainda o médico quem colocara arsénico nos biscoitos de Mrs. Ballwin. No fim da obra, o Dr. Quay é preso e Donald Lam apaixonou-se pela enfermeira.

Eu escolhi esta obra, pois os policiais são livros muito intrigantes, prendem o leitor, captando a sua atenção com os detalhes e o desenrolar da investigação. Esta obra tem alguns pormenores interessantes, tem uma linguagem corrente e simultaneamente cuidada. No início da obra, achei-a um pouco aborrecida, com uma acção lenta. Porém, a meio, a acção começa a ficar mais interessante, quando o envenenamento ocorre e as investigações começam, o que captou o meu interesse, pois eu queria saber quem era o culpado. De todos os livros que já li, este foi o que captou mais a minha atenção, pois ficava na expectativa que o inspector Donald descobrisse o culpado. Assim, recomendo esta obra a quem goste de policiais e quiser ficar a saber mais sobre a acção, como os seus pormenores.

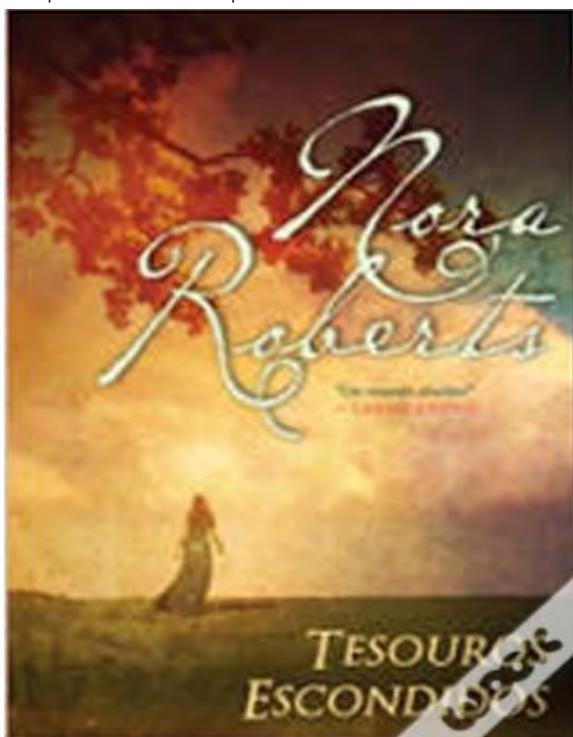
Texto 20: TESOUROS ESCONDIDOS, Ana Nunes, nº1, 12º D
Data de edição: Abril 2011

Nora Roberts nasceu Eleanor Marie Robertson, a 10 de Outubro de 1950, nos EUA, sendo uma prestigiada autora de mais de 165 romances. Em 2006, os seus romances passaram semanas no *New York Times Bestseller List*, incluindo 100 semanas no número um.

Resumo da obra

Isodora Conroy tem uma loja de antiguidades. Filha de actores de teatro, a mais velha de três irmãos, partilha a excentricidade da família. Tem olho para a arte, embora seja apaixonada por todo o tipo de bugigangas, tal como é por tudo o que faz na vida. Vive sem inibições, tendo o que quer, afirmando a alto e bom som aquilo que não quer.

É neste mundo um tanto ou quanto confuso, um mundo tipicamente artístico, que Jed Skimmerhorn cai quando, depois de se despedir da polícia, aluga o apartamento por cima da loja de Dora. Jed nada tem a ver com a sua senhoria. É rude e fechado em si mesmo, como só um homem com uma infância perdida sabe ser. Jed descende de uma linhagem rica, mas tudo o que recorda da família é miséria. Aparência era o mote, falsidade a palavra de ordem. Os pais não se suportavam, o dinheiro sustinha a aparência, a irmã tornou-se promíscua e ele um delinquente. Quando os pais morreram num acidente de automóvel, Skimmerhorn entra para a polícia, chegando a subcomissário. Porém, tudo isto muda. Um criminoso vingava-se de Jed, explodindo o carro da irmã, com ela lá dentro.



Assim, um homem de gelo encontra a mais excêntrica das anfitriãs e a sua família, que é o oposto de tudo o que já havia conhecido, uma família de laços quentes e inquebráveis. Os opostos sempre se atraíram. Numa das suas viagens a leilões, Dora compra um lote de arte roubada, de um dos mais perigosos homens que Dora alguma vez conhecera, Edmund Finley, que não olhará a meios para recuperar o que perdera. Porém, Dora e Jed não ficam de braços cruzados. Quando os clientes de Dora começam a ser assassinados, eles lançam-se numa busca pela verdade, que não vai pôr só a sua relação em perigo, mas também as suas próprias vidas e tudo aquilo em que acreditam. E é no meio do perigo, quando a morte se torna a mais forte probabilidade, que o amor vence o orgulho e o fogo quebra o gelo.

Comentário de um excerto seleccionado

“- Compreendo porque é que me trouxeste até aqui – começou ela. – Porque é que sentiste que tinhas de... mas não precisavas. Fico satisfeita por o teres feito, mas não era necessário. – Ela suspirou então e pousou as mãos no colo. – Querias que eu visse uma casa fria e vazia, onde resta muito pouco para além da infelicidade que costumava viver aqui. E querias que eu compreendesse que, tal como a casa, também tu não tens nada para oferecer.

(...)- Não sou o que tu precisas. – Mas apertou-a com força e não a largou. Porque ela era o que ele precisava. Ela era exactamente o que ele precisava.

- Estás enganado. – Dora fechou os olhos e obrigou as lágrimas a recuarem. – E também estás enganado a respeito da casa. Só estão ambos à espera.”

Escolhi este excerto porque, na minha opinião, é o que melhor reflecte o tumulto interior de Jed, a sua dor transformada em gelo e a tentativa de Dora de o aquecer. Ela sabe que ele a mantém à distância dos seus sentimentos, porque não conheceu outra realidade, uma realidade onde o amor fosse uma constante, como ela conheceu, o amor inquestionável dos pais e dos irmãos, fruto dos seus ternos, mas sólidos valores.

Jed foi criado entre duras regras e nasceu de um casamento por interesse, um casamento que era voltado para o exterior e inexistente no interior, um casamento assente em cinzas, aparência e fingimento, o que o transformou para sempre. Dora tenta mostrar-lhe que ele não pode simplesmente impedir-se de viver, de amar, porque é humano, e sendo humano, faz parte da sua condição e negá-lo, é negar-se a si próprio. Mas Jed estava convencido que não é a pessoa indicada para ela, embora comece a ver que ela é a pessoa indicada para si. E ela sabe-o, pelo que, tal como a casa, vai ficar à espera, à espera que ele a veja, e que aceite a sua dádiva, o seu amor.

Este excerto demonstra o choque entre dois mundos, entre o fogo e o gelo, mostra o quanto a nossa infância nos influencia e nos faz crescer numa direcção ou noutra.

Reflexão sobre a obra

Esta obra é uma lufada de ar fresco nas típicas histórias de amor. Embora o tema central seja isso mesmo, a forma como os protagonistas se envolvem e a sua própria caracterização transportam-nos para uma muito possível realidade. É uma obra que conjuga romance, policial e uma dose extraordinária de cultura, pois por entre as palavras ciciantes de amor e os gritos de pânico e raiva, repousam quadros impressionistas e expressionistas, a representação de famosas peças de teatro, um enorme amor pela arte.

Dora é uma mulher independente, firme nas suas decisões, e com um amor inegável por tudo quanto seja vida. Pela sua vida, pela vida da sua família e sobretudo por Jed. É a mulher do século XXI, a artista, o impulso, o fogo nas veias, a mente aberta.

Jed é o fruto bom da árvore podre da alta sociedade, é o homem-menino que se procura refugiar do passado e isolar-se do seu próprio nome. Podemos ver a sua raiva tão bem descrita que quase conseguimos imaginá-lo a estripar de si o legado da sua família, se tal pudesse fazer. Mas sendo o fruto bom da árvore, Jed acaba por deixar cair o escudo de arrogância aos pés de Dora, e curvar-se, mantendo incrivelmente a sua tremenda dignidade.

Esta é uma obra que nos faz pensar para além do evidente, pois o mistério leva-nos até à mente calculista de um sociopata, que brinca com as pessoas, como se elas fossem meros peões, instrumentos descartáveis a seu bel-prazer. Mas existe mais para além disto, existe toda uma lição, a de que a vida deve ser valorizada, os pequenos bons momentos devem ser vividos, porque nada dura para sempre, mas enquanto dura é para ser vivido.

Sinceramente, o que mais me atraiu nesta obra foi a beleza, a beleza da arte, a beleza do amor. A Música, a Dança, a Pintura. A personalidade quente e impulsiva de Dora a arder sob a pele fria de Jed, que no lugar do coração colocou uma pedra, um bloco afiado de gelo. A obra mostra-nos os elos frágeis de uma família e como os podemos tornar fortes, arranca a capa bonita de uma alta sociedade cruel e sem valores, dá-nos a vida pela arte, a beleza pelo impulso, pelo amor carnal e também do espírito, o medo não de morrer, mas de ver quem amamos morrer e de como essa dor pode ser bem mais destrutiva, fala-nos de vingança e redenção. Tudo com a arte como pano de fundo.

Numa palavra, defino esta obra como deliciosa. Alongando-me, aconselho esta obra vivamente a quem aprecia uma leitura um tanto ou quanto ligeira, mas que saiba ler nas entrelinhas, porque Nora Robberts não escreve apenas uma obra de ficção, esta é daquelas histórias que podia muito bem ser a nossa.

Texto 21: O PRENÚNCIO DAS ÁGUAS, Ana Luísa Costa, nº3, 10ºB Data de Edição: Abril 2011

A obra intitula-se *O Prenúncio das Águas*, é das edições ASA e tem como autora Rosa Lobato de Faria. Teve a sua primeira publicação em 1999. Rosa Maria de Bettencourt Rodrigues Lobato de Faria nasceu a 20 de Abril de 1932. Para além de escritora e poetisa era também guionista, dramaturga e escrevia canções. Participou como actriz em séries portuguesas como *A minha sogra é uma bruxa* e *Aqui não há quem viva*. Ganhou vários prémios, incluindo o *Prémio Nobel Máxima de Literatura 2000* com *O Prenúncio das Águas*. Morreu a 2 de Fevereiro de 2010, aos 77 anos, com uma anemia grave.

O Prenúncio das Águas é uma obra que tem como fundo uma pequena aldeia alentejana, Rio de Anjo, que está em perigo de ser inundada pelas águas da barragem. A história é contada por cinco narradores diferentes: Filomena, uma jovem que regressa de França, Pedro, um rapazinho de 10 anos que recebe explicações de francês de Filomena, a tia Sebastiana, uma velha sábia que conta as lendas da pequena aldeia, o professor Ivo Durães, um homem culto e respeitado que regressa a Rio de Anjo depois de saber que esta estava em

perigo de ser inundada, e Ausenda, uma mulher com traços e atitudes de homem, a qual tem duas irmãs, Beatriz e Clara. Uma personagem também importante para o desenrolar da história é o engenheiro Zé Nunes, que dorme com Ausenda, casa com Beatriz e engravida Clara, envolvendo as três irmãs. Esta personagem, a meu ver, pode representar os homens duma época antiga quando possuíam todo o poder, pois mais tarde, na história, o engenheiro envolve-se romanticamente com Filomena e chama-lhe "minha pertença". Ao longo da história descobrem-se as lendas da aldeia e os sentimentos dos aldeões que se vêem obrigados a deixar o lugar onde nasceram, cresceram e vivem.

É uma obra extraordinariamente bem escrita. Ao princípio, confundiu-me um pouco, pois havendo cinco narradores distintos e não identificados logo no início dos capítulos, tal fez-me perder um pouco a história. Mas, ao longo do livro, comecei a perceber a voz de cada narrador, pois a autora conseguiu arranjar pormenores e uma forma de escrita diferente para cada personagem, como se a autora tivesse cinco personalidades diferentes, o que facilitou o reconhecimento. O facto de a autora contar a história através de cinco pontos de vista diferentes pode ser confuso no início, mas possibilita, de uma certa maneira, narrar melhor a história tornando-a cativante. Um senão é a falta de travessões, quando se inicia um diálogo; por vezes, tive de voltar a ler e a reler para perceber se era ou não um diálogo. A imaginação da autora e o enredo fantástico que criou conseguiu prender-me ao livro, apesar de o ter lido à última da hora para o Concurso Nacional de Leitura. A história em si é um pouco difícil de resumir, pois tem vários acontecimentos e todos ligados entre si. É o primeiro livro que leio desta autora e gostei muito.

É uma ótima obra e recomendo-a principalmente a quem goste deste tipo de histórias. É uma obra excepcional que nos deixa a desejar saber mais, a cada folha que se vira.

Texto 22: NOS TEUS BRAÇOS MORRERÍAMOS, Mariana Pereira, nº19, 12ºD
Data de edição: Abril 2011

O autor

Pedro José de Carvalho Paixão nasceu em Lisboa, no dia 7 de Fevereiro de 1956 e é um escritor e fotógrafo português. Estudou no Lycée Français Charles Lepierre e no Liceu Normal de Pedro Nunes. Mais tarde matriculou-se em Economia, na Universidade Técnica de Lisboa. Ao fim de três anos neste curso optou pela Filosofia e partiu para a Bélgica, onde se licenciou em 1983 e se doutorou em 1986. Quando voltou para Portugal, foi professor na Universidade Católica Portuguesa e na Universidade Nova de Lisboa. Com Miguel Esteves Cardoso, fundou a empresa de publicidade Massa Cinzenta. Também ao lado de Miguel Esteves Cardoso e Paulo Portas, ajudou a fundar o jornal *O Independente*. Iniciou-se na literatura com "*A Noiva Judia*". Tem publicadas, ao todo, dezoito obras. A temática do amor desempenha um grande papel no mundo ficcional do escritor. A mulher, nas suas distintas manifestações (musa, demónio, aparição, sonho e tentação) surge na vida dos seus personagens para logo desaparecer, permanentemente ou não. Segue-se a procura dessas personagens, ora etéreas, ora materiais. O paradoxo entre Filosofia e Religião está presente em todos os seus livros. Nos dias de hoje colabora com a imprensa e na revista *Playboy*.

Resumo da obra

Esta obra de Pedro Paixão é composta por 39 contos em que a realidade do narrador de cada história é descrita em flashes. Todas as pequenas narrações neste livro possuem como tema principal o passado, ou seja, a saudade que o sujeito narrativo sente do que tinha no pretérito e agora, no presente, não possui.

O passado irre recuperável é completamente assolado pelo "aqui" e "agora", causando sempre uma dor desmedida e intolerável ao narrador. Numa das narrativas, pertencentes a este livro, o próprio sujeito afirma que "*quando pensas voltar atrás também sabes que não é possível voltar atrás porque tu estás num mundo e ela noutra, os dois que tão depressa se afastam encerrados em planas fotografias em que estão abraçados e nus e já não somos nós*" (p. 107). Outro dos motivos da dor no sujeito narrativo, em quase todas as histórias, é a mulher. A personagem masculina da história é sempre sofrida e esta dor não é só causada pela incapacidade de reaver o passado, ele deseja-o porque no "antes" tinha a sua amada e no "agora" não tem nada, a não ser o seu pensamento e a sua racionalização das coisas mais comuns e ordinárias que o rodeiam. Ele, no "antes", descreve a mulher como uma deusa, alguém que é demasiado perfeito para ser terreno, mas, ao pensar nela e ao aperceber-se de que esta é a grande causadora da sua ruína, o sujeito narrativo passa drasticamente a

descrevê-la como um ser luciferino e complexo, que apenas existe para lhe acarretar dor e desgraça. Mas, em todas as narrativas, o sujeito encara a vida da forma pessoana de Ricardo Reis, ou seja, conformando-se com a vida e até mesmo com a morte, fugindo à dor, sobrepondo a razão sobre a emoção, e aproveitando o momento (*carpe diem*).

Em suma, o livro relata 39 realidades que regem o sujeito narrativo. Muitas vezes, não consegue sobrepor a razão à emoção, caindo em amargura e frustração.

Reflexão sobre a obra

Penso que estas histórias, embora fictícias, são uma realidade muito presente nos dias de hoje. Hoje em dia, tudo é difícil e complicado e quando as coisas não correm conforme planeado, o indivíduo tem tendência para sentir pena de si mesmo e recair num estado de morbidez. Este livro foca principalmente as relações amorosas e o poder das emoções sobre a razão no ser humano. Apesar de todos os esforços do Homem para ser superior aos sentimentos, este é derrotado por eles ao longo da sua vida. Sendo assim, a única maneira de enfrentar a vida é deixar as coisas acontecer tentando não se envolver emocionalmente. Para mim, esta ideia é uma fantasia, pois o que move o ser humano são as emoções. Podemos até viver sem emoções, mas então não teríamos razão para viver.

Este livro é algo revoltante, pois eu sei que não posso deixar as coisas acontecer e apenas confiar no destino: se acreditar no destino, tenho obrigatoriamente de acreditar que a minha vida já está traçada e que eu não tenho controlo sobre ela ou sobre as minhas decisões. Apesar de ser um óptimo livro, pois leva o leitor a sentir as personagens e a encarná-las, a ideia de conformismo tira um pouco a magia do livro.

Por fim, o livro está bem estruturado, pois dá-nos a sensação de um plano giratório, ou seja, de que todas as acções acontecem ao mesmo tempo, como se o livro fosse um grande hotel e cada narrativa um quarto, no qual estas acções decorressem. Nós, leitores, saltaríamos de varanda em varanda, ansiando pelo quarto seguinte.

Na minha opinião, só deve ler este livro quem tem gosto pelo drama amoroso, em que nada corre de acordo com o planeado. No entanto, é um livro que trata de acontecimentos da actualidade, como por exemplo, a depressão. Para além disso é uma leitura envolvente, despertando-nos a curiosidade de ler sempre a história seguinte. Podemos também compreender melhor a complexidade das relações interpessoais e até o próprio ser humano. Ao ler esta obra, temos a oportunidade de perceber a grandiosidade dos nossos actos e a maneira como eles podem influenciar quem nos rodeia e mudar o rumo das suas vidas.

Texto 23: ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ, Raquel Patrício, nº17, 12ºB

Data de edição: Abril 2011

José Saramago, Vida e Obra

A 16 de Novembro de 1922 nasceu José de Sousa Saramago, numa aldeia Ribatejana de Azinhaga. A sua família mudou-se em 1924 para Lisboa, local onde passou grande parte da sua vida. Fez os estudos secundários, mas não pôde continuar por dificuldades económicas. O seu primeiro livro foi publicado em 1947, um romance intitulado *Terra do Pecado*. Nessa altura, encontrava-se casado com a sua primeira mulher, Ilda Reis, relacionamento que manteve até 1970. Em 1988 casar-se-ia com a jornalista e tradutora María del Pilar del Río Sánchez, que conheceu em 1986 e com a qual viveria até à sua morte. Até 1977, compôs variadíssimos textos, mas o seu estilo só surgiu com *Levantado do Chão*, em 1982. Seguidamente, escreveu um romance que conquistou definitivamente os críticos e os leitores, *Memorial do Convento*. A partir desta data, nasceram diversos romances como, por exemplo, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *Ensaio Sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez* e *As Intermitências da Morte*. A sua última obra, igualmente magnífica, foi *Caim*. Falece a 18 de Junho de 2010, em Lanzarote. Neste percurso de vida fascinante, José Saramago foi galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, em 1998 e com o Prémio Camões em 1995, o mais importante prémio literário da língua portuguesa.

Síntese

Num certo país, estão a ocorrer as eleições regionais. Para grande surpresa de todos, os resultados são inéditos: uma grande maioria da população havia votado em branco. Insatisfeito com estas percentagens, o poder político convoca novas votações. O fenómeno repete-se. Uns julgam que, devido a este acontecimento, o sistema político está em causa; outros afirmam ser a própria democracia. É preciso encontrar uma justificação para o que

ocorreu. Movido por esta ideia, o governo procura encontrar alguma explicação, inquirindo e até chegando a torturar alguns cidadãos. Não obtém nenhuma resposta. Era preciso controlar toda esta situação, era extremamente necessário prevenir que algo semelhante não voltasse a acontecer. Para o fazer, o governo (democraticamente eleito) resolve, tal como se fosse um governo ditatorial, aplicar medidas excepcionais: toda a capital iria ser colocada em estado de sítio, ou seja, os cidadãos da cidade perdem temporariamente certos direitos. Para além disso, a cidade iria ficar sem qualquer tipo de protecção policial e, nos limites da cidade, estaria o exército a cercá-la com o objectivo de isolar a população e para que esta se arrependesse amargamente da acção feita.

Enquanto se verificava esta situação de estado de sítio, o governo vai-se deparar com alguns problemas como, por exemplo, tentativas de fuga de habitantes da cidade e grandes conflitos que nascem entre os diversos partidos. Tenta, a todo o custo, procurar o culpado que tivesse convencido a grande maioria da cidade a votar em branco. No momento deste impasse, é enviada uma carta para o governo de um cidadão que denuncia a possível causa de toda aquela estranha eventualidade. Este homem afirma na dita carta que a culpada por toda esta situação poderá ser uma mulher, casada com um oftalmologista, que há quatro anos atrás não cegou quando todo o país havia cegado. Para averiguar esta situação, o poder político decide enviar para a cidade três polícias que se irão infiltrar e investigar esta mulher e todo o grupo com o qual ela andava na época da cegueira branca que tinha ocorrido no passado. Após os diversos interrogatórios, o comissário, que fazia parte deste grupo de três elementos, informa o ministro do interior que, na sua opinião, esta simples mulher nada tem a ver com os votos em branco. No entanto, este ministro é incapaz de aceitar esse facto pois, para ele, tem que existir um culpado para tudo isto (nem que seja inventado). Publica a fotografia desta senhora em todos os jornais declarando-a como culpada. Para a defender, o comissário escreve uma redacção na qual narra todos os acontecimentos que ocorreram desde que chegou à cidade, interrogatórios e pistas que possui. Ele consegue que o texto seja divulgado num jornal, no dia seguinte.

Perante isto, o ministro do interior ordena que os outros dois polícias se retirem da cidade e, em segredo, manda assassinar este comissário que defendeu sempre a mulher do oftalmologista. Mais adiante, pelas mãos do mesmo homem, ordena que esta mulher, que há quatro anos não cegou, morra. A mulher acaba, assim, assassinada.

Opinião Sobre a Obra

José Saramago foi um ilustre escritor e é, para uma grande parte do mundo, um ícone da literatura portuguesa. O livro que eu escolhi para a realização do meu contrato de leitura, *Ensaio Sobre a Lucidez*, é mais um exemplo da sua mestria.

Como todos aqueles que já tiveram o prazer de ler um romance deste escritor sabem, Saramago tem uma escrita única que por si só nos coloca num nível mais elevado relativamente a outras leituras. Através da sua forma de narrar soberba, somos transportados para mundos absolutamente surreais. Mundos esses que põem à prova os seus intervenientes: quer as personagens, quer o próprio leitor. Tal acontece nesta obra, quando as personagens são confrontadas com situações extremas que fazem emergir o seu pior, o que nos leva a questionar os nossos ideais. Geralmente, as suas obras constituem uma verdadeira sátira da sociedade, da Igreja ou do Governo. No *Ensaio Sobre a Lucidez*, José Saramago critica de forma genial o Governo: a forma como este se comporta perante situações que fogem do seu controlo e o abuso descabido que faz do poder. Para além disso, outro motivo que me levou a apreciar tanto este livro foi a interligação fenomenal que o autor faz com outra das suas obras que eu, pessoalmente, amo, *Ensaio Sobre a Cegueira*. Este laço permite ao escritor uma exploração mais enriquecedora da mente humana.

Por todos estes motivos, eu recomendo o *Ensaio Sobre a Lucidez* a qualquer pessoa, mais concretamente, a quem já leu o *Ensaio Sobre a Cegueira* e encorajo-a a navegar nesta maravilhosa experiência. Assim, através da leitura desta obra, o escritor consciencializa-nos sobre o espírito cívico, os nossos direitos e deveres como cidadãos e, acima de tudo, caricata uma situação para, através dela, criticar as entidades detentoras do poder.

Excerto Favorito

O meu excerto preferido localiza-se na última página do livro, ou seja, na página 329. Na acção, é o momento em que a mulher do médico é assassinada, com o seu cão.

"(...) A mulher aproxima-se da grade de ferro, põe-lhe as mãos em cima e sente a frescura do metal. Não podemos perguntar-lhe se ouviu os dois tiros sucessivos, jaz morta no chão e o

sangue desliza e goteja para a varanda de baixo. O cão veio a correr lá de dentro, fareja e lambe a cara da dona, depois estica o pescoço para o alto e solta um uivo arrepiante que outro tiro imediatamente corta. Então um cego perguntou, Ouviste alguma coisa, Três tiros, respondeu outro, Mas havia também um cão aos uivos, Já se calou, deve ter sido o terceiro tiro, Ainda bem, detesto ouvir os cães a uivar."

Escolhi este excerto porque me impressionou bastante a forma cruel e fria como o ministro do interior decide retirar a vida a esta mulher simplesmente por ela não ter cegado há quatro anos atrás e, por este motivo, ser chamada de responsável por toda a cidade ter votado em branco. Assim, assistimos a uma situação que José Saramago pretende criticar nesta obra: o uso desmedido e descontrolado do poder por parte do governo. Neste caso, o determinado ministro, cego pela vontade de encontrar um culpado e pelo seu palpite ter sido contrariado, ordena a morte desta inocente. Para além disso, algo que me chocou foi a morte do cão, a única personagem à qual tinha sido atribuída um nome, Constante. O momento final deste excerto é, na minha opinião, completamente metafórico. Os "cegos" referidos são as pessoas que não querem encarar a realidade, não querem ver o mundo e os seus problemas. Os "cães" somos nós, seres humanos e, acima de tudo, cidadãos. Como um destes "cegos" afirma na última frase, ele detesta "ouvir os cães a uivar" o que simboliza, a meu ver, o abominar pelo protesto e pela afirmação de opiniões que vão contra o sistema.

Texto 24: MANIFESTO DOS ANIMAIS, Salomé Uribe, nº20, 12º D
Data de edição: Maio 2011

O livro *Manifesto dos Animais* de Marc Bekoff não é nada mais nada menos que um *manifesto*. Trata-se de um texto de natureza dissertativa e persuasiva, uma declaração pública de princípios e intenções, que pretende alertar para um problema ou fazer uma denúncia pública de um problema que está a ocorrer e normalmente é de cunho político". No entanto, este livro não é um manifesto político ou ideológico. Trata-se do *Manifesto dos Animais*. Mas como estes não podem falar nem escrever, um cientista, activista e professor de Universidade, Marc Bekoff, decidiu escrevê-lo sob a seguinte afirmação: "Eis o que penso que seria o seu manifesto." Fascinada pela preocupação e palavras de Marc Bekoff, decidi comprar imediatamente o livro e usá-lo para este Contrato de Leitura.

Para além de ser um tema que particularmente me diz muito, deparei-me com a enorme felicidade de encontrar alguém que decidiu manifestar-se por uma causa que jamais estará perdida, suportando-se na moral e na ética, mas também argumentando com dados científicos e empíricos. Assim, espero também eu, através da análise deste livro, desencadear no leitor compaixão e mudar a sua relação com os animais.

Biobibliografia de Marc Bekoff

Marc Bekoff é o maior especialista do mundo em emoções animais. É professor de Ecologia e Biologia Evolucionária na Universidade do Colorado, *Fellow* da *Animal Behavior Society* e ex-*Fellow Guggenheim*. Em 2009 tornou-se membro do corpo docente da *Humane Society University* e professor residente do *University of Denver's Institute of Human-Animal Connection*. Em 2000 foi-lhe atribuído o *Exemplar Award* da *Animal Behavior Society*, por contribuições fundamentais, a longo prazo, para a área do comportamento animal. Publicou mais de 200 artigos científicos e 22 livros, incluindo *A Vida Emocional dos Animais*. Em 2005, Marc foi distinguido com o *Bank One Faculty Community Service Award*, pelo trabalho que tem feito com crianças, cidadãos idosos e reclusos.

Síntese da Obra, Opinião e Reflexão Pessoal

É difícil fazer a síntese de uma obra quando se trata de um manifesto. No entanto, e dada a sua fantástica organização, posso dizer que começa com um discurso dirigido ao leitor onde se explica o porquê deste manifesto, fazendo uma breve retrospectiva sobre a nossa relação com os animais, referindo a vida que estes levam na terra e incluindo já dados de estudos e sondagens conhecidas. A introdução mostra que este livro se baseia numa pesquisa sólida e segue a máxima: "*expandirmos a nossa pegada de compaixão.*" E é neste ponto que se apresentam as razões que constituem o próprio manifesto, pois "Todos os animais partilham a Terra e temos de coexistir".

A **Razão I** é bastante clara. Todos os seres devem ser tratados de maneira igualmente justa, independentemente da espécie a que naturalmente pertencem. Fala-se sobre a necessidade de ultrapassar o *especificismo*, que é simplesmente um termo criado para definir a

visão egoísta do ser humano ao considerar-se um ser superior e especial de entre todas as espécies e ao dar-se ao luxo de explorar, escravizar e maltratar todos os que estão, segundo a sua consideração, abaixo de si. Refere também a lacuna que existe na nossa sociedade relativamente à legislação, inexistente, para preservar, cuidar e coexistir em paz e respeito com todos os seres vivos. A relação doméstica, muitas vezes abusiva, com os animais, o distanciamento cada vez maior dos países ricos em relação à natureza, os lamentáveis modelos de coexistência que se baseiam num controlo pela morte.

A **Razão II** é talvez a mais importante e aquela que o autor frisa, dizendo que *"se os animais, com o seu manifesto, conseguissem convencer os humanos de apenas uma coisa, seria de que pensam e sentem."* De facto, neste capítulo, o autor fala não só da questão do antropomorfismo, como apela à nossa compaixão, socorrendo-se não só da ética como do nosso discernimento face a uma panóplia de notícias de jornal ou eventos que, em algum ponto da nossa história ou da nossa vida, nos marcaram, fosse uma descoberta científica, ou uma ocorrência negativa ou positiva, relativa a animais ou humanos.

A **Razão III** surge como uma continuação da **Razão II**, não menos crucial na vida de humanos e animais. Se o capítulo anterior já continha bastantes notícias d, este excede-se em exemplos, notícias, relatos, vivências. Tudo para provar mais uma vez que deve existir justiça moral, de que os animais, ao contrário do que muitos pensam, nos surpreendem imensas vezes com a sua própria noção de justiça e amparo, tanto que já foram testemunhados inúmeros actos de verdadeira compaixão, ternura e lealdade entre animais da mesma espécie, animais de diferentes espécies e entre animais e humanos.

A **Razão IV** é um facto, pois o que o autor declara nesta razão é que quanto mais nos afastamos da natureza e dos outros seres, mais nos tornamos frios e distantes, logo menos respeitaremos e conheceremos o próximo. O mesmo acontece na situação inversa. Quanto mais próximos formos da natureza e das outras espécies, maior será a nossa compaixão e aquilo que iremos atrair serão precisamente os mesmos valores de compaixão, respeito e conhecimento. O próprio autor colocou um subtítulo (como em todas as outras **Razões**) e como sempre muito interessante e que nos faz pensar: *"A ligação origina respeito, a alienação origina desrespeito"*. **Inclusivamente, neste capítulo, ele incita-nos a abraçar o animal que há em nós e a praticar uma alimentação se não vegetariana, pelo menos que reduza o consumo de carne em mais de metade daquilo que consumimos. Critica o sistema cruel e desumano da indústria agro-pecuária e da actividade piscatória. Mostra-nos como a agricultura tem vindo a degradar e a envenenar o nosso mundo e novamente tende a persuadir o leitor a ter também compaixão quando se encontra "à mesa". Reafirma que mudar de hábitos é complicado, mas necessário e que podemos ajudar o mundo e os outros sem ter que recorrer a manifestações ou grupos activistas, se formos nós próprios a assumir essa alteração significativa que, acima de tudo, revolucionará a nossa qualidade de vida.**

A **Razão V** é a mais chocante e a mais preocupante de todas. É também uma das mais longas do livro pois nela temos incluído os direitos dos animais, o uso de animais em laboratórios, em indústrias como a farmacêutica, em circos, animais vítimas de armadilhas na caça, em jardins zoológicos, etc. É praticamente um desmascarar da modelagem das espécies à nossa maneira, ao nosso conforto, às nossas necessidades ou caprichos. É o levar-nos a termos vergonha de quem somos, do que fazemos, e a admitirmos que afinal somos, não só os principais inimigos dos outros, como de nós mesmos. É o vermos a quantificação da morte e da crueldade em números que chegam aos milhões. São estatísticas e notícias cruéis, que podem levar a mudanças se nos apercebemos do que verdadeiramente temos em mão.

A **Razão VI** vem finalizar o livro e apelar à mudança, pois, segundo as palavras do autor, *" qualquer manifesto é um incitamento à acção*. Vai culminar com a tomada de medidas relativamente à ecologia e portanto também aos animais, vai explicitar algumas teses filosóficas, como ser-se bom, praticar-se a compaixão... **É a última Razão** e também o último momento para o autor exprimir com toda a grandeza e eloquência as suas últimas palavras. É um capítulo muito interessante já que nele se reflectem todas as características positivas. Dá-nos confiança e transmite-nos a esperança de que nada está perdido se mudarmos a nossa atitude para com os outros, para com os animais, para conosco.

Recomendação de leitura

Não será preciso dizer o quanto gostei deste livro.

Livro e autor fascinaram-me através das suas palavras, fundamentadas na ciência, na experiência empírica, em estudos... **É um trabalho exaustivo, que demonstra não só a paixão imensa de Marc Bekoff pelos animais, como a sua compaixão, respeito e coexistência com os**

outros. Valores difíceis de encontrar num tempo de crescente individualismo e alienação. Partilho todas as suas noções acerca do que pensa e do que vê acontecer no mundo real quando falamos de relação homem - animal e do quão urgente é uma mudança. Penso que as pessoas não estão cientes de que os animais pensam e sentem, muito menos da urgência, de que já falei, de revolucionar hábitos errados, há muito enraizados. Não creio, no entanto, que seja impossível mudar a mentalidade das pessoas. Se nos associarmos a mais Marc Bekoffs numa campanha mundial, provavelmente atingiremos um grau de compaixão e de conhecimento muito maior que a média global.

Senti-me enojada, por vezes, triste e magoada, por ler e ver tantos exemplos e números de animais maltratados sem razão, por às vezes me sentir incapacitada de fazer algo, por ver que muitos dos nossos esforços empenhados do pouco que fazemos são invalidados por seres inconscientes e frios, sem coração.

Recomendo este livro a todas as pessoas que se preocupam com os outros e consigo mesmas. A todas aquelas que investem todos os dias um pouco de si, na procura do melhor para todos. A todas aquelas que independentemente dos seus hábitos de leitura, encontrem neste livro não só um guia como um reconforto, para que não se sintam sós. Que esta obra seja também um apoio para quem ainda pensa em mudar, ou para quem o fez e simplesmente quer abraçar novos conhecimentos.

Texto 25: O PERFUME, Cláudia Machado, nº 7, Mariana Pires, nº 15, 12°C
Data de edição: Maio 2011

Biografia do autor

Patrick Süskind nasceu na Alemanha em 1949. Estudou História Moderna e Medieval na Universidade de Munique e em Aix-en-Provence, na França. Publicou alguns contos como "A antologia" e "A pomba" em 1979. No entanto, só em 1985, com "O perfume" atingiu o estrelato. Em 1991 publicou "A história de Mr. Sommer" e em 1995 "Três histórias". Outro trabalho bastante reconhecido é o monólogo dramático "O contrabaixo". Além de escritor, é também roteirista da televisão alemã, tendo sido autor de, por exemplo, *Der ganz normale Wahnsinn*. *O Perfume* foi inicialmente publicado em capítulos no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, sendo em 1985 transformado em livro. Em 2006, foi concretizado um filme baseado neste livro, realizado por Tom Tykwer.

Síntese do livro

A história inicia-se em 1738, com o nascimento de Jean-Baptiste Grenouille, atrás de uma banca de peixe, no mercado da Rua aux Fers, em Paris.

Jean-Baptiste Grenouille era uma criança que tinha um olfacto extraordinariamente apurado, mas que não possuía odor próprio. Após a morte da sua mãe, ele foi entregue a um convento que o encaminha para uma ama, Jeanne Bussie, que o rejeitou. Foi, então, entregue a Madame Gaillard, uma mulher sem olfacto e sem sentimentos, que acolhia inúmeras crianças. Por volta dos onze anos, quando Madame Gaillard deixou de receber a renda dada pelo convento, ele foi vendido ao curtidor Grimal. Jean-Baptiste trabalhou arduamente para o curtidor até que, numa noite, em 1753, cometeu o seu primeiro homicídio, matando uma jovem e absorvendo toda a sua essência. Dias mais tarde, Grenouille foi entregar uma encomenda a Giuseppe Baldini, um famoso perfumista parisiense, com graves dificuldades económicas e criativas, que concordou em contratá-lo, após uma experiência de criação de um novo perfume, bem sucedida. Após três anos ao serviço de Baldini, Grenouille partiu para Grasse em busca de novas técnicas de extracção de perfumes. A caminho de Grasse, iniciou uma busca por um local isento de cheiros humanos.

Durante sete anos, viveu numa gruta, no cume de uma montanha, até ao momento em que sofreu uma catástrofe interior, que o levou a abandonar o seu asilo. Na cidade de Montpellier, conheceu o Marquês de Taillade que o utilizou num seu ensaio científico. Quando teve a oportunidade de estar num laboratório, criou um perfume idêntico ao odor humano e traçou como objectivo criar um derradeiro perfume capaz de arrebatá-lo qualquer alma.

Partiu novamente em viagem, em direcção a Grasse. Aí sentiu o perfume mais perfeito que alguma vez conhecera e que emanava de uma jovem, que ele não via, mas que adivinhava ser muito bela. Sabia que o queria capturar, mas esse odor ainda não estava pronto para ser extraído. Por esta razão, passou dois anos a aprender as técnicas necessárias para extrair a essência daquele perfume. Matou, então, vinte e quatro jovens, cortando-lhes o

cabelo e tirando-lhes a roupa para, assim, fazer ensaios de extracção do seu perfume. Ao fim de dois anos de espera, Grenouille conseguiu matar a jovem, criando, assim, o seu perfume perfeito. Entretanto, foi descoberto pela polícia como o assassino das vinte e cinco jovens e condenado à morte. No entanto, devido ao efeito do seu perfume, conseguiu sair ilibado.

No final da acção, Grenouille voltou a Paris e, após ter usado mais uma vez o seu perfume, foi devorado pelas pessoas que ficaram obcecadas pelo odor que dele emanava.

Texto de opinião de Mariana Pires

Pessoalmente, gostei muito deste livro, que me cativou imenso. Além de se enquadrar no meu género literário, aborda também uma história intrigante que me surpreendeu.

Um dos aspectos que mais apreciei no livro foi a caracterização da personagem principal pelo facto de Grenouille não possuir odor próprio e ter um olfacto muito apurado. Com estas características a acção ficou muito interessante, dado que a personagem cometia os crimes e ninguém dava por ele, daí que tenha sido muito complicado capturá-lo. Outro aspecto que gostei no livro foi a obsessão que ele tinha em criar um perfume perfeito que faria as pessoas apaixonarem-se e amarem-no a ele, Grenouille, que nunca fora amado e que não possuía odor. No entanto, houve partes menos interessantes no livro, para mim, como por exemplo, a descrição de todas as técnicas de extracção de odores que ele foi aprendendo ao longo da vida, com as diferentes pessoas para quem trabalhou.

Na minha opinião, este livro foi surpreendente pois Grenouille conseguiu o que pretendia: criar o perfume perfeito e escapar impune dos crimes. Contudo, a parte que mais gostei foi o final em que ele morreu, ficando provado que uma dose a mais daquele perfume perfeito levou as pessoas à loucura e a desejarem ter uma parte dele. Em suma, adorei ler este livro e por isso recomendo, vivamente, a sua leitura.

Texto de opinião de Cláudia Machado

O Perfume é uma obra que desperta as mais inesperadas sensações no leitor. Desde a compaixão ao choque, tudo é sentido. A descrição pormenorizada da obra permite a quem a lê que se envolva na sua história e se sinta um observador, ainda que passivo, do desenrolar dos acontecimentos. É utilizada uma cronologia lógica, o que confere à obra um sentido de realidade e faz com que o leitor acredite no que lê. Há bastantes pormenores e características originais, tais como a oposição do olfacto apurado de Grenouille e a ausência de odor no mesmo; a obsessão em criar o perfume perfeito, capaz de fazer com que as pessoas se apaixonem por quem o use, para, no fim, ser utilizado para provocar a morte de alguém. Existe, portanto, uma relação de amor/ódio que demonstra quão ténue é a linha entre os dois. A obra de Patrick Süskind é, assim, absolutamente memorável e irá prender o leitor, fazendo com que a sua visão do mundo e, até mesmo, o seu gosto pela leitura, mude.

Texto 26: A VARANDA DO FRANGIPANI, Vasco Gomes, nº 22, Cláudia Machado, nº 7, 12°C

Data de edição: Maio 2011

Biografia do autor

Mia Couto nasceu a 1955, em Moçambique. Entrou na Universidade de Medicina, mas no terceiro ano desistiu e passou a exercer jornalismo. Aos catorze anos, Mia Couto publicou alguns poemas no jornal Notícias da Beira. Foi também director da Agência de Informação de Moçambique e director da revista *Tempo* até 1981. Em 1983 publicou o seu primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*, e, dois anos depois, demitiu-se do cargo de director que exercia para continuar os estudos na área da biologia. *Terra Sonâmbula*, publicada em 1992, foi o seu primeiro romance e ganhou o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995. Foi também considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX. É professor de Ecologia na Universidade Eduardo Mondlane e dirige uma empresa de estudos ambientais, a IMPACTO. Em 1999 foi galardoado com o Prémio Vergílio Ferreira pela sua vasta obra; em 2001 recebeu o prémio Mário António pela obra *O último voo do flamingo*; em 2007 foi premiado com o Prémio União Latina de Literaturas Românticas e, nesse mesmo ano, recebeu também o Prémio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura.

Síntese do livro

A história passa-se em 1992, em Moçambique, no asilo de S. Nicolau.

Ermelindo Mucanga morreu enquanto trabalhava nas obras de restauro da Fortaleza de S. Nicolau e, devido à inexistência dos devidos rituais, não se tornou num xicuembo (morto definitivo). Reside, então, numa cova debaixo da árvore de Frangipani, inconformado com a sua situação. Após descobrir que as autoridades do país pretendem torná-lo num herói nacional com o intuito de provar o equilíbrio entre raças devido à independência do país, Ermelindo recusa-se a fazer parte da mentira e, portanto, toma a decisão de "remorrer". Aconselhado pelo seu pangolini, um espírito ancestral com forma de animal escamoso, Ermelindo ocupa o corpo de Izidine Naíta, um polícia que está a investigar a morte de Vasto Excelêncio, director do asilo. Izidine estaria, segundo o pangolini, destinado a morrer dentro de seis dias, tornando-se, assim, o hospedeiro ideal para todo o processo. A história decorre intercalada pelos relatos dos velhos do asilo, onde todos se dizem culpados da morte do director, e pela narração do xipoco (fantasma) que ocupa o corpo de Izidine. Os velhos contam as suas histórias repletas de tradições e, como mais tarde se sabe, de mentiras.

No fim, descobre-se que a verdadeira causa da morte do director foi um negócio de armas no qual este estava envolvido. Num derradeiro acto, Ermelindo retorna ao seu corpo para salvar Izidine do seu destino fatal e consegue, finalmente, remorrer junto do Frangipani. É, depois, acompanhado pelos restantes velhos do asilo.

Texto de opinião de Vasco Gomes

A Varanda do Frangipani é um dos livros mais fáceis, mas, simultaneamente, dos mais difíceis que alguma vez li. De uma forma muito peculiar, Mia Couto mostra-nos que por trás de um simples policial se esconde uma profunda reflexão sobre as consequências da guerra e o equilíbrio ténue estabelecido nos tempos de paz.

No princípio, o livro apresenta-se como uma história sem história, sem enredo, mas rapidamente se revela capaz de prender a atenção do leitor num mundo irrealmente real. Sim, porque o autor mistura diferentes percepções de uma forma muito natural, levando-nos a um mundo onde o fantástico se torna real e o real se torna mera ficção. Num mesmo capítulo, é capaz de relatar a forma como a feiticeira exerceu a sua magia, para, em seguida, fazer alusões às consequências do tráfico de armas. A linguagem utilizada no livro, característica do universo africano, ajuda a imersão do leitor nessa terra sobre a qual o autor escreve com tanta paixão. A forma como se refere às tradições e as venera, através das suas personagens, poderá ser a sua forma de se revoltar contra a destruição de uma cultura extremamente rica que, no livro, está a ser destruída por uma geração mais nova.

Em suma, encontramos, em "*A Varanda do Frangipani*", duas vertentes muito distintas de leitura: por um lado, temos o romance, o conto e, por outro, a crítica e a reflexão. Cabe ao leitor escolher uma face, mas ambas merecem um olhar atento.

Texto de opinião de Cláudia Machado

A Varanda do Frangipani é capaz de ser a obra mais difícil de descrever que alguma vez li. É uma obra que, de certo modo, nos capta a atenção, mas nos deixa na dúvida. O tema da obra não se infere de imediato. Começa por se tratar de um universo onde existe um pangolim e onde as pessoas podem "remorrer" para, depois, avançar para um policial onde se tenta descobrir o culpado de um assassinato. Só no fim, após uma reflexão e, talvez, uma segunda leitura, se percebe que esta obra de Mia Couto é muito mais do que um contar de rituais africanos, é muito mais do que descobrir um assassino. É uma crítica à perda das tradições, é uma reflexão sobre as consequências da guerra. É um livro destinado a fazer - nos reflectir sobre o que nos rodeia e sobre a mudança desde o passado até ao presente.

Esta é uma obra repleta de significados, repleta de sensações visuais que impulsionam a nossa imaginação e que nos proporciona bastante conhecimento sobre a cultura africana. Em suma, é um livro a não perder, cuja leitura requer algum tempo para absorver tudo aquilo que ele tem para nos oferecer e para descodificar os seus simbolismos.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projecto com Léguas para ler
e escrever. No Padrão.



3. TEMPO DE POESIA

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** continua a nova secção, inaugurada em 2010, tempo de poesia. Porque a poesia é a árvore da vida, feita de palavras e de versos, de nuvens e de sonhos, de interrogação e de desespero, cristalizadas em sílabas que interrogam, revelam, permanecem. Os nossos jovens poetas cristalizam, no ritmo cadenciado das suas palavras, a vida e o amor, em vislumbre da vida que se contempla do alto da frescura da juventude, feita porquês e angústias, mas também calma contemplação e serena alegria...

Texto 1: POESIA SEM AMOR, Diana Vieira, nº6, 9ºD

Data de edição: Novembro 2011

Mundo sem cores,
Sentimentos sem coração,
Ruas sem odores,
Luz e escuridão.

História,
Vitória sem glória,
Amor sem coração,
Vida sem paixão.

Futuro,
Ciências sem corpos,
Vida sem sangue,
Vitória sem jogo.
Dias escuros,
Noites claras.

Dia de morte,
Dia de vida,
Um ano de sorte,
Terra removida.

Música sem notas,
Planeta sem cor,
Vê lá o que colocas...
Numa poesia sem amor.

Texto 2: UTOPIA IMPERFEITA, Ana Cláudia Proença, nº2, 12ºA
Data de Edição: Janeiro 2011

Cai em mim o Universo
A cada curva do mundo...
Que me preenche, sem eu saber
Como um vírus ou um cavalo de Tróia!
Ameaçadora presença,
Que me transforma e me muda e me altera
Até perder tudo o que é meu para tudo o que me consome.
Ó sanguessuga infernal!
A tua beleza faz de mim um alegre escravo,
Que te dá lágrimas na máscara que crias
Por detrás de um ecrã existencial.

Vem a mim, tecnologia!
Deixa as mãos das crianças pobres te criarem
Para unirem o mundo dos ricos que tanto ignoram o mundo!
Ó mundo...
A tua triste glória brilha mais alto que a corrupção sobre a solidariedade dos homens,
Mais feroz que a poluição sobre o verde esvaecido de uma natureza esquecida...
Ah, what a wonderful world!
Tem um je-ne-sais-quoi de peculiar que me fascina
Aaaah, que maravilhoso mundo!
Maior que os deuses,
Maior que o Universo preso nos sonhos das gerações passadas!

Vuuuuuush!
Vento que levaste tudo isto... chapéus, cabelos, idealismos!
Furacão! Leva-me contigo pelas selvas!
Essas selvas... chamam-se elas salas de aula
Onde todos gritam!
Onde todos os civilizados são animais!
Animais que rugem! RAAAWR!
Ó orquestra de pandemónio!
Música para os meus ouvidos!
Dos "cala-te", "vira-te para a frente" e "senta-te direito"
que interrompem o magnífico da confusão!
Shiiiiu! Calem-se! Deixem-nos rugir!
São apenas o futuro podre (e que podre!) de uma nação gloriosa
Que vive, respira o eu! O eu, o eu, o eu!
Ah, a minha alma por um minuto de fama!
Estrelas que brilham tão fugazmente como um click,
E nos abandonam bêbados de emoção!
O *carpe diem* do agora!
O tudo num momento!
Que cada vez sabe mais ao pouco que somos,
À alma que perdemos,
Ao Deus que esquecemos.

E quando toda a natureza disto se rebelar contra nós
Cá estaremos erguidos, arrogantemente estúpidos,
Filhos orgulhosos de um mundo que morre!
Bravo!!! Viva!!! Eia, mundo que chora, maravilhoso mundo!

Texto 3: ODE MUSICAL, Rita Seguro, nº24, 12ºA
Data de Edição: Janeiro 2011

Oh! Ó tu, maravilhosa!
Tu, que és tudo.
Tu, que fascinas e preenches o mundo.
Ah, como tu és perfeita!

És um choro de um bebé,
És riso de uma criança,
És o grito de uma mulher!
Oh, e és poder para um homem.

Tu, tu que identificas uma cultura,
E que és um símbolo de um país.
Tu que unes povos
E acalmas os mais novos.

Tu que estás em qualquer lugar!

Surges por inspiração nuns,
E és a inspiração noutros.
Ai, como és completa...
Haverá algo mais encantador do que tu?
Haverá? Haverá??

Tu, com as tuas melodias,
Ó arte sem limites,
Tornas melhor o meu viver,
Ó música!
Ó música com poder!

Texto 4: ODE, Mariana Miranda, nº18, 12ºA
Data de edição: Janeiro 2011

Ó céu azul como te amo.
O que daria para te ver novamente,
Gritar com todo o ar dos meus pulmões,
E por fim enchê-los com todo esse azul.

Oh! Mas esse azul já não existe!
Existem fábricas e automóveis!
Existem fumos e poeiras e cinzas!
Não existe esse azul. Não mais.

O gás cinzento sai de um tubo, passa para
outro,
E para outro, até se juntar aos demais,

Nesse céu que já foi azul,
Mas não mais!

Grito para o céu cinzento,
Que CHORA molhando essa civilização,
Máquinas, ferros e outros metais,
Ferrugentos e poeirentos.

Grito no silêncio da confusão de ruídos,
Grito com todo o ar dos meus pulmões.
Ai! Para não respirar mais,
Nunca mais...

Texto 5: ROSA NEGRA, Amanda Hoeckele, nº27, 10ºC
Data de edição: Março 2011

Rosa negra, coração negro, tanta raiva, tanta solidão
Dentro do seu coração.
Vida sem amor,
Vida de dor.

Sozinha num longo caminho a seguir,
A morte é a primeira coisa a pedir,
Suas pétalas já estão a cair,
Um só tempo de vida a viver,
Mas prefere uma rosa negra ser.

Vida sem saída,
Sua história já foi escrita,
No escuro da noite onde luz não se vê,
Plena escuridão em seu coração não para de crescer.

Vida de dor,
Vida de sofrimento,
Tudo passa tão lento!

Rosa negra esperança não tem,
Sua dor das estrelas já foi além,
Rosa negra de pétalas feridas;
Rosa negra na sombra, escondida,

Rosa negra, sem saída!
Rosa negra sua vida é só sofrer,
Já queres morrer?
Rosa negra já não chora,
Longa vida, morte que demora.

Rosa negra, seu destino já sabe.
Já sabe o caminho que deve seguir.
A vida nos faz decidir,
Mas sua morte está por vir.

A morte tem passos de lã.
Rosa negra dos montes já se vai despedindo,
A morte tem coração de vidro,
Para ela na vida nada faz sentido.

A vida quis assim:
Nada vai mudar,
Nem para você
Nem para mim.

Texto 6: CURSO BÁSICO DE RELAÇÕES HUMANAS EM SETE LIÇÕES, Lúgia, nº 15 e Sara nº 22, 7º B

Data de edição: Março 2011

As pessoas devem ser verdadeiras.
Se não cumprirem isso terão amoladelas
Todas têm as suas maneiras
Devem é admitir que o erro foi delas.

Vamos falar em valorizar:
Os outros fazem, mas eu também valho!
Quer eu vá ou não ajudar
Temos que admirar quem fez um bom trabalho.

Quero ouvir falar.
Temos que agir como o algodão
Poder aceitar ou discordar.
Quero é saber a sua opinião!

Eu tenho que respeitar a sua vez
Também tenho que ser passador
Não quero ter malvadez.
Quer fazer o favor?

Vou agradecer-lhe por tudo o que faz.
Confesso que fico admirada!
Como isso me satisfaz!
Por isso, muito obrigada.

Sabem qual é a palavra mais importante?
"Nós", é o que deve ser mais dito
Eu não sou insignificante!
Mas "nós" é o elemento mais bonito.

Não penses só em ti!
Existem mais pessoas no mundo!
Sabes o que ví?
Este poema, agora, já não é imundo.

Texto 7: AVENTURA, Ana Catarina Gonçalves, nº 2, 8ºD

Data de Edição: Março 2011

Escrevi a palavra aventura.
Um mundo novo se abriu,
cheio de surpresas e de agitação,
deixou-me o coração numa só mão.
Assustou-me quando me deixou cair,
mas logo me apanhou,

quando adormeci
e fui salva por um herói.
Ensinou-me a arriscar,
e a com tudo brincar.
A vida é a verdadeira aventura,
e tem de ser vivida com muita bravura.

Texto 8: ESTAÇÕES, André Silva, nº 2, 8ºC

Data de Edição: Março 2011

Escrevi a palavra água
Que inundou o meu caderno
E de caderno troquei
Passei a escrever Inverno
Logo o meu caderno congelou
Voltei ao outro caderno
Neste escrevi Verão
E logo secou
Escrevi a palavra folha

Mas sem querer acrescentei-lhe um "s"
Apareceram-me várias folhas
E logo formei outro caderno
Onde escrevi Primavera
E tornou-se um prado de flores.
Peguei noutra folha
E escrevi folhas
Mas a folha entendeu-me mal
E logo se tornou num autêntico Outono

Textos 9: POEMAS DA PRIMAVERA, 7º Ano
Data de Edição: Março 2011

A Primavera é...

O teu sorriso
A tua juventude o teu olhar
É tudo o que eu preciso
Para não ficar indeciso
Quando te vejo passar.

A Primavera é...

O amor, o renascer,
O germinar,
O princípio de cada flor
Perfumando com o seu odor
Todos os tempos do verbo amar.

A Primavera é cor...

É sonho,
É reviver com alegria
A fuga do Inverno tristonho
Passagem para o Verão risonho
Imaginação para a fantasia.

A Primavera é...

De novo vestir
O tempo que antes estava nu
É a natureza e o seu evoluir
A beleza que volta a reluzir.

A Primavera...

És tu.

João Brito, nº17, 7ºC

Fui ao jardim passear
espalhar a minha dor,
encontrei o teu retrato
na pétala de uma flor.

Tiago Silva, nº21, 7ºC

Voltar...

Quero voltar a acordar com o
sol a bater na minha cara
ouvir o chilrear dos
pássaros na minha varanda
e o brilho do teu olhar em meu
PENSAMENTO

Catarina Silva, nº 6, 7º B

Primavera!...

Vou aproveitar o calor até o dia acabar
Viver a amizade até
não poder mais.
Dar a volta ao
mundo e voltar.
Contigo a
meu lado
Não é impossível voar.

Catarina Silva, nº 6, 7º B

A Primavera vai acordar
E as pessoas alegrar.

Pedro Jorge, nº20, 7º B

Música e melodias,

Sáidas e fantasias...

É isto o que a Primavera nos traz todos os
dias.

Olavo Gonçalves, nº 18, 7º B

Textos 10: PENSAMENTOS DE PRIMAVERA, 7º A

Data de Edição: Março 2011

Quando começa a aproximar-se a Primavera, tudo renasce como se tivesse acordado de um longo sono. **Ana Sofia Santos, nº 2**

A Primavera é a estação em que tudo renasce e fica colorido, em que a alegria aparece e a tristeza se esquece. **Bruno Gonçalves, nº 4**

Na Primavera, os jardins ficam cobertos de flores coloridas como diamantes e o ar que respiramos torna-se mais macio. **Daniela, nº 6**

A Primavera é, das quatro estações, aquela que me deixa mais alegre, pois é a altura do ano em que o planeta Terra fica mais colorido e as pessoas parecem mais felizes. **Inês Oliveira, nº 8**

A Primavera é uma estação muito bela, porque as flores nascem, os pássaros cantam e o amor cresce entre as pessoas. **João Sousa, nº 10**

A Primavera é altura de beleza, nascimento e liberdade dos seres vivos. **José Diogo, nº 11**

A Primavera é a altura do ano em que a natureza renasce, as plantas dão flor, vêm as andorinhas e, nas árvores, voltam a crescer folhas. **José Mário, nº 12**

A Primavera é linda como as flores! O sol começa a brilhar intensamente, os pássaros cantam e as crianças saltam de alegria. **Margarida Borges, nº 13**

A Primavera é importante para a vida, porque as flores crescem, sente-se um cheiro suave da erva e da terra e vêem-se as pessoas a brincar na rua, a divertirem-se. **Carolina, nº 14**

A Primavera é linda! As flores têm um sorriso, as crianças brincam alegres e o mundo gira contente. **Fátima Nogueira, nº 15**

Na Primavera, ouvem-se os pássaros a cantar, vêem-se as flores a crescer e a alegria espalha-se por todos os corações. **Mariana Leite, nº 18**

A Primavera é uma estação do ano em que o amor paira no ar e as flores renascem de alegria.

Mariana Branco, nº 19

A Primavera é a época de felicidade, porque saímos do frio do Inverno e entramos na alegria e no amor. **Miguel Gonçalo, nº 21**

Na Primavera parece que o mundo ganha vida e alegria. **Paulo Azevedo, nº 22**

Na Primavera, as flores reinam nos campos, o calor aproxima-se devagar, até que o Verão chega. **Rui Faro, nº 23**

A Primavera não é uma estação, mas sim o renascer de uma nova vida. **Vasco Lopes, nº 24**

Texto 11: A PRIMAVERA CHEGOU, Ana Gomes, nº 1, 7º E

Data de Edição: Março 2011

A Primavera chegou
Vamos lá sorrir,
Vamos lá para fora
Para brincar e distrair.

A Primavera chegou
O Sol está amarelinho,
O céu está muito azul
Perto voa um passarinho.

Textos 12: PRIMAVERA, Ana Fernandes, nº 2, 7º E

Data de Edição: Março 2011

Na Primavera chega o calor,
Há andorinhas a regressar,
Chega também o amor
E a amizade que anda no ar.

Provérbios:

Borboleta branca, Primavera franca.
Por morrer uma andorinha, não acaba a Primavera.

Texto 13: PRIMAVERA FLORIDA, Ana Luísa Almeida, nº 4, 7º E

Data de Edição: Março 2011

Na vinda da Primavera,
As flores nascem,
Os campos renascem
E tudo fica verde.

A flor da orquídea,
Parece um manequim,
Só usa roupas finas,
De seda e de cetim.

Texto 14: LINDA PRIMAVERA, Inês Guimarães, nº 15, 7º E

Data de Edição: Março 2011

Primavera, Primavera,
Linda de morrer.
O sol bate tão forte
Que tudo principia a reviver.

A Primavera chega.
As flores começam a nascer,
As árvores ficam verdes
E os dias a enriquecer.

Texto 15: CHEGADA DA PRIMAVERA, Sofia Isabel, nº 24, 7º E

Data de Edição: Março 2011

No mês de Março
Volta sempre a Primavera,
Diz-se adeus ao Inverno
Pelo calor do Sol se espera.

Digo adeus às brumas,
Ao frio do nevoeiro,
Digo adeus às chuvas,
Digo adeus ao Inverno.



Jardim do artista, Claude Monet

Texto 16: O MEU MUNDO, Diogo Azevedo, nº 12, 7º C
Data de edição: Abril 2011

O Mundo onde eu gostaria de viver seria Belo e Maravilhoso. No Meu Mundo, só existiria a paz, o amor, a verdade, a justiça, o respeito e a educação, mais as belezas da Natureza.

As pessoas amariam a Natureza, por isso não haveria poluição. Tratá-la-iam bem e admirá-la-iam. Como admirariam as coisas belas da Natureza e as suas paisagens, ninguém sofreria de depressão. Não existiria ansiedade, porque as pessoas aprenderiam a viver com calma. As crianças e os jovens seriam felizes, amados, compreendidos, educados e respeitados! Não haveria guerras, fome, pobreza, raptos, racismo, crise, roubos nem qualquer tipo de violências. As pessoas teriam os seus objectivos e lutariam por eles, mas sem prejudicarem ninguém. Os jardins estariam cheios de crianças, de jovens, de adultos e de velhos que se presenteariam com as maravilhas deslumbrantes da Natureza. As crianças brincariam alegremente, os jovens passeariam e os velhos, felizes, leriam e descansariam.

Este meu Mundo Belo e Maravilhoso é, realmente, um Mundo de Paz e de Harmonia.

Texto 17: ODE À CONDENAÇÃO SOCIAL, Mariana Mota e Vânia Ferreira, 12ºB
Data de Edição: Abril 2011

Pior são as vozes da sociedade do que aquelas que se entranham em mim!
Sorte tenho eu de poder sair do estado de lucidez no qual me encontro.
Agora, neste momento de claridade, retribuo-vos a sensação que me fazeis sentir,
E assombro-vos com a minha possante voz,
Libertando toda a minha indignação.

Estes são os gritos da minha revolta!
Vós que criticais, sem verdes, o vosso reflexo no espelho,
Vós que julgais o outro e sentis um gozo especial em apontar o dedo,
Virai os vossos olhos para o vosso interior!
Procurai a vossa essência!
Cada ser tem a sua dose de loucura.
Porque me julgam se sou o único a ter coragem de a expor?

Amigos, vocês que são almas puras
Que têm o dom de serem perfeitos à semelhança de Deus
(Quem me dera ser alvo de tamanha virtude!)
Porque julgais uma pessoa que não sou eu?
Ó loucura que me domina, ó vozes que me separam do mundo real, onde estais vós?
Tic-tac ... tic-tac ... tic-tac ...
As horas passam... e eu ainda permaneço lúcido.

Sou obrigado a continuar a ouvir os vossos sussurros,
A aceitar os vossos olhares cortantes.
Porque é que não percebeis?
Tenho um rosto, um corpo e uma identidade como todos vocês.
Sou igual!
Possuo somente a capacidade de criar novos mundos,
Novas personagens e identidades, tal como uma criança faz.
Sou livre dentro das minhas capacidades, ao contrário de vós que viveis enjaulados.
Não me digam que nunca quiseram ser, por um instante, como eu.

Venham! Eu cá estou para vos receber, minhas companheiras.
A alucinação perfura o meu corpo e a minha mente,
Vamos para bem longe desta gente cruel e desumana.
Mas aqui ficam gravados os gritos da minha revolta!

Texto 18: ODE SOCIAL, Cláudia Machado, nº7, 12ºC
Data de Edição: Abril 2011

As ruas da calçada estão repletas de *drosophilas*,
Verdadeiros antros de mediocridade,
Que se passeiam pelos cantos da cidade
Ora ouvem aqui, ora contam ali.

Nunca me deixa de espantar e fascinar
Toda aquela facilidade de viver a vida de todos, menos a sua.
Arre! Já farta tanta hipocrisia!
Arre! Já farta tanta falsidade!

No entanto, tenho de vos confessar, meus caros,
Toda a minha alma rejubila perante o pronunciar do meu nome entre as moscas!
Dá vontade, sabem, dá vontade de viver todo aquele esplendor que santas criaturas denotam
em mim.

Elas continuam zonzando e criticando por essas calçadas fora ...
E quanto a mim, meus amigos, eu cá me delicio com o espectáculo.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projecto com Léguas para ler
e escrever. No Padrão.

«Com medo de o perder nomeio o mundo...»

Vitorino Nemésio, *o Verbo e a Morte*

4. NOTÍCIAS EM PROJECCÃO

O projecto Ler Mais e Escrever Melhor instituiu esta secção para divulgação de actividades dinamizadas na Escola Secundária do Padrão da Léguas. Notícias em Projecção é uma secção aberta a notícias escritas por alunos, professores ou funcionários, de autoria singular ou colectiva. Para além de notícias, recebe ainda outros textos jornalísticos como crónicas, reportagens, **entrevistas...** O que interessa é que os textos em projecção apresentem como denominador comum o aperfeiçoamento da competência de leitura e de escrita, de formação da bagagem de leitor e da capacidade de escrita multifuncional, a propósito de actividades deste ou de outros projectos.

A memória de um projecto pode (re)construir-se a partir das suas notícias. «Com medo de (...) perder» momentos e memórias, que pertenceram ao real, que fizeram parte da vida de poucos ou muitos. E é com essas notícias feitas memórias que nomeamos a Escola, o nosso pequeno «mundo», parafraseando a epígrafe do poeta.

1ª Notícia: O NOSSO MAGUSTO, Carla Alexandra Teixeira, nº3, 2ªA **Data de edição: Novembro de 2010**

“Meninas, o magusto está a chegar, contamos com vocês para trabalhar!”. Por mais estranho que pareça foi assim que tudo começou, professores e funcionários perguntavam como seria o magusto deste ano. Deixámos desentendimentos, orgulhos e conflitos fora da lista, limitámo-nos à união, para que mais uma vez o resultado fosse positivo. Não fugimos à regra e recorremos à ajuda preciosa da professora de expressão plástica.

As ideias começaram a surgir e vagueámos por momentos. A primeira hipótese foi fazer uma espécie de cortinas com folhas fornecidas pela mãe natureza. Surgiu, assim, a expressão “Mãos à obra!”. Em grupo, instalámo-nos por toda a escola, em busca de folhas verdes ou amarelas, vermelhas ou castanhas. Na verdade, ao trabalho juntou-se a alegria e a diversão. Por momentos, comportámo-nos como garotas de primária, umas tentavam saltitar (para agarrar um ramo), com o intuito de roubar folhas, outras, encavalitadas em alguma das pobres colegas, apanhavam uma espécie de sementes de árvores. Após a colheita, regressámos à nossa “cabana”, situada no pavilhão B, onde juntámos todo o material e soltámos gargalhadas com as aventuras e sujidade que, por momentos, nos tornou imundas! Roubámos o lugar às avós e sentámo-nos com agulha e linha, folhas em baldes e fita-cola. Assim nasceram as cortinas!

Mais duas ideias surgiram. Uma, fazer cartões onde se apontava as vezes que eram fornecidos cartuchos de castanhas, com o objectivo de haver um controlo para que houvesse igualdade e evitar desperdícios. Outra ideia foi realizar postais relativos ao magusto, feitos à mão e decorados ao gosto de cada uma. É claro que também não esquecemos os famosos e tradicionais cartuchos de jornal, que ocuparam as primeiras aulas!

“Meninas, o tempo está a acabar e quero tudo a brilhar!”, dizia a professora Ana Raquel.

Mais uma vez, em conjunto, começámos a enfeitar o polivalente, cortinas de folhas para as janelas, postais para os placares, mesas em sítios certos, música para alegrar o dia, sem esquecer um dia de sol, o conhecido verão de S. Martinho!

A hora chegou, começou a agitação esperada, eram cartuchos para a secretaria, professores e direcção. O trabalho estava pronto, com a ajuda de todos. É necessário salientar o esforço e o trabalho da parte do Sr. Jacob e de Sr. Estrela, e, é claro, o macho da turma, o Zézé!

Com naturalidade, instalou-se um ambiente harmonioso entre alunos e professores e assim foi o Magusto, o nosso Magusto!

2ª Notícia: RELATÓRIO DE VISITA DE ESTUDO, Alunos do 1º B

Data de edição: Novembro de 2010

A 5 de Novembro de 2010, os alunos da turma 1ºB do Curso Profissional de Biblioteca, Arquivo e Documentação realizaram uma visita de estudo à Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, no âmbito das disciplinas de Informação Documental, de Técnicas Documentais e de Português, dinamizada pela Directora do Curso e pela professora de Técnicas Documentais. O objectivo principal foi proporcionar o contacto com diferentes valências do trabalho realizado



na biblioteca e conhecer a forma como o espaço deste serviço público está organizado.

Fomos recebidos por uma monitora que iniciou a visita com uma breve explicação sobre a história da Biblioteca Municipal Almeida Garrett e nos acompanhou ao longo de um percurso pormenorizado e esclarecedor. Por vezes, questionámos a monitora que respondia com clareza às nossas dúvidas. Um grupo de alunos interessou-se particularmente pela secção Bebeteca e pelo Canto dos Contos, tendo uma responsável explicado as actividades que ali se desenvolvem.

No fim da visita, já um pouco cansados, aproveitámos para lanchar no bar, ao ar livre.

Na nossa opinião, deveríamos ter mais oportunidades para realizar este tipo de actividades ao longo do curso, pois ficamos com uma melhor perspectiva do mundo do trabalho. Este foi também um agradável momento de convívio entre alunos e professoras. Regressámos à escola, de autocarro, por volta das 17h30m mais conscientes da nossa opção relativamente ao curso.

3ª Notícia: UMA VISITA AO ARQUIVO, Fernando Amaro, 1º B

Data de Edição: Janeiro 2011

Os alunos do Curso Profissional de Técnico de Biblioteca Arquivo e Documentação realizaram uma visita de estudo ao Arquivo Distrital do Porto, com o objectivo de conhecer a sua missão e o seu funcionamento. A visita iniciou-se às 14h 30 minutos. Os alunos e os professores reuniram-se junto da entrada da escola. De seguida, dirigiram-se à paragem, para se deslocarem de autocarro até ao Arquivo Distrital do Porto, que se encontra no local onde, em

tempos, foi o Mosteiro de São Bento da Vitória. Trata-se de uma instituição inovadora, no que diz respeito às técnicas da arquivística, estando colocada ao serviço da comunidade.

A visita começou com uma introdução sobre o funcionamento e missão do arquivo. Seguidamente, deram-nos a conhecer alguns tipos de documentos existentes no Arquivo Distrital do Porto. Também nos mostraram vários locais, cada um com uma funcionalidade, como por exemplo, as salas de higienização, armazenamento, digitalização, leitura, para que servem e ainda algum material utilizado para desempenhar as diversas actividades. Deram-nos a conhecer algumas regras de manuseamento de documentos fragilizados, informações de como podemos conservar documentos que são importantes, tais como nunca expor ao sol um documento, não prender folhas com agramos e escolher locais com poucas variações de temperatura.

Finalmente, regressámos à escola, de autocarro, por volta das 19 horas.

Na minha opinião, deveríamos ter mais oportunidades para realizar este tipo de actividades ao longo do curso, pois ficamos com uma melhor perspectiva daquilo que é um Arquivo Distrital e do que nos espera no mundo do trabalho, tornando-nos mais conscientes da nossa opção relativamente ao curso. Também foi um agradável convívio entre alunos e professores.

4ª Notícia: UMA VISITA DE ESTUDO, Júlio Portela, nº 18, 10º B **Data de edição: Abril de 2011**

No passado dia 5 de Abril do presente ano, as turmas A, B, C e D do 10º ano da Escola Secundária do Padrão da Légua realizaram uma visita de estudo às Grutas de Mira D'aire e ao Centro de Ciência Viva do Alviela. As quatro turmas partiram da Escola Secundária do Padrão da Légua por volta das 07:20 da manhã, dirigindo-se de autocarro até às grutas de Mira D'aire.



Nesse local realizaram uma visita guiada até ao interior das grutas onde puderam observar paisagens incríveis e repletas de beleza, esculpidas ao longo de milhares de anos pela água e outros agentes erosivos. Estas grutas são constituídas essencialmente por rochas calcárias devido ao seu posicionamento geográfico entre as serras do Aire e dos Candeeiros. Apesar de durante a visita guiada ser possível observar pequenos lagos de água, é importante referir que a região, onde se encontram as grutas, não é atravessada por nenhum rio. Os pequenos lagos de água que se observam têm a sua origem em água da chuva, que se infiltra nas rochas calcárias.

Após esta visita guiada, os alunos almoçaram durante cerca de hora e meia, iniciando, de seguida, a sua viagem até ao Centro de Ciência Viva do Alviela. Nesse local, seria feita outra visita guiada, dividida em quatro fases. Em primeiro lugar, os alunos visitaram um espaço chamado "Geódromo" que consistia numa viagem de cerca de 175 milhões de anos através de um simulador de realidade virtual, que tornou esta "viagem" ainda mais real e emocionante. Durante este filme, os alunos viajaram até ao interior da Terra observando a formação da nascente do rio Alviela, assim como a queda de um meteorito responsável por essa formação.

De seguida, os alunos visitaram um espaço chamado "Climatógrafo" onde puderam assistir a um filme a 3 dimensões onde são demonstradas as várias alterações climáticas que ocorrem ao longo das estações do ano e o respectivo impacto no curso de água do rio Alviela. Para além deste filme, os alunos realizaram uma actividade prática, sobre o rio, o impacto da precipitação no caudal e ainda a importância e funções das águas subterrâneas. Depois de todas estas actividades, os alunos ainda puderam visitar o "Quiroptário", um espaço que se destina à compreensão da importância dos morcegos, no controlo de pragas. Para que todos percebessem o dia-a-dia de um morcego, puderam realizar várias actividades, como ficar pendurado de cabeça para baixo, aumentar a capacidade de audição, guiar-se apenas pelo som ou partilhar um espaço ínfimo com mil acompanhantes.

Para terminar, os alunos realizaram um percurso pedestre, visitando a nascente do rio Alviela, os chamados "Olhos de Água", e ainda uma gruta onde vivem milhares de morcegos que só podiam ser observados ao final da tarde. Após todas estas actividades e experiências, os alunos regressaram à escola, no fim de um dia repleto de aventuras e muito bem passado.

5ª Notícia: A NOSSA FESTA DA PRIMAVERA, 7º E **Data de edição: Abril de 2011**

No dia quatro de Abril, pelas 18h30, concretizámos a Festa da Primavera da nossa turma, englobando Área de Projecto, Língua Portuguesa, Formação Cívica, PES, Projecto Ler Mais e Escrever Melhor e Comissão de Segurança.

Em Área de Projecto seleccionámos as nossas apresentações e os poemas a declamar sobre a Primavera. Assim, do Programa, que foi distribuído aos Pais, família e professores, constavam apresentações em powerpoint sobre a violência no amor e o bullying e a (in)segurança na Escola. Treinámos duas vezes antes da Festa, mas alguns estavam muito nervosos. A nossa Festa da Primavera realizou-se na Sala de Estudo, no Pavilhão B. Tivemos uma equipa de alunos a receber e a encaminhar os Pais e os visitantes que chegavam ao portão, e outros alunos encarregados de distribuir os programas. Também houve uma aluna que funcionou como apresentadora de toda a festa e dois alunos que tomaram conta do computador e do projector. Era para só ser um, mas o cabo estava com mau contacto e foi preciso mais um aluno para segurar o cabo, caso contrário não se conseguia ler nada do que era projectado. No final, houve um lanche que sobrou para o dia seguinte, para a aula de Formação Cívica. À saída, os Pais viram os nossos trabalhos artísticos, guiados pela Directora de Turma.

Todos nós gostámos da Festa da Primavera. Correu bem e todos participaram.

6ª Notícia: OS RESÍDUOS, UM TEXTO, UMA PEÇA, UM PROJECTO, Ana Paula Sá, **professora ESPL e Raquel Oliveira, nº 17, 10º F** **Data de edição: Abril de 2011**

A criação do texto "O Manifesto dos Resíduos", da autoria de Raquel Oliveira, aluna nº17 do 10ºF, surgiu no âmbito da participação do Eco-ESPL na Semana Europeia da Prevenção de Resíduos (que decorreu de 22 a 26 de Novembro de 2010 e organizada pelas professoras Cristina Duarte e Ana Paula Sá). Uma das acções que organizámos, "Os Resíduos falam por si", culminou com a apresentação pública d' "O Manifesto dos Resíduos" à Vereadora do Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal de Matosinhos, durante a iniciativa "Bosques do Centenário" da responsabilidade da autarquia; já nessa altura obteve uma receptividade e aceitação dignas de realce. O texto foi mais tarde encenado pela professora Assunção Tavares e representado por alunos de vários graus de ensino da nossa escola, no âmbito da Semana Eco-Escolas, que decorreu de 21 a 25 de Março de 2011, organizada pelas mesmas professoras do Eco- ESPL.

MANIFESTO DOS RESÍDUOS

Este é um manifesto dirigido a todas as entidades responsáveis na área do Ambiente, no sentido de as mesmas compreenderem o que vai na mente dos resíduos que nos rodeiam.

Vimos, pois, dar a conhecer aquilo que ninguém se dá ao trabalho sequer de querer saber: o chorado manifesto dos resíduos que também têm direito à dignidade e a serem tratados com (o mínimo de) decoro! A este propósito, foi convocada uma Assembleia Geral de Resíduos com o objectivo de debater os problemas e as consternações dos resíduos, que não querem ser tratados como lixo comum: são resíduos e ponto final!

O Sr. Pacote de Leite, por ser o invólucro de um bem essencial, presidiu à Mesa, com todo o rigor. Tomou, então, a palavra a D. Garrafa de água, dirigindo-se desta forma à Assembleia:

- Meus caros cidadãos-resíduos e meus caros humanos, exijo ser tratada com respeito, não quero ser uma garrafa qualquer que é substituída todos os dias por uma mais nova e fresca! Não quero com isto afirmar que não devam beber água. Bebam água, bebam muita, mas Reutilizem as garrafas! O meu pequeno coração de plástico estilhaça-se sempre que vejo uma garrafa à deriva pelo chão ou colocada no caixote destinado ao lixo orgânico, fica logo rotulada como lixo comum e não tem a possibilidade de um Futuro melhor. Reduzam, Reciclem, Reutilizem.

Muito aplaudida pelo seu entusiástico discurso foi secundada pelos irmãos Pesticida:

- Nós, ao contrário da D. Garrafa de Água, preferimos não ser utilizados. Deixem-nos estar, no nosso canto, digo depósito, sossegados. Não queremos estragar a Natureza!

- Agora é a minha vez de falar! – exclama a Menina Pilha. – Quantas e quantas vezes não vejo as minhas irmãs, que já estão gastas, aí pelo chão! É um cenário de meter dó...Ou então no lixo...Por favor, Humanos, estou-vos a chamar à Razão, pilhas só no Pilhão!

- Apoiado! – diz o Saco Plástico – E eu que preferia ser trocado pelos sacos reutilizáveis, muito mais amigos do Ambiente... Ainda há pouco soube que um primo meu, levado pelo vento, asfixiou uma foca bebé que pensou que se tratava de um alimento...Isto não pode continuar!

Todos aplaudem, e vem a D. Pastilha Elástica falar:

- E eu, depois de me mascarem, atiram-me para aí, à minha própria sorte, pisam-me e vejo-me forçada a tingir de manchas pretas a bela calçada portuguesa... Por favor, visto que não sou reutilizável, o meu lugar é no caixote do lixo orgânico e não no chão!

- É verdade! – exclama o Óleo de Cozinha – A mim, depois de usado, não hesitam um segundo e deitam-me pelo cano abaixo! Será que não vêem o mal que estão a fazer? Para além de entupirem os canos ainda dificultam o trabalho das ETAR's, uma vez que é muito complicado filtrar a água de impurezas, quanto mais de óleo! Será que não sabem que também se pode reciclar o óleo usado?! Ou reutilizá-lo criativamente para fazer velas?!

- Claro, tem toda a razão! - apoia o Sr. Microondas. – Até nós, pequenos electrodomésticos, temos ecopontos próprios onde nos podem depositar quando a nossa vida útil acaba! Eu, por exemplo, sempre sonhei ser uma trotineta...

- Muito bem – diz por sua vez o Sr. Pacote de Leite, moderador da sessão. – Já todos os representantes dos resíduos se pronunciaram. Agora é tempo de deliberarem para que os Humanos nos comecem a tratar com a deferência que merecemos. Qual é a vossa opinião?

A D. Pastilha Elástica, sempre muito empertigada, lá diz de sua sentença:

- Em minha opinião, devíamos pô-los todos no chão e pisá-los, tal como eles nos fazem!

Logo se ouviram uma série de urros de aprovação:

- Isso! Isso! – diziam uns.

- Apoiado, resíduos ao poder! – diziam outros.

- Silêncio – exclama o Sr. Pacote de Leite. – D. Pastilha Elástica, não é que eu defenda os Humanos, mas não me parece uma solução viável... Irmãos Pesticida, qual a vossa opinião?

- Pois, nós achamos que, já que eles criaram os pesticidas e outros aerossóis para destruir a Natureza, que tal nos unirmos e criarmos um spray "Homocida"?

Mais murmúrios e gritos de entusiasmo, e chega a vez da sensata D. Garrafa de Água:

- Caros colegas, tal como disse o Sr. Pacote de Leite, também não quero estar a defender os Humanos, mas as vossas soluções são um tanto ou quanto radicais. Nunca se esqueçam que Violência gera Violência, e assim, em vez de resolvermos o problema só o vamos agravar... Portanto, depois de muito ponderar acho que encontrei uma solução... Que tal construirmos um Ecoponto, de seu nome "Cerebrão", onde seriam postos os cérebros retrógrados daqueles que não reciclam, não reutilizam, nem reduzem os desperdícios e por essa razão não ajudam o ambiente? De lá sairiam como novos, cheios de ideias ecologistas e com o lema dos 3R's implantado para sempre! O que acham amigos?

Escusado será dizer que a solução proposta pela D. Garrafa de Água foi a mais votada, alcançando a maioria absoluta! Mesmo a D. Pastilha Elástica e os irmãos Pesticida se viram forçados a abdicar das suas ideias... Caros amigos humanos, os Resíduos andam por aí e não se assustem quando virem um exército de resíduos, afáveis e amorosos, irem ao vosso encontro, prontos para vos reciclarem esses neurónios!

7ª Notícia: ECOS DE MAFRA, Filipa Paulo e Helena Fernandes, 12º A, C
Data de edição: Maio de 2011

Céptica, sim, esta é a palavra que melhor descreve o meu estado de espírito nesta jornada de 28 de Abril de 2011. Não acreditava que iria gostar, divertir-me e, ao mesmo tempo, crescer intelectualmente. Por breves momentos, considerei mesmo que iria ser uma actividade enfadonha e que não acrescentaria nada à minha bagagem cultural. O sono ajudou a enraizar esta ideia.

No entanto, ao longo do dia, fui alterando a minha opinião. Durante toda a viagem partilhei sentimentos, emoções, experiências de vida, fazendo engrandecer a minha bagagem emocional. A energia e a vitalidade transmitidas pela guia do Palácio Nacional de Mafra foram simplesmente excepcionais. Durante o almoço, comi a minha merenda e fiz um peditório de emoções dos meus amigos. Desse acto resultou a memória que vou levar no coração e guardar como um tesouro.

Foram todos estes momentos que me fizeram passar corrector na palavra *viagem* e substituí-la pela palavra *jornada*, no meu coração. Estou feliz e, no fundo, tudo se resume a isto: felicidade e conhecimento. **Filipa Paulo, 12º A**

A visita de estudo ao Palácio Nacional de Mafra foi bastante interessante. No Palácio tivemos a sorte de sermos acompanhados por uma guia espectacular, que nos explicou, de uma **forma global, a obra "Memorial do Convento" e soube aprofundar de uma forma bem** entusiasta e divertida alguns dos aspectos do romance de José Saramago. Gostei bastante desta visita, embora pense que seria interessante ter mais tempo para explorar melhor todos os recantos do palácio, sentindo-me, como nos chamava a guia, uma pequena marquesa do século XVIII.

Quanto ao estudo da obra, apesar de já ter lido uma parte do romance, houve aspectos que foram referenciados sobre os quais não tinha conhecimento. **Helena Fernandes, 12ºB**

8ª Notícia: CONCURSO NACIONAL DE LEITURA, Mariana Pires e Vasco Gomes, 12º C
Data de edição: Maio de 2011

Eu, pessoalmente, gostei imenso de participar neste concurso, em 26 de Abril de 2011. Adorei esta nova experiência. Com este concurso pude fazer uma coisa que adoro, ler. Aprendi muito com o que li nos livros e, principalmente, percebi a mensagem dos livros.

Em relação ao dia do concurso, achei interessante e fiquei espantada com o facto de terem participado muitos jovens. Em relação ao ensino secundário, não houve muitos, mas, mesmo assim, ainda foram alguns. Sinceramente, achei as perguntas muito acessíveis, apesar da pergunta de desenvolvimento ser muito subjectiva, daí que não tenha sabido se era aquilo que eu deveria escrever ou não. No entanto, achei que deveriam ter falado de aspectos mais importantes nas perguntas de escolha múltipla pois, a meu ver, qualquer pessoa que tivesse lido os livros e não tivesse aprofundado a leitura como nós, tinha sabido responder às perguntas.

Esta experiência foi gratificante e não a vou esquecer. **Mariana Pires, 12º C**

Posto de uma forma simples, o Concurso Nacional de Leitura foi uma experiência única e um desafio extremamente interessante. Apesar de não ter atingido o patamar que gostaria, toda esta aventura ficou marcada por um resultado bastante positivo que espero não esquecer. Pessoalmente, fiquei profundamente satisfeito com a escolha dos livros. Sou, geralmente, um **ávido leitor do género a que o grande público gosta de chamar "high fantasy", e o concurso** permitiu-me alargar um pouco os meus horizontes e experimentar diferentes perspectivas literárias. **Achei "Angústia para o jantar", em particular, uma obra realmente fantástica e tenho** esperança de voltar a visitar o universo de Luís de Sttau Monteiro, num futuro próximo.

No entanto, se há um ponto negativo que devo realçar, é a forma como o teste apresentado nesta segunda fase foi organizado. Na primeira fase, as perguntas eram demasiado directas e não tenho a mínima dúvida de que pelo menos metade dos alunos foram capazes de responder correctamente e com relativa facilidade. Na segunda fase apenas uma pergunta fez a distinção entre os alunos para avançarem no concurso. De qualquer forma, o Concurso Nacional de Leitura foi tão educativo quanto desafiante e constituiu uma experiência em que gostei de participar. Vou, agora, usufruir da recompensa e começar a ler o livro que me foi oferecido. **Vasco Gomes, 12ºC**

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projecto com Léguas para ler
e escrever. No Padrão.



5. OUTRAS LEITURAS

O projecto Ler Mais e Escrever Melhor, para além de interligar o aperfeiçoamento das competências de comunicação verbal, nas vertentes da oralidade, leitura e escrita, tem igualmente em conta o desenvolvimento da competência não verbal, enquanto comunicação funcional e estética. Da comunicação não verbal fazem parte a linguagem gestual, icónica, plástica e musical. Pretende-se o aperfeiçoamento conjunto da comunicação verbal e não verbal, através da compreensão e interpretação de imagens e filmes, **fotografias e anúncios...**

Atendendo à polissemia de qualquer descrição, há que atender à relação entre observador e objecto de observação, em oscilação pendular de objectividade e subjectividade. Partindo de imagens e filmes seleccionados, serão considerados contextos, assuntos, técnicas, cores, funções, simbologias e transversalidades.

O prazer estético reside no olhar primeiro do criador e no olhar segundo do leitor, transfigurador da realidade inicial. Ambos, porém, condicionados pelas coordenadas históricas e culturais de um tempo e de um lugar. Quanto ao momento de descoberta, esse fica, muitas vezes, resguardado no mais íntimo de cada um. Por isso, agradecemos a todos aqueles que conosco aceitaram compartilhar uma visão interpretativa da criação artística, para sempre registada em papel, tela ou filme.

Texto 1: IMAGEM "PAI E FILHO", Jorge Rodrigues nº 16, 10º B **Data de edição: Outubro 2010**

A imagem que eu decidi apresentar é uma fotografia tirada pelo fotógrafo grego Yannis Kontos, vencedor do *World Press Photo 2005*. Tem como título "Um rapaz ajuda o seu pai a vestir-se, na Serra Leoa".

Na imagem estão representadas duas pessoas, um pai e um filho africanos. Com uma análise atenta da imagem, conseguimos encontrar dois planos. No 1º plano, vemos o carinho do filho a apertar a camisa ao pai, visto que este não tem mãos. No 2º plano, vemos as más condições de vida deste pai e deste filho, através da visualização de algumas partes da casa. Esta é uma imagem com poucas cores, sendo o preto e o cinzento as predominantes. É também uma imagem escura, com pouca luz.

Os sentimentos visíveis nesta imagem são o carinho entre pai e filho, e ainda a tristeza, talvez por não poderem ter uma boa vida, como muita gente tem hoje em dia.



Assim, a simbologia da imagem é comum ao seu objectivo: mostrar a todos nós que ainda existe muita pobreza no mundo, muita riqueza mal distribuída.

Escolhi esta imagem porque me despertou a atenção, enquanto estava a desfolhar o livro, sobretudo pelo carinho entre o pai e o filho, pelas dificuldades que as pessoas representadas na imagem devem passar no dia-a-dia e também pelas diferenças que existem entre eles e nós todos. E quando digo eles, não são só este pai e este filho, mas toda a comunidade africana, pois muitos passam inúmeras dificuldades na vida.

Texto 2: IMAGEM “UMA PAISAGEM GELADA”, Júlio Portela, nº 18, 10º B
Data de edição: Outubro 2010



A fotografia que decidi descrever é da autoria de Pal Hermansen

Nesta fotografia é possível observar glaciares, blocos de gelo, mar, um urso polar e uma poça de sangue. As cores principais são o azul, o branco e o cinzento, que representam as cores da água, do gelo e do céu. Contudo, existe ainda uma outra cor, o vermelho, que é a única cor quente nesta fotografia. É possível distinguir dois planos. O primeiro é um plano próximo, onde estão representados o mar, os blocos de gelo a derreter, o urso polar e a poça de sangue. No segundo plano, mais afastado, estão representados os glaciares e o céu. Nesta fotografia há ainda a salientar o facto de apenas ser utilizada uma luz clara.

Os sentimentos que a fotografia evoca são a solidão e a tristeza. O sentimento de

solidão é visível pelo facto de o urso polar ser o único ser vivo na fotografia. Em relação à tristeza, esta é visível na expressão do urso e pelo facto de **estar a ver o seu “habitat” ser destruído**. Os objectivos do autor são possivelmente sensibilizar e alertar o Homem para que mude os seus hábitos e deixe de destruir o planeta. Escolhi esta fotografia, pois trata-se de um assunto actual e penso que é necessário mudar os nossos comportamentos. Hoje é este urso polar a sofrer, mas amanhã seremos nós.

Texto 3: IMAGEM “UMA PAISAGEM GELADA”, Vasco Campos, nº 28, 10º B
Data de edição: Outubro 2010

Nesta fotografia de Pal Hermansen observo um animal, um urso polar. Esta fotografia tem dois planos. No primeiro plano destacam-se o urso polar, alguns pedaços de gelo e a água do oceano. No segundo, encontram-se as montanhas cobertas de gelo. Na imagem consigo ver três cores essenciais que são o branco do gelo, o azul da água dos oceanos e o pormenor de vermelho que dá algum dramatismo à imagem. A luz presente nesta fotografia é a luz solar. Os sentimentos transmitidos por esta imagem são, essencialmente, a dor devido ao ferimento do urso polar e a angústia de não saber o que fazer, por estar rodeado de água e não avistar ninguém à sua volta que o possa ajudar.

Acho que esta imagem é um alerta para o mal que andamos a fazer ao nosso planeta. Devido à libertação de gases poluentes, estamos a contribuir para o aumento do efeito de estufa e para o aumento do buraco da camada de ozono. Isto vai alterar o clima da Terra, o que, por sua vez, vai levar à destruição dos glaciares (degelo), à alteração dos habitats dos animais e, possivelmente, à extinção de algumas espécies que nos habituámos a ver e a admirar.

Esta imagem provoca-me um arrepio, não só pela sensação de frio devida ao gelo envolvente, mas também por me levar a imaginar que os ursos polares poderão não existir daqui a alguns anos. Escolhi esta imagem porque ver este urso polar sozinho, em cima de uma pequena ilha de gelo, fez-me pensar que as pessoas vivem cada vez mais isoladas, só se preocupando consigo, e frequentemente deixando de lado o seu ambiente.

Texto 4: IMAGEM "YES/NO", Cláudia Oliveira, nº 9, 10º B
Data de edição: Outubro 2010

A imagem que escolhi foi retirada da Internet e chama-se "Yes/No", de Rafal Olbinski.

Na imagem está representado um objecto, um avião, e um ser vivo, uma pomba. A pomba apresentada na figura é branca e traz no bico uma folha, o que significa paz e prosperidade, sem mortes nem sentimentos negativos. Em contraste, o avião é escuro, o que pode significar a guerra onde só há violência. No fundo da imagem está representado um tempo obscuro e negro, com nuvens pretas e acinzentadas, por onde não passa um único raio de sol. Na imagem, os sentimentos predominantes são a tristeza, o ódio e a dor sentida pelas pessoas que estão a sofrer a guerra, onde não há compaixão por ninguém, seja quem for. Isto é a realidade. Nuns países reina a paz e em outros impera a violência. Foi este simbolismo que me levou a escolher esta imagem.



Texto 5: IMAGEM "SER FELIZ", Cristiana Lage, nº 7, 10º F
Data de edição: Outubro 2010

Na fotografia, podemos observar o oceano e dois seres humanos do sexo feminino a mergulharem vestidos no mar, em contacto com a Natureza. Podemos ainda ver o pormenor do pôr-do-sol. As cores predominantes são o azul do oceano e do céu. Os sentimentos que esta fotografia nos transmite são a felicidade, a cumplicidade, a euforia e a loucura, visto que duas pessoas se divertem, no meio do mar. Escolhi esta fotografia porque me recorda momentos felizes. Acho que as pessoas deveriam usufruir dos bons momentos na vida e deixar de se preocupar se os outros vão julgar os seus actos, fazendo realmente o que sentem.



Texto 6: IMAGEM "WWW", Vanessa Matos, nº 23, 10º F
Data de edição: Outubro 2010

Escolhi esta imagem porque representa um dos principais problemas do século XXI, a ciberdependência.

Esta imagem retrata, num plano mais aproximado, as siglas WWW (*World Wide Web*), gravadas num braço humano, e, num plano ligeiramente mais afastado, vários componentes internos de um sistema informático. No plano mais aproximado, vemos vários tons de roxo; no mais afastado, predomina a cor verde. O pormenor mais significativo é o da gravação das siglas WWW no braço do homem, pormenor que demonstra a ciberdependência por parte do mesmo. Julgo que o autor desta imagem nos tenta alertar para o verdadeiro problema que é a dependência da Internet, e para a possibilidade de, ao ignorar o problema, este não só se tornar mais frequente, como também um padrão social (a)normal. Escolhi esta imagem porque a ciberdependência tem vindo a afectar cada vez mais população, principalmente as camadas mais jovens. Este é um problema que traz graves repercussões a nível social, mental e físico. Existem actualmente testes de autodiagnóstico em português, por exemplo no blogue *One Web Show*.



Texto 7: FILME O SEGREDO DE TERABÍLIA, Ana Catarina Gonçalves, nº2, 8ºD
Data de edição: Novembro 2010

O filme *O Segredo de Terabítia*, do realizador Gabor Csupo, que tem como actores principais Josh Hutcherson e Anna Sophia Robb, é um grande êxito do cinema. Estreou no dia 25 de Abril de 2007 e é um filme de aventura, drama e ficção.

Com recurso a efeitos especiais extraordinários e realistas, da autoria dos responsáveis de *O Senhor dos Anéis*, e baseado no livro de Katherine Paterson, vencedor do Newbery Award, o filme *O Segredo de Terabítia* é uma história de fantasia e aventura sobre a amizade e o infinito poder da imaginação. O filme contém momentos mágicos, emocionantes, tristes e divertidos. Conta a história de uma amizade que muda as vidas de Jess e de Leslie, dois jovens que acreditam que no bosque perto das suas casas existe um mundo de aventuras, a que chamam Terabítia, um lugar mágico. O filme poderia ter um final mais feliz, no qual Leslie não morreria e continuaria a partilhar aquele reino de imaginação com Jess. No entanto, é um filme que vale a pena ser visto, indicado para todas as idades e que o fará ficar emocionado. Nunca o esquecerá.

Texto 8: FILME O AMERICANO, Susana Fonseca, nº25, 10ºB
Data de edição: Dezembro 2010

Quando vemos George Clooney no elenco de um filme, pensamos: "Este filme deve ser o máximo!". Normalmente, George representa filmes do tipo drama, mas não é o caso deste filme.

A história resume-se a um fabricante de armas que espera a sua última missão numa pequena aldeia de Itália, mas quando descobre que a mulher que ama pode estar envolvida nessa missão, tudo muda. Quando vi George no elenco pensei que fosse um bom filme, cheio de acção e drama, mas não. O filme está bem construído, porém para quem vai ao cinema, não apenas para se divertir, mas apreciar e aprender algo de útil e interessante, vai sentir que perdeu tempo e dinheiro. Pode-se muito bem dizer que é um filme hermético, enfadonho e cansativo. Não aconselho este filme. Se não quiser perder tempo e dinheiro, não o vá ver. Numa escala de 1 a 10, eu daria a este filme um 4. Talvez vos aconselhe a ler sempre a sinopse do filme que querem ver. Por vezes, um grande elenco não significa um bom filme.

Texto 9: A SÉRIE DR. HOUSE, Francisco Andrade, nº5, 8ºB
Data de edição: Dezembro 2010

Dr. House é uma série norte-americana criada por David Shore e exibida pela primeira vez a 16 de Novembro de 2004 pelo canal televisivo Fox, nos Estados Unidos.

A série já foi distinguida com vários prémios, inclusivamente dois globos de ouro. Esta série mostra o dia-a-dia de um grupo de médicos especialistas em diagnóstico, através da personagem principal, Dr. Gregory House. O carácter desta personagem chama a atenção dos espectadores, graças à sua inteligência, mau humor e comportamento anti-social. O realizador, David Shore, tem estado continuamente a inovar, desde que a série foi criada. A sexta temporada foi estreada a 21 de Setembro de 2009 e desde 2004 já foram feitas alterações no conjunto principal de actores. Acho esta série muito atractiva, pois os seus episódios são sempre emocionantes, mostrando, além dos conteúdos médicos, conflitos emocionais entre os especialistas, e cenas onde a morte e o desespero têm um papel importante.

Texto 10: DESFAZ A MALA FEITA, Ana Luísa Miranda, nº 3, 12º A
Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia de Fernando Pessoa

Desfaz a mala feita p'ra partida!

Chegaste a ousar a mala?

Que importa? Desesperas ante a ida

Pois tudo a ti te iguala.

Sempre serás o sonho de ti mesmo.

Vives tentando ser,

Papel rasgado de um intento, a esmo

Atirado ao descrever.

Como as correias cingem

Tudo o que vais levar!

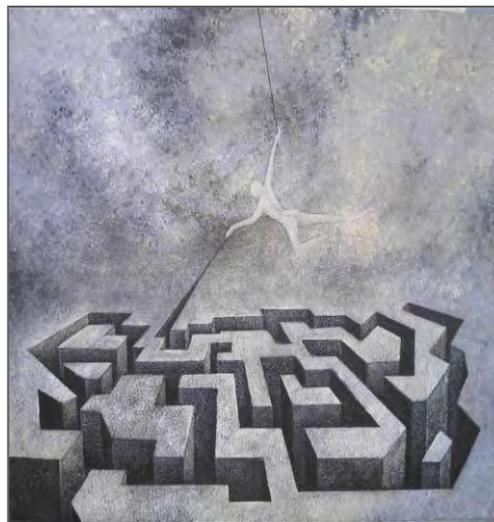
Mas é só a mala e não a ida

Que há-de sempre ficar!

Fernando Pessoa

Este poema é mais um dos belíssimos de Fernando Pessoa ortónimo, datado de 2/7/1931.

Neste caso, a viagem é um símbolo “o desejo de partir”, que, em si mesmo, é uma representação da possibilidade de mudar de vida. É, quanto a mim, um poema que aborda a temática do destino, e de como não podemos fugir da realidade que é a vida. Destaco o simbolismo da mala: representação da ida. O pedido para a desfazer está em confronto com a expressão “Que importa?”, que traduz uma inevitabilidade: quer o homem decida ou não mudar a sua vida, não o conseguirá fazer porque não há nada melhor para mudar, pelo menos no plano da realidade. “Pois tudo a ti te iguala” – assume uma igualdade entre um estado (ou caminho) desejado, e o estado presente. E, ainda que desejemos alcançar a verdade, ou felicidade, através do sonho, estamos presos a um caminho. A mala “há-de sempre ficar”, acentuando a diferença entre um estado presente e um estado futuro, sem ligação entre a realidade e o sonho.



Posto isto, apresento “O Labirinto”, um quadro em acrílico de 80x60cm da autoria de Livia Alessandrini. Numa mancha gradativa do branco ao cinzento, distinguimos dois planos. O primeiro resume-se ao labirinto, cujos limites se desconhecem, no qual os percursos são caracterizados por linhas rectas. E o segundo plano, onde podemos ver um esboço de uma figura humana, o elemento mais claro do quadro, a branco, sem rosto nem pés nem mãos definidos. Encontra-se suspensa, num fundo esfumado, por duas linhas; uma que resulta do afunilamento criado pelo labirinto, e se vai tornando ténue, e outra que é frágil e cuja origem não se conhece.

Numa análise mais subjectiva, a distinção entre os dois planos reporta-nos a uma oposição entre dois mundos: o real e o imaginário; o presente e o futuro. Efectivamente, o labirinto pode assumir uma representação do presente, do emaranhado de caminhos e escolhas que se podem tomar. Por estar realçado a um tom escuro, podemos associar este mesmo labirinto à mágoa, a vivências passadas que se deseja serem substituídas pelo sonho. Este desejo de mudança nunca se concretiza, justificando uma atitude de inconformismo e insatisfação perante a vida.

Assim, é compreensível a associação do homem ao labirinto, do qual não se liberta e onde não consegue encontrar a felicidade. Por analogia, mesmo que preparemos uma mudança, “o fazer da mala”, estamos sempre presos a um estado fixo, que chega até nós pela geometria do labirinto. Contudo, ainda que não se consiga libertar, o homem sonha e a vontade de mudar leva-o a querer viajar, a fazer parte de outro mundo: irreal e impossível de ocupar. Creio, então, que esta imagem traduz bem a dicotomia sonho/realidade; passado/presente, pois a ocupação de um espaço mais claro, onde o homem flutua, indica um mundo de liberdade, onde pode ser único, sem seguir direcções. A figura humana, representada a branco é, quanto a mim, símbolo da paz de espírito, da pureza que caracteriza o homem quando viaja, pelo facto de poder ser, num espaço só seu. A indefinição da figura humana enquadra-se na obra pessoana que apresenta um sujeito poético solitário, à procura da sua identidade. Tal como a mala há-de ficar, também o homem fica, personificando duas realidades que nunca se tocam, assumindo papel de mero sonhador. Afinal, vivemos algo diferente daquilo com que sonhamos e, por isso, esse ideal é um “papel rasgado de um intento”, ou seja, é só o desejo que fica e sempre ficará.

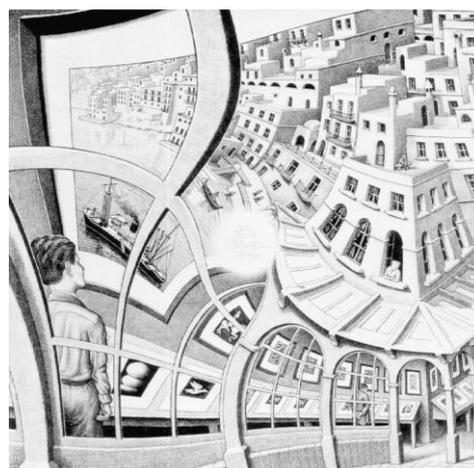
Texto 11: A CRIANÇA QUE FUI, Hugo Mendes, nº12, 12ª

Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia de Fernando Pessoa

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.



Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.

Print Gallery (1956) é uma das grandes obras de Maurits Cornelis Escher, normalmente conhecido por M.C. Escher. Nesta imagem, observamos, em primeiro plano, um jovem a contemplar um quadro, que acaba por se estender, de um plano mais afastado para o principal, fazendo parte do local (talvez uma galeria), no qual se encontra o rapaz e uma outra pessoa com as mãos atrás das costas e postura um pouco cabisbaixa. O quadro observado representa uma cidade no litoral, repleta de prédios. A nível cromático, a imagem apresenta tons numa escala de cinzentos, por ser um desenho feito a carvão. É de salientar a utilização de tons mais escuros numa zona mais próxima do jovem: calças e cabelo do rapaz, parte inicial do corredor, barco e moldura do quadro, que vão clareando, dando uma ideia de profundidade.

O jovem observa, com admiração, o quadro, como que entrando num sonho. Por isso **mesmo, o quadro "ganha" vivacidade, aliando-se a uma realidade objectiva.** O homem, no local mais afastado do corredor, sugere levar consigo alguma tristeza e mágoa, não estando, sequer, a olhar para nenhum dos quadros que o rodeiam. A distorção do plano do corredor transmite uma maior distanciação entre as duas pessoas do que aquela que seria de esperar se não houvesse qualquer desfiguração. Talvez para realçar uma distinção entre o estado de espírito do jovem, a florir para a vida, e o do senhor, já marcado pelas amarguras de quem sofre.

A criança que fui chora na estrada é um soneto tardio de Fernando Pessoa ortónimo (22/09/1933). A consciência da efemeridade, porque o tempo é um factor de desagregação, cria o desejo de ser criança de novo, a nostalgia da infância como bem perdido e, uma vez mais, desilusão perante a vida real e o sonho. Assim, um profundo desencanto e angústia acompanham o sentido da brevidade da vida e passagem dos dias. Ao mesmo tempo que gostava de ter a infância das crianças que brincam, sente a saudade de uma ternura que lhe passou ao lado. Daí, a nostalgia do mundo fantástico da infância, único momento possível de felicidade. Nas duas primeiras estrofes, nota-se uma vontade impossível, expressa pelo sujeito poético, em voltar aos tempos de criança, e, também, uma estagnação psicológica por não o **conseguir fazer ("De não o saber, minha alma está parada")**. Nas duas estrofes seguintes, o sujeito poético descobre a possibilidade de observar a infância perdida e encontrar um pouco de si pelas recordações do passado. Há uma oposição de dois estádios diferentes: uma fase adulta que coincide com a dor presente (**"Mas hoje, vendo que o que sou é nada"**) e uma outra que **corresponde à infância e a uma dor passada ("A criança que fui chora na estrada")**. O sujeito poético abdicou da sua vida de criança para se tornar adulto, mas vendo o indivíduo de agora, **deseja o impossível: regressar ao passado ("Quero ir buscar quem fui onde ficou")**. A sua alma fica, portanto, **"parada", pois está perdido, só encontra dúvida, sem poder progredir. Por fim,** sugere a possibilidade de relembrar, e adquirir alguma existência, através do que foi. Assim, **poderá, pelo menos, "saber" um pouco "de si", de poder lembrar-se do passado.**

A imagem *Print Gallery* transmite uma distinção entre dois estados de tempo: o jovem marca uma época mais recente de vida, enquanto o homem denota uma fase mais avançada, tal como acontece na oposição entre presente e passado, no poema *A criança que fui chora na estrada*. Do mesmo modo, há uma intersecção daquilo que seria ideal (quadro – infância) com a **realidade ("galeria" – presente do sujeito poético)**, unidos numa vaga e imprecisa sobreposição. É de salientar que o ser adulto se encontra, na imagem, tal como o sujeito poético, perdido numa **indefinição: entre o real e o pretendido (corredor da "galeria" misturado com o quadro)**. Para reforçar este aspecto, verifica-se que este homem está direccionado de costas para o rapaz, **como que afirmando, "Já não sei de onde vim nem onde estou", o que salienta, também, a sua** dificuldade em achar a criança de que abdicou no passado. Além disso, o gradiente decrescente de tons escuros no corredor, assim como o deturpar do plano do mesmo, transmitem maior afastamento, o que fortifica a sensação de angústia do sujeito poético, evidente no poema.

Texto 12: KANGAHAR NO AFGANISTÃO, Marlene Macieirinha, nº27, 10ºD

Data de edição: Dezembro 2010

Esta é uma fotografia tirada na cidade de Kandahar, no Afeganistão, durante uma patrulha. Podem ser visualizados dois adultos armados e sete crianças numa duna: em primeiro plano um soldado Americano e em segundo plano um militar afegão, no canto inferior esquerdo uma criança isolada, quatro crianças atrás do militar ao fundo e, no centro da imagem, uma outra criança, a olhar para a câmara segurando uma bebé. Esta criança parece ser responsável pela bebé, talvez sua irmã, mas terá também de agir como sua mãe dado que os seus pais não estão

presentes. O soldado Americano parece ser o centro da atenção do militar e das crianças Afegãs, como se não pertencesse à imagem: o militar afegão olha o soldado como se houvesse uma barreira a dividir ambas as partes. De um modo global, esta imagem transmite uma sensação de controlo e autoridade da parte dos militares, devido à sua vestimenta, arma e pose, especialmente do soldado americano. Mas contém também uma certa inocência e insegurança, proveniente das crianças, que pode ser deduzida pelas suas expressões faciais e até mesmo pela sua mera presença na imagem. Podemos sentir o medo das crianças, pelo futuro incerto e ausência dos seus pais. Estas crianças foram retiradas das suas casas, provavelmente alvo de ataques, e assim, longe de casa, estariam em maior segurança. Mas, para uma criança, a verdadeira segurança seria estar com a família, por isso os seus pais deveriam acompanhá-las.



Penso que o objectivo desta imagem é mostrar às pessoas o outro lado da guerra. Quem realmente sofre são as crianças que não têm culpa das escolhas dos adultos. Estas crianças não sabem a razão pela qual os adultos se matam, nem o porquê de estarem constantemente a ocorrer explosões à sua volta. Elas não deviam estar envolvidas **nesta "brincadeira de adultos"**. Escolhi esta imagem porque as crianças atraíram o meu olhar, como símbolo de pureza e inocência, neste cenário de guerra. É preciso não repetir os erros dos nossos antepassados. Vamos fazer algo diferente para o nosso futuro, só assim a vida vale realmente a pena.

Texto 13: A MORTE CHEGA CEDO, Ana Helena Leite, nº3, 12ºE
Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação com Poesia de Fernando Pessoa

A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida...

E tudo isto a morte
Risca por não estar certo
No caderno da sorte
Que Deus deixou aberto.

Fernando Pessoa

O poema que escolhi de Fernando Pessoa ortónimo chama-se: "A Morte chega cedo". A pintura chama-se "Vida e morte" e foi realizada em 1911 por Klimt, um pintor austríaco. A pintura retrata, como o próprio nome indica, a morte e a vida.

O uso de cores quentes é frequente no lado direito do quadro, pois representa a vida e também o aconchego das pessoas. No lado esquerdo está representada a morte com cores frias, pois a morte é assustadora e dolorosa. Nesta pintura a morte está representada por uma caveira, coberta de cruces, ou seja, está coberta de pessoas mortas, e a



vida está coberta de pessoas aconchegadas, cheias de vida e de amor para dar.

Em relação ao poema, este fala sobre a chegada inesperada da morte, de como a vida é breve e que a vida é uma passagem para outra "margem", a morte, "de uma coisa perdida", a vida. Na segunda estrofe, é evidente a importância do amor e da vida, só que a vida é tão breve que não estamos preparados para morrer, pois temos ainda coisas para concretizar. A última estrofe fala sobre Deus, sobre o facto de Ele escolher "à sorte" a pessoa que vai fazer a travessia final para a morte. Este poema apresenta uma musicalidade suave, fazendo parte do *Cancioneiro de Fernando Pessoa*. O poeta utilizou a tradição poética "lusitana" da quadra popular onde exprime e insinua a solidão interior, a inquietação perante o enigma indecifrável do mundo e a falta de impulsos afectivos de quem já nada espera da vida.

A relação da imagem com o poema é, para mim, evidente, pois considero que a morte para todos nós é assustadora e repentina e que todos nós devemos estar bem "aconchegados" pelas pessoas de quem gostamos e com quem convivemos.

Texto 14: SEGUE O TEU DESTINO, Inês Cunha, nº12, 12ºE

Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia de Fernando Pessoa

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.

Ricardo Reis

A fotografia que recordo foi tirada no meio de uma estrada a descer, com a câmara pousada no chão. Em volta, o espaço encontra-se repleto de árvores e arbustos, mostrando um pouco de céu que, pela luz, dá a entender que talvez seja o por do sol ou o amanhecer. No meio da estrada, mesmo em cima dos traços contínuos amarelos, está uma rapariga deitada de mãos atrás da cabeça em posição de relaxamento, descontração ou meditação. Não se consegue ver a cara pela posição em que a câmara está pousada, o que poderá ser propositado para que todos possam "ser" aquela rapariga.

O poema "Segue o teu destino" é de um dos mais famosos heterónimos de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, nascido em 1887, no Porto. Deste poema escolhi só as primeiras duas estrofes que falam da procura da felicidade e das várias questões que o ser humano coloca no dia-a-dia, sobre o significado da vida. O verso "Rega as tuas plantas, ama as tuas rosas", a meu ver, pode ter dois significados: por um lado é um incentivo a amar o que a vida nos fornece; por outro, significa amar aquilo que a vida fez de nós. Ora, penso que este sentido da vida pode ser relacionado com a posição da rapariga da imagem. Além disso, a referência à "sombra de árvores alheias" pode representar todos os problemas e sofrimentos relativos à nossa vida, daí a presença das árvores na imagem, repletas de folhas, ou seja, de todos esses problemas, sendo a estrada o único caminho livre que rompe entre elas. Seguidamente, os versos "A realidade,/ Sempre é mais ou menos,/ Do que nós queremos" são uma clara demonstração de que a realidade é o que nós fazemos dela, referindo-se a expressão "mais ou menos" a situações menos agradáveis da vida, como os problemas que temos de enfrentar.

Por fim, quando o sujeito poético afirma "Só nós somos sempre" mostra que somos apenas um e que, por mais que queiramos, não poderemos nunca ser alguém que não somos.

Texto 15: A MISÉRIA DO MEU SER, Camila Uribe, nº8, 12ºA

Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação Com a Poesia de Fernando Pessoa

A miséria do meu ser,
Do ser que tenho a viver,
Tornou-se uma coisa vista.
Sou nesta vida um qualquer
Que roda fora da pista.

Ninguém conhece quem sou
Nem eu mesmo me conheço
E se me conheço, esqueço,

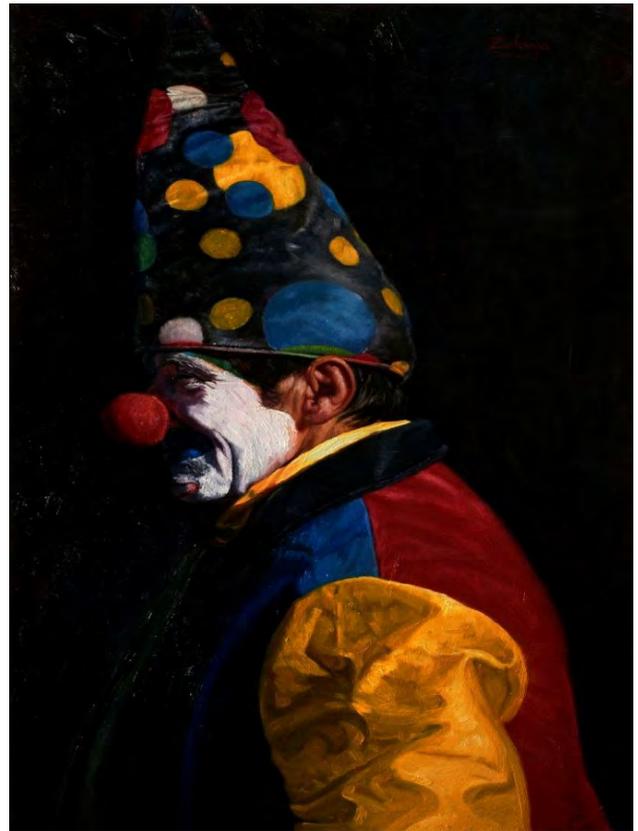
Porque não vivo onde estou.
Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível,
Salvo onde caio e sou visto,
Porque cair é sensível
Pelo ruído imprevisto...

Sou assim. Mas isto é crível?

Luís Zuluaga é um pintor figurativo que se insere na corrente realista, focando-se no meio urbano-social. Esta obra intitula-se **“O vendedor de ilusões”**. Analisando-a objectivamente, podemos observar apenas retratado um palhaço, já com uma certa idade, devido às inúmeras rugas que apresenta, e também devido à própria tonalidade do pedaço de pele que não se encontra pintado. É de realçar ainda o traje colorido e o longo chapéu com círculos de cores, que contrastam com o fundo preto. O fundo não interfere no quadro, no sentido em que não apresenta elementos que nos distraiam da figura principal. Pelo contrário, este fundo negro serve como linha condutora do raciocínio, pois não nos deixa dispersar, evidenciando os mais ínfimos pormenores do palhaço. É o palhaço que dá tridimensionalidade à obra.

Neste quadro há um predomínio de cores frias, pois até o amarelo e o vermelho, que supostamente são cores quentes, neste caso são compostos por tons “mortos” e acinzentados, fazendo com que estas percam as suas características de cores quentes, sendo também amenizadas pelas restantes cores frias. Esta imagem apresenta uma função crítica, pois visa persuadir quem a vê e funciona como um símbolo. Apresenta também função referencial e descritiva, evidenciando uma realidade influenciada pela subjectividade do artista.



Fazendo uma leitura subjectiva e pessoal da obra, podemos inferir o seu conteúdo emocional partindo do título: **“O vendedor de ilusões”**. Como todos sabemos, a função dos palhaços é propagar alegria e boa disposição a quem os contempla. Ora, observando este palhaço, visualizamos acima de tudo uma expressão facial de extrema tristeza, um olhar perdido e inúmeras rugas que carregam o peso de uma vida difícil e sofrida. Ou seja, no fundo, o que este palhaço vende são meras ilusões, pois as emoções que transmite não são realmente sentidas, mas sim transmitidas numa tentativa frustrada de contrariar o que vem do seu interior. No geral, esta figura é como que um simples boneco, cujo único elemento humano é uma orelha rosada e carnuda. Tudo o resto não passa de uma fantasia camuflada pela vistosa maquilhagem.

Relacionei esta obra com um poema de Fernando Pessoa intitulado **“A miséria do meu ser”**. Como se pode ler, o poema fala da condição miserável de quem passa nesta vida com a invisibilidade e insignificância de um ser comum, cuja origem e presença ninguém questiona ou deseja conhecer, tal como o palhaço, que para todos não passa de um mísero objecto de ilusão.

**Texto 16: SE PENSO MAIS QUE UM MOMENTO, Mariana Miranda, nº18, 12ªA
Data de Edição: Janeiro 2011**

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia de Fernando Pessoa

Se penso mais que um momento
Na vida que eis a passar,
Sou para o meu pensamento
Um cadáver a esperar.

Dentro em breve (poucos anos
É quanto vive quem vive),
Eu, anseios e enganar,
Eu, quanto tive ou não tive,

Deixarei de ser visível



Girassóis, Van Gogh

Na terra onde dá o Sol,
E, ou desfeito e insensível,
Ou ébrio de outro arrebol,
Terei perdido, suponho,
O contacto quente e humano
Com a terra, com o sonho,

Com mês a mês e ano a ano.
Por mais que o Sol doire a face
Dos dias, o espaço mudo
Lembra-nos que isso é disfarce
E que é a noite que é tudo.

Neste quadro podemos observar um vaso com flores, girassóis, sobre uma superfície. As formas são essencialmente circulares, formadas pelas flores e ainda um hexágono formado pelo vaso. As cores quentes da jarra e dos girassóis (o amarelo, o laranja e o vermelho) predominam, existindo, no entanto, também uma cor fria, o azul claro do fundo, e a cor neutra verde dos caules e folhas dos girassóis. Tal como o sujeito poético vive a pensar e, por isso, na realidade, não vive, apenas está à espera da morte, os girassóis vivem a olhar para o sol até murcharem. Ambos se focam em algo durante demasiado tempo e, sendo a vida efémera, rapidamente esta chega ao fim e desaparecem. Ambos estão parados a pensar ou observar, apenas à espera da morte e com ela vão perder o contacto com a realidade. Estão presos no pensamento ou num vaso e não conseguem atingir o seu objectivo, o de concretizar os seus sonhos (talvez o desejo de ser inconsciente e consciente) e o de chegar ao sol. Por mais que o sol que é a luz, a vida e o calor, exista na realidade, o vazio que sentem fá-los perceber que a vida é um disfarce daquilo que são e que é na noite, na morte, que encontram tudo.

Se tivesse de escolher uma imagem para ilustrar esta poesia de Fernando Pessoa escolheria a de girassóis numa jarra como podemos ver neste quadro de Van Gogh, pois todos eles olham para o sol, seguem-no e, no entanto, estão presos numa jarra, afastados dos seus semelhantes nos campos e obrigados a obedecer às leis da jarra, às leis dos homens que os aprisionaram. Para mim, Fernando Pessoa pode-se comparar ao sol, pois guiava as várias personalidades que ele próprio criou. A jarra seria Pessoa fisicamente, com o emaranhado das raízes dos heterónimos e do ortónimo, o que o impedia de descobrir a sua identidade.

Texto 17: LIBERDADE, Sílvia Carvalho, nº27, 12ºA

Data de Edição: Janeiro 2011

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia De Fernando Pessoa

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O Sol doira
Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta

A distinção entre nada e coisa nenhuma.
Quanto é melhor, quanto há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as
danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta **que tivesse biblioteca...**

Fernando Pessoa

Neste quadro de Pablo Picasso podemos observar no primeiro plano duas mulheres de mão dada e no segundo plano o mar e o céu. As duas mulheres estão na praia, o que se comprova pelo chão irregular e em tons de amarelo-torrado, tendo o mar como pano de fundo.

Em relação às mulheres, estão de mãos dadas, de pernas afastadas e com os cabelos ao vento, o que dá a sensação de estarem a correr. Ambas usam um vestido simples, largo, de cor branco sujo e descaído, permitindo ver parte do seu peito. A mulher à esquerda (da perspectiva de quem vê a obra), está com a cabeça voltada para cima com uma expressão de felicidade e o seu braço está esticado para o lado. Quanto à segunda mulher, parece estar a olhar para o lado e tem o braço esticado para a frente. O facto das sombras das mulheres estarem projectadas na areia significa que o sol está a incidir sobre elas.

No segundo plano temos então o mar, com um azul parecido com o do céu, calmo, sem qualquer ondulação e também o céu com algumas nuvens espalhadas. Penso que também a areia nos dá uma sensação de calma e suavidade, pois quando a pisamos sentimos algo macio e suave. A expressão facial das mulheres leva-nos a pensar que estão felizes e sem qualquer tipo de preocupação. Os seus vestidos simples e descaídos remetem-nos para a simplicidade e para a liberdade de se poderem vestir e comportar-se da maneira que quiserem. As mãos dadas são símbolo da sua amizade e talvez de um caminho que pretendem percorrer juntas. As mãos esticadas podem significar o futuro, um caminho a seguir, sem percalços e sem perder a esperança, tal como o facto de o sol estar a incidir sobre elas também pode significar essa esperança e um caminho sem medos.

O mar poderá significar a serenidade e o infinito que as mulheres podem alcançar, devido ao facto de este estar calmo e ser também infinito. O céu, apesar de algumas nuvens, parece agradável e deixa o sol passar, o que indica que há sempre uma luz que pode ultrapassar os obstáculos, remetendo-nos para a liberdade.

Na minha opinião, esta imagem **pode ilustrar o poema "Liberdade" de Fernando Pessoa.**

Neste poema, o sujeito poético afirma que o melhor da vida é não ter preocupações nem ter que cumprir regras, " **Ai que prazer / Não cumprir um dever**" e isso é explicitado na pintura, pelas duas mulheres a correrem livres pela praia, felizes e sem qualquer tipo de preocupação nem com a pressa de alguém que tem algo para cumprir. Esta composição poética remete também para a ideia de que, mesmo que não nos preocupemos com uma instrução formal e em ser eruditos, o rio continua a correr e a natureza continua com todo o esplendor que sempre nos ofereceu. Podemos ainda associar os versos "O rio corre, bem ou mal, /Sem edição original" ao facto de o sol continuar a brilhar para as mulheres, mesmo que estas estejam a viver livremente, seguindo o seu caminho e traçando o seu futuro sem se preocuparem com os deveres que têm a fazer. O céu continua suave e o mar calmo, mesmo sem as mulheres estarem a ler ou a cumprir um dever. A quarta estrofe mostra que o sujeito poético sente que o melhor é mesmo ficar à espera, sem fazer nada, sem se preocupar e aproveitar o que a natureza nos pode dar. Isso é exactamente o que as mulheres fazem ao passear na praia, descontraídas, aproveitando a calma e a serenidade que a praia lhes pode oferecer.



Mulheres correndo na praia, Pablo Picasso

**Texto 18: IMAGEM "A SOLIDÃO",
Inês Salafranca, nº 13, 10º A
Data de Edição: Março 2011**

Esta imagem é uma fotografia. Tem como tema a solidão, a procura da identidade e a reflexão sobre a vida. Vemos nesta imagem um homem que está longe da cidade a olhar para a imensidão do mar; uma ponte que se vai perdendo no horizonte, dando-nos a noção de quão longe está este indivíduo da civilização. Este homem está só, mas não o está por não ter ninguém com quem conversar, por não ter amigos, mas



sim porque precisa de espaço, como todos nós, para encontrar respostas às suas questões. Para poder reflectir sobre a sua vida sem ser influenciado e ou perturbado pelos que o rodeiam. Para se descobrir.

Esta obra mostra-nos que, quando nos sentimos angustiados, irritados, zangados, tristes com a nossa vida, ou simplesmente não sabemos quem somos e gostaríamos de saber mais em relação a nós próprios, devemos procurar dentro de nós, sozinhos, sem ninguém que possa influenciar o nosso pensamento, sobre quem somos. É uma jornada que devemos percorrer sós.

Podemos concluir que esta é uma imagem simbólica, pois simboliza a solidão, o caminho para dentro de nós próprios. Podemos relacionar esta imagem com o texto sobre a solidão de Francisco Buarque de Holanda: "*Solidão não é a falta de gente para conversar, namorar, passear... Isto é carência. Solidão não é o sentimento que experimentamos pela ausência de entes queridos que não podem mais voltar... Isto é saudade. Solidão não é o retiro voluntário que a gente se impõe, às vezes, para realinhar os pensamentos... Isto é equilíbrio. Solidão não é o claustro involuntário que o destino nos impõe compulsoriamente para que revejamos a nossa vida... Isto é um princípio da natureza. Solidão não é o vazio de gente ao nosso lado... Isto é circunstância. Solidão é muito mais do que isto. Solidão é quando nos perdemos de nós mesmos e procuramos em vão pela nossa alma.*"

Texto 19: VEM SENTAR-TE COMIGO, LÍDIA, Mónica Moreira, nº20, 12ºD **Data de Edição: Janeiro 2011**

Leitura de Imagem em Interação com a Poesia de Fernando Pessoa

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.

Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos

Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas. (Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida

Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,

Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,

Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.

Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.

Mais vale saber passar silenciosamente

E sem desassossegos grandes. (...)

E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio,

Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.

Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio,

Pagã triste e com flores no regaço.

Ricardo Reis

Les amoureux de René Magritte é uma pintura de atmosfera humana, como podemos comprovar pela presença de duas figuras de sexos diferentes. Contemplando o quadro, é possível transpormo-nos para aquela realidade. Conseguimos ouvir o respirar forte das personagens que tentam a todo o custo beijar-se. Este ar é abafado pelos panos que se vão esfregando, produzindo ruídos rápidos. Está calor, é possivelmente verão ou primavera, e usam-se roupas frescas. O casal abraça-se como prova do amor e paixão que os une.

Relaciono o poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* com o quadro de René Magritte, na medida em que em ambos se encontra retratado um casal distinto que interage de forma invulgar. Assim, o sujeito poético assume o papel masculino da pintura enquanto a mulher de vestido vermelho pode tomar o nome de Lídia, o destinatário da mensagem poética de Ricardo Reis. O epicurismo e o estoicismo do sujeito lírico são na imagem simbolizados pelo tecido que envolve a face das personagens, já que é aquilo que impede os mesmos de se conhecerem profundamente, de se verem, de se apaixonarem e se beijarem. É possível inferir que Lídia é o elemento do casal que anseia pela realização da envolvimento amorosa, já que usa roupa vermelha com tons de laranja, símbolos de paixão e de espontaneidade, respectivamente. Já o homem, usando smoking e gravata pretos e camisa branca, cores neutras, mostra-se melindroso quanto à evolução da relação, é o responsável pela sua parceira não atingir o seu maior desejo, um relacionamento amoroso que permita o enlaçar de mãos, uma vez que se interpõe entre esta e a parede erguida e avermelhada edificação da solidez de uma relação amorosa. Este ama-a, pois como vemos compactua com o quase-beijo, mas ama-a "tranquilamente", e "sem desassossegos grandes". A cor negra do fato da personagem

masculina pode conotar, também, o seu carácter estóico e epicurista, sendo que o preto, relacionado com o luto, pode personificar a antevisão da morte, uma vez que este vê a vida como algo efémero. Por último, a aparente parede que se encontra em segundo plano, com um tom de azul que se vai intensificando no sentido vertical baixo-cima, atingindo o preto no seu topo, pode ser a personificação da relação deste casal que, à medida que o tempo passa (passagem essa assinalada com a direcção do agravamento da tonalidade da cor), se vai tornando cada vez mais insustentável, dada a não concretização do desejo do elemento feminino, atingindo o ponto em que chega ao seu fim (simbolicamente apresentado pelo preto). A função desta imagem não só é estética, mas também descritiva, dada a forte subjectividade da sua leitura, e referencial, pois traduz a realidade surrealista da época correspondente à sua execução.



**Texto 20: IMAGEM “OS AMANTES”, Mariana Oliveira, nº 15, 10º C
Data de Edição: Março 2011**

Esta imagem, intitulada de “Os Amantes”, mostra um casal, um homem e uma mulher, de caras tapadas num ambiente rural. O casal está encostado, ligeiramente centrado para a esquerda e só é perceptível o corpo da cintura para cima. A pintura, criada em 1928, tem cores escuras que contrastam com o pano branco que cobre as faces do casal. O homem usa um fato preto com gravata da mesma cor e camisa branca. A mulher veste uma blusa ou um vestido vermelho escuro com decote em V. As cores escuras demonstram, na minha opinião, mistério e medo. Ao mesmo tempo, as faces tapadas podem mostrar vergonha. Pode também representar a falta de conhecimento total da personalidade de um parceiro. Pela forma de vestir mais formal, o homem pode ser um elemento de classe social mais alta enquanto a mulher, com o seu vestido mais simples, poderá ser de classe mais baixa. Simultaneamente, o retrato pode ter como função uma crítica à população da época, que não aceitaria o namoro de um casal constituído por classes sociais tão distintas.

Tenho ainda outra interpretação deste quadro. Na minha opinião, este pode representar um casal de amantes fora do casamento e não amantes jovens. Neste caso, os panos brancos representariam uma paz superficial que esconde o medo e a vergonha, criados pela população.

Escolhi esta imagem, pois o contraste entre o branco e as restantes cores chamou-me a atenção. É uma imagem muito interessante pois pode ter várias interpretações. De início, esta imagem fez-me interrogar sobre a razão de



ser do pano branco. Quando concluí sobre o já exposto, passei a perguntar-me sobre o porquê da mentalidade tão fechada da época. Para esta última questão ainda não obtive resposta.

Texto 21: ANÚNCIO, Tiago Nogueira, nº26, 11ºE
Data de Edição: Janeiro 2011



**CORRE.
PASSA. FINTA.
REMATA.
MARCA.**

Vive ao máximo cada momento do jogo com as novas chuteiras *Gazelle Saturn v2.1*.
Quebra barreiras.
Desafia o impossível.
Espalha a tua magia com as chuteiras mais leves do mercado.
As chuteiras *Saturn v2.1* foram desenvolvidas especialmente para corrida a pique e velocidade.
Faz os adversários comerem o teu pó.

Com as novas *Saturn v2.1*, és livre para fazeres o que queres. Corre. Finta. Passa. Remata. Marca. Disfruta.

GAZELLE
run for it

Texto 22: TEXTO ICÓNICO, Filipa Correia, nº 10, 10º A
Data de Edição: Março 2011

Esta imagem é uma fotografia e simboliza suicídio assistido de nós próprios, como vítimas do tabagismo. Na imagem, vemos uma mulher, de trajes vulgares, a olhar indiferente para a força feita de fumo que a está a matar, e vemos, também, um cigarro que está a produzir esse fumo.

A fotografia é a preto e branco, o que significa a passividade das pessoas em relação a um vício inútil que as mata gradualmente, e a frieza com que, de um momento para o outro, pode ceifar a vida de alguém. Em relação à luz, podemos reparar que esta incide principalmente no cigarro e no fumo que deste emana, na mão que o segura, e no rosto passivo da mulher; e, relativamente à sombra, vemos que esta envolve praticamente todo o espaço, não permitindo ver com clareza a roupa da jovem.



No canto inferior direito, e escrita a branco, podemos distinguir a frase "Kill a Cigarette and Save a Life. Yours.", que, traduzindo, significa "Mata um Cigarro e Salva uma Vida. A Tua." Neste caso, esta frase adequa-se perfeitamente à imagem, pois, apagando um cigarro, estaremos não só a preservar a nossa saúde, mas também a dos outros que nos rodeiam. Esta obra mostra-nos que cada vez que acendemos um cigarro o nó que está apertado à nossa garganta vai encurtando cada vez mais, portanto, apagando um cigarro, estaremos a libertar-nos deste nó e a salvarmos uma vida. A imagem foca principalmente as consequências do tabaco e da sua utilização frequente. A atitude apática e despreocupada da mulher em relação ao tabaco demonstra que ela pode até não apreciar o seu sabor ou o seu efeito em si mesma, mas, por uma razão de rotina ou influência de outros, continua a deixar-se dominar pelo vício.

Então, depois de analisada a imagem, podemos concluir que esta se relaciona com a função crítica e informativa, pois alerta para a exterminação total do uso do tabaco, e de como este vício pode ser mortal.

O tabaco é, efectivamente, um vício. Uma frase que pode completar a imagem é "Deixar de fumar é a coisa mais fácil do mundo. Sei muito bem do que se trata, já o fiz cinquenta vezes", assim diz Mark Twain.

Texto 23: FILME "OS CORISTAS", Joana Pinto, nº13, 10°C Data de Edição: Janeiro 2011

O filme "Os coristas" é do género dramático e foi realizado por Christophe Barratier. Como personagens principais temos o director Rachin (François Berléand), o professor Mathieu (Gérard Jugnot) e alguns alunos como Pierre (Jean-Baptiste Maunier) e o pequeno Pépinot (Maxence Perrin).

O filme passa-se numa escola de correcção destinada somente a rapazes. Quando estes não têm um comportamento adequado são severamente reprimidos pelo director. Até que é contratado um professor novo, que tem métodos de aprendizagem muito diferentes. O professor não é a favor de dar castigos. Ele incentiva os alunos, utilizando as qualidades destes, para lhes mostrar do que eles são capazes, criando assim um grupo coral. Com o passar do tempo os alunos aprendem, com este professor, a dar mais valor à vida e a respeitar os outros. A história é contada em flashback. Os actores encaram o papel das personagens muito bem, dando uma noção de realidade à história. O cenário e o ambiente transmitem sentimentos muito fortes e a banda sonora é magnífica.

Eu gostei do filme e aconselho-o a todos. Para mim, todas as pessoas têm qualidades que devem ser valorizados. O filme também nos ensina que a atenção afectiva, em vez da repressão, é dos métodos mais eficazes para uma criança ter uma boa educação. Finalmente, podemos concluir que uma educação equilibrada é essencial para o futuro.

Texto 24: FILME "OS CORISTAS", Daniela Mota, nº 8,10° C Data de Edição: Fevereiro 2011

O filme "Os Coristas" é um filme francês de 2004, do género dramático, da autoria de Christophe Barratier. Este filme conta com a importante presença do actor Gérard Jugnot, que interpreta a personagem Clément Mathieu. A película aborda temas como a educação, o respeito e a interacção professor-alunos.

Neste filme, Clément Mathieu é um professor de música que arranja trabalho num colégio interno, dirigido por Rachin (François Berleand). Nos primeiros dias de trabalho, Clément Mathieu tenta chamar os alunos à razão, ouvindo também a sua versão, e repreende-os, mas para Rachin os castigos devem ser aplicados pelo director uma vez que os castigos aplicados por Mathieu são demasiado "leves". Rachin impossibilita assim Clément Mathieu de exercer a sua autoridade sobre os alunos mais problemáticos. Clément Mathieu não consegue, assim, dar as aulas porque os alunos abusam da sua boa vontade, mas quando Mathieu cria um grupo coral, a música muda a vida das crianças, tornando-as disciplinadas e unidas. Os aspectos mais positivos são a banda sonora, a relação professor-alunos e o desempenho dos actores.

O filme "Os Coristas" é assim um filme surpreendente, fabuloso, comovente e divertido, com excelentes pormenores de humor. É um filme cheio de sentimentos que reforça a importância do papel dos professores. É, assim, um filme que vale a pena ser visto pois faz-nos pensar o quão difícil é ser um bom professor.

Texto 25: FILME "OS CORISTAS", Teresa Sá, nº23, 10°C
Data de Edição: Fevereiro 2011

"Os Coristas" é um filme musical interpretado por actores como Jean-Baptiste Maunier, Marie Bunel, Gérard Jugnot, François Berléard, e realizado por Christophe Barratier.

Dois ex-alunos do "Fundo do Pântano" recordam, após muitos anos, os seus tempos de estadia neste colégio de correcção, através do diário de um vigilante que os marcou, Clément Mathieu. Um grupo de crianças mal comportadas estava num colégio de correcção, sendo castigados sucessivamente pelos seus comportamentos menos correctos. Eram jovens infelizes, sem objectivos para o futuro, sem expectativas. Um dia chegou a este colégio um vigilante totalmente diferente de todos os que já tinham trabalhado no "Fundo do Pântano". Clément acreditava numa diferente forma de "corrigir" os alunos, como tal decidiu formar um coro. A princípio, este novo projecto não estava a funcionar bem, porque não existiam vozes que sobressaíssem, até que Clément encontrou o jovem Pierre. Tinha uma voz maravilhosa, cristalina, pura, destacava-se do resto do grupo.

Este coro não foi bem aceite pelo director do colégio, que nem sequer aprovava os métodos de trabalho deste homem revolucionário. O director era uma pessoa antiquada, sem princípios, rezingão, frustrado por não ter conseguido ir mais longe na sua carreira. O seu principal lema era "acção-reacção"! O coro acabou por singrar, sendo Pierre posteriormente mundialmente conhecido e aplaudido. O colégio "Fundo do Pântano" desapareceu devido a um incêndio propositadamente causado por um ex-aluno bastante problemático. O director e as suas formas rígidas de gerir o colégio foram denunciadas e o director foi demitido do seu cargo e expulso do colégio. Clément acabou por ir embora, levando consigo o pequeno menino Pépinot, outro aluno do colégio.

O trabalho dos actores foi bem conseguido, o tema do filme é interessante e apelativo. Penso que o cenário é um pouco escuro, mas serve para realçar a tristeza e opressão em que se vivia naquele colégio. Aconselho toda a gente a ver este filme porque tem uma mensagem de esperança que é importante transmitir, esperança de mudança, esperança de felicidade!

Texto 26: FILME "OS CORISTAS", Mariana Oliveira, nº 15, 10° C
Data de Edição: Fevereiro 2011

"Os Coristas" é um filme Francês realizado em 2004 por Christophe Barratier e no qual entram, entre outros, Gérard Jugnot, François Berléand e o jovem talentoso Jean-Baptiste Maunier. Este, aborda o efeito da música em alunos problemáticos.

O filme começa com a admissão de Clément Mathieu num colégio interno de alunos problemáticos. Com regras muito restritas, o antigo professor de música, vê-se confrontado com atitudes difíceis de controlar. Numa tentativa de acalmar os alunos, decide criar um coro. Com esta iniciativa foi-lhe mais fácil compreender os alunos. Todos, excepto um! Pierre Morhange, um belo jovem com uma bela voz, mas tem atitudes que não correspondem ao que aparenta. Por fim, Clément é despedido do colégio depois de um incêndio que não afectara nenhum aluno pois todos tinham saído do colégio com o professor para passear. Pierre foi para um conservatório enquanto Pépinot, um aluno pequeno, parte com Clément.

Num filme emocionante, Christophe consegue transmitir emoções que trazem ensinamentos de esperança e de amor. Os actores transportam consigo um grande sentido musical que transparece para o filme facultando um momento de qualidade auditiva. Com um bom trabalho, criou-se um filme que hoje vemos, amanhã mostraremos e sempre aplicaremos nas nossas vidas, pois mostra-nos que nada é impossível e que a esperança é a última a morrer. Assim, este é um dos melhores filmes que alguma vez vi e terei muito gosto em mostrá-lo a quem mo pedir, pois nunca é demais relembrar valores de esperança e amor num mundo que os quer destruir.

Texto 27: FILME "VISTO DO CÉU", Adriana Barros, nº 1, 10° B
Data de Edição: Abril 2011

Este filme, realizado por Peter Jackson, é, acima de tudo, um curioso e original ensaio sobre a vida após a morte. Trata-se da trágica e cruel história de Susie Salmon (Saoirse Ronan), uma jovem rapariga igual às outras que, num fim de tarde depois das aulas, é enganada e assassinada por um perverso predador sexual chamado George Harvey (Stanley Tucci). Após a sua morte, o espírito confuso e perplexo de Susie é transportado para um sítio

paralelo entre o Céu e a Terra. Nesta curiosa espécie de Purgatório, Susie é convidada a esquecer os acontecimentos passados da sua vida na Terra, de forma a entrar no Paraíso. Mas, enquanto a identidade do seu assassino não for desvendada e enquanto a justiça não for feita, Susie recusa-se a abandonar aquele local onde consegue ver o sofrimento pelo qual a sua família está a passar. Por isso vai ajudá-los a encontrar o assassino George Harvey, de uma forma indirecta.

Adaptado do romance de Alice Sebold, "Visto do céu" decorre em dois espaços: o espaço onde Susie observa a sua família (limbo) e o espaço terrestre onde a sua família tenta sobreviver à tragédia. Isto faz com que, por vezes, a narrativa se torne cansativa e difícil de perceber. O reino para onde Susie é levada oferece-nos momentos de beleza e criatividade. É um filme equilibrado que tem o poder de captar a atenção do espectador.

Escolhi este filme, pois não só gostei de como foi apresentado, mas também da história. Também notei um aspecto interessante em relação à data em que Susie morre, 6 de Dezembro, que coincide com a minha data de nascimento. Não li o romance de Alice Sebold, mas acho que o livro é melhor que o filme, mostrando a narrativa mais pormenorizada e assim compreendemos melhor a história. De todos os papéis, o que mais me cativou foi o papel do serial killer, um abusador sexual perturbado, complexo, reservado e perverso. Na minha opinião, o actor Stanley Tucci interpreta incrivelmente uma personagem difícil, da qual gostei muito. De certa forma, torna o filme mais real e principalmente usa o *suspense*, criando assim um ambiente de medo para provocar a atenção dos espectadores.

Texto 28: FILME "TAKEN", Gonçalo Porto, nº 12, 10º B

Data de Edição: Abril 2011

"Taken" é um filme que me despertou muita curiosidade depois de assistir ao *trailer*, porque é protagonizado por um actor de que gosto bastante, Liam Neeson e também porque gostei da sinopse do filme. Recentemente, tive a oportunidade de o ver e devo dizer que fiquei bastante satisfeito.

No filme, Bryan Mills, um ex-operário divorciado da CIA vê a sua filha raptada para tráfico humano em Paris, durante uma viagem pela Europa. Cabe agora a Mills evitar o pior numa extraordinária passagem por vários locais de Paris, o que proporciona aos espectadores excelentes paisagens desta cidade. Todo o desenlace do filme está muito bem construído, os diálogos são credíveis e realmente bem escritos e as sequências de acção estão muito bem organizadas, com elementos perfeitos para este género de filme. "Taken" apresenta cenas variadas, desde cenas épicas de acção até perseguições a pé e de carro. Em termos de interpretação, Liam Neeson é, sem sombra de dúvida, o actor com mais protagonismo, estando as outras personagens muito mais apagadas.

Concluindo, "Taken" é um excelente filme de acção, com um grande protagonista e um conjunto de actores secundários muito conhecidos, apresentando várias cenas de luta, perseguições e drama. "Taken" assume-se como um *thriller* envolvente que todos os fãs do género devem ver. Sem muitas reviravoltas ou filosofias complexas, este filme é, sem dúvida, uma boa maneira de passar uma tarde em casa.

Texto 29: SÉRIE "Harry Potter", Rui Coelho, nº24, 10ºB

Data de Edição: Abril 2011

Esta série começou em livro pelas mãos da escritora britânica J. K. Rowling e depois passou para o cinema através do realizador de filmes David Heyman. Não é fácil passar a história de um livro com tantos pormenores e efeitos especiais para o cinema.

A série retrata a história de um jovem chamado Harry Potter com um dom que poucos jovens da sua idade têm. Para o desenvolver, vai para uma escola de magia chamada Hogwarts, onde faz várias amizades com quem partilha as suas aventuras. A história, que já vai no 7º livro e filme, começa sempre com um vilão que, depois do desenrolar da história, se vem a descobrir não ser afinal a pessoa que se pensava ser. Os filmes têm bons efeitos secundários, boa música e bons cenários. No início, as histórias aparentam ser muito excitantes, pois nos primeiros quinze minutos surgem pistas sobre o que vai acontecer no desenrolar da acção e uma pessoa fica empolgada para saber mais. Contudo, cada filme é tão longo que começa a ser um pouco cansativo.

Nota-se muito bem que os actores, de filme para filme, têm evoluído bastante; por isso, também dou mérito aos actores que tornam o filme muito melhor.

Texto 30: FILME "HARRY POTTER E OS TALISMÃS", Ivo Camelo, nº13, 10ºB
Data de Edição: Abril 2011

Eu fui ver este filme ao cinema, pois é a continuação de uma série de filmes de *Harry Potter*. Normalmente vou ver todos os filmes que saem para o cinema desta colecção. A série de filmes *Harry Potter* fascina-me, pois tem filmes de ficção que contêm comédia, com uma história interessante. Em todos, *Harry Potter* procura ficar em segurança, pois *Voldemort* continua a querer tê-lo como prémio, para depois o matar. Andam todos os vilões atrás de Harry para o levar vivo ao senhor das trevas. A única esperança do jovem é encontrar *Horcruxes*. Enquanto o procura, Harry descobre uma lenda muito antiga, a lenda dos talismãs da morte. Estes talismãs têm todo o poder que *Voldemort* precisa para acabar com Harry.

O filme acaba com o senhor das trevas a encontrar o primeiro talismã da morte, uma varinha, a varinha mais poderosa de todas. Estou ansioso que a segunda parte deste filme vá para os cinemas, pois quero saber como acaba. Será que *Voldemort* vai conseguir matar Harry Potter? E encontrar os talismãs todos? Espero que a segunda parte seja tão boa como a primeira e que me dê as respostas para estas perguntas.

Texto 31: FILME "A REDE SOCIAL", Pedro Ferraz, nº21, 10ºB
Data de Edição: Abril 2011

O filme retrata o nascimento de uma rede social, neste caso um espaço social mundialmente conhecido, o qual nasceu das mãos de um jovem americano de nome Mark Zuckerberg. Este era um brilhante aluno licenciado em Harvard, que, sentado em frente ao seu computador começa a desenvolver aquele que futuramente iria ser conhecido como o espaço social mais conhecido do mundo, o *Facebook*.

Porém, Mark iria ter alguns problemas devido a questões legais, uma vez que várias pessoas reclamavam a posse do *Facebook*, umas por terem dado uma ideia, outras por terem ajudado monetariamente. Todavia, no fim, chegaram a um acordo e tanto Mark como os outros auto-denominados proprietários seguiram as suas vidas normalmente.

Trata-se de um bom filme, uma vez que capta sentimentos, foca emoções e explica a criação desta rede social tão conhecida. Nele vemos as questões legais que envolvem a propriedade deste domínio cibernético e como é difícil chegar a um acordo que satisfaça ambas as partes deste processo. O *Facebook* está agora avaliado em cerca de 18 mil milhões de euros. Mark Zuckerberg foi considerado pessoa do ano 2010, pela revista Time.

Texto 32: FILME "A COR PÚRPURA", André Terreiro, nº5, 10ºB
Data de Edição: Abril 2011

A Cor Púrpura é um filme de 1985, dirigido por Steven Spielberg, baseado no romance da escritora Alice Walker, que trata de questões de discriminação racial.

Numa pequena cidade americana, Celie (Whoopi Goldberg), uma jovem com apenas 14 anos, que foi violada, torna-se mãe de duas crianças. Celie é, imediatamente, separada dos filhos e da única pessoa no mundo que a ama, a sua irmã, Nettie. Esta é doada a "Mister" (Danny Glover), que a trata simultaneamente como escrava e companheira. Celie fica muito solitária e confessa a sua tristeza em cartas, tendo como confidentes Deus e a irmã Nettie (Akosua Busia), que parte para África, como missionária. Depois de muito sofrimento, Celie ganha consciência do seu valor e das suas possibilidades e consegue libertar-se.

O filme foi nomeado para 11 categorias (incluindo melhor filme, melhor atriz para Whoopi Goldberg e melhor atriz secundária para Margaret Avery e Oprah Winfrey). Embora não tenha conquistado nenhum óscar, é uma obra importante sobre a condição das mulheres negras e pobres na América do Norte, no início do século XX.

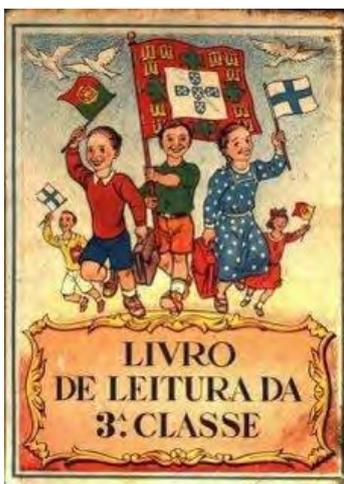


6. ESCREVIVER ou VOZES DA COMUNIDADE

O projecto **Ler Mais e Escrever Melhor** inicia nova secção, Escreviver ou Vozes da Comunidade, não somente com as vozes dos alunos, mas com todas as vozes que fazem, e farão parte, da construção da nossa comunidade educativa de ontem e de hoje.

Não interessa o tipo de texto, prosa ou verso, tema ou assunto, língua materna ou língua estrangeira. Interessa sim a participação, o abrir de mundos particulares, as reflexões sobre tempos de outrora ou a antevisão de um porvir idealizado. Na voragem dos tempos, apenas as palavras importam e permanecem, pois são as palavras que nos ligam em comunidade e nos fazem pensar e crescer, em partilha de leitura em polifonia de vozes.

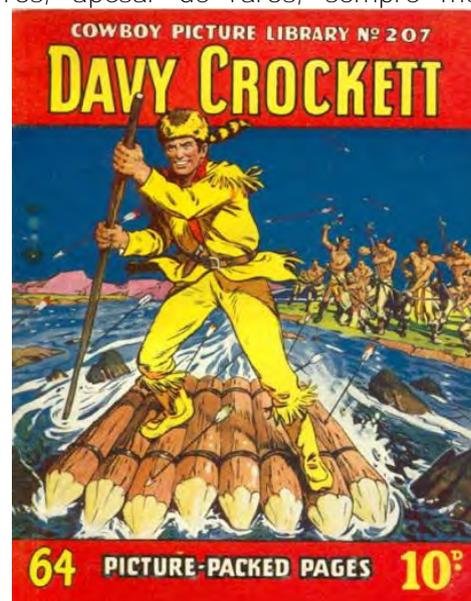
Texto 1: LER COM A LUZ APAGADA, António Manuel Rodrigues
Assistente Operacional na Biblioteca na ESPL
Data de edição: Fevereiro 2011



Embora a escola primária me não tenha deixado boas recordações, (principalmente as chamadas ao quadro para resolver problemas matemáticos que eu considerava altamente complexos para a minha tenra idade), a leitura e escrita eram uma sedução, pois os livros, apesar de raros, sempre me acompanharam.

Desde pequeno que os livros me fascinam, lia à socapa todos os que apanhava, dos amigos e dos meus irmãos mais velhos. À noite, após a minha mãe desligar a luz eléctrica, com uma velha lanterna a pilhas lia debaixo dos lençóis, dado ser " proibido gastar luz". Lia clandestinamente, em casa, nas aulas, sujeito a apanhar um par de estalos, mas arriscava porque o vício da leitura era mais forte que o medo do castigo.

Nessa altura ter livros era um luxo de uma minoria de pessoas, existindo por isso um movimento de troca entre os meus amigos, que nos permitia ir variando a leitura e o estilo. Os almanaques eram a minha predilecção. Lia-os «ao calha», de trás para



diante, do meio para trás, à procura das respostas às mil interrogações que os Lello, os Bertrand, os O Século me despertavam mais do que resolviam. Lembro as páginas sépia atravessadas por um fio entrelaçado não permitindo que aquelas se soltassem, das negras letras entre duas colunas **de texto, onde se liam anúncios de "restaurador Alex" para pessoas** com queda de cabelo, tira-nódoas, descobertas científicas, anúncios dos grandes feitos dos portugueses em África.

Mas a minha verdadeira paixão era pelos livros de cowboys, as "cowboyadas", principalmente aqueles que passavam com mais frequência na TV, normalmente na forma de séries, tais como o Bonanza, Lancer, Chaparral, Daniel Boone, David Crockett e outros tantos.

Para além desta vertente ao nível da televisão, paralelamente, o interesse e fascínio pelo far-west americano estendia-se também à banda desenhada. Neste universo, os artistas ou heróis eram muitos mais, tais como Lone Ranger, o Mascarilha, a própria família Cartwright, da série Bonanza, Matt Dillon, Matt Marriott, Tex Willer, Kit Carson, Tex Tone, Cisco Kid, Billy the Kid, Búffalo Billi, Arizona Kid, Buck Jones, Hopalong Cassidy, Jerry Spring, Jim Canadá, Kansas Kid, Nero Kid, Red Ryder, Tomahawk Tom e outros mais. A vantagem de ler estes livros era que podíamos adaptar as histórias às nossas brincadeiras. Então, em oficinas improvisadas, fabricavam-se pistolas e arcos, toucados de penas de galinha e pombos para fingirmos ser índios.

Com o aparecimento da Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, diminuíram a trocas e aumentou a leitura. As primeiras Bibliotecas Móveis surgem em Portugal em 1958, inaugurada com pompa e circunstância, numa cerimónia que contou com a



presença do então ministro da Educação Nacional. Nascia, assim, uma das iniciativas mais marcantes da Fundação Calouste Gulbenkian, a das bibliotecas itinerantes, e que consistia numa ideia simples e extremamente eficaz: equipar carrinhas com livros e fazê-los chegar a vários pontos de um país pobre, onde o contacto com o livro e a leitura eram praticamente inexistentes. Acesso livre às estantes, empréstimo domiciliário e serviço gratuito eram as regras de ouro deste projecto, idealizado por Branquinho da Fonseca, director do Serviço de

Bibliotecas Itinerantes. Inicialmente limitada ao litoral, a rede de leitura alargou-se progressivamente, ao longo dos anos, a quase todo o território nacional, aumentando o número de carrinhas e de leitores. Um encarregado, com o apoio de um auxiliar, orientava o leitor nas suas escolhas, respeitando sempre o seu universo de interesses, sem nunca recusar ou impor alguma obra.

Apareciam pessoas de todas as idades e várias condições sociais. Nós, os putos, éramos às centenas a dar vivas à chegada da biblioteca, outros desgostosos por não saberem ler

ficavam com os olhos rasos de lágrimas. Em 1961 circulavam já pelo país 47 carrinhas, o número de leitores inscritos era de 250 mil, tendo sido requisitados 2, 5 milhões de livros. Os carros comportavam um número aproximado de 2000 volumes arrumados nas estantes. A arrumação obedecia a um plano que facilitava ao leitor a mais rápida procura; nas prateleiras de baixo, os livros para crianças; nas do meio, a literatura de ficção, de viagens, biografias, nas de cima, os livros menos procurados, de filosofia, poesia, ciência e técnica. Cumpridas breves formalidades de inscrição e requisição, os livros eram emprestados por períodos de um **mês, prorrogáveis**".



A escolha era proporcionada não apenas entre os volumes Bibliotecas, que o carro transportava, "mas entre quinze e vinte mil volumes que constituem a dotação de cada biblioteca itinerante. A Biblioteca estacionava junto a um grande parque, nas tardes de verão das férias grandes, deitados aos magotes de "papo pró ar", onde só os pássaros e as abelhas se faziam ouvir. Deitava-me de costas olhando o céu muito azul, livro na mão, lia horas seguidas, parando apenas para lanchar pão com doce de tomate feito pela minha mãe ou uma fatia de pão centeio com presunto, ficando assim resolvido o problema do jantar, Creio que nessa altura **lia e relia todos os livros de aventuras dos "Cinco", Vivia intensamente todas as aventuras**, estava lá com eles. Li quase todos os livros disponíveis para empréstimo. Houve um momento em que já estava a ler de novo os mesmos livros. Recordo entre outros, a colecção Manecas, da Editora Romano Torres, os Tonecas, de Oliveira Cosme, a colecção Azul, da Condessa de Ségur, etc...

Mais tarde, aparecem um pouco por todo o país bibliotecas fixas da Fundação Calouste Gulbenkian tornando a leitura e o acesso a ela ainda mais universal.

No entanto, o projecto inovador itinerante da Gulbenkian mantém-se no imaginário de uma geração que, não fora isso, jamais teria a possibilidade do contacto directo com os livros de uma forma tão fácil e democrática.

Texto 2: MISTÉRIOS DA ESCRITA, Maria Ema Alves
Professora de Português e Francês na ESPL
Data de edição: Março 2011

Escrevi a palavra poema.
Olhei-a com paixão,
Com súplica e desilusão.
Lutei com ela no papel,
Fiz com o lápis um rasgão.
No computador, em vão,
Procurei a letra ideal:
Trebuchet, Verdana, Arial?

Escrevi a palavra poema.
Olhei-a com emoção,
Mas logo o poema acabou
Antes de a palavra ser dita,
Morta na folha vazia,
Entre riscos de agonia.
Este é o mistério da escrita.
Anunciem a desdita!

Textos 3: POEMAS, Maria Assunção Pinheiro
Professora de Português na ESPL
Data de edição: Março 2011

Utopia

Se eu fosse uma ave,
Queria subir bem alto...
Ultrapassar horizontes,
Ver o infinito,
Chegar às estrelas...
E na galáxia mais distante
Inventar o Homem novo.

Poesia

Voz silenciosa
Dos que preferem calar.
Grito das palavras
Libertas de preconceitos!

Complexos ultrapassados
Segredos partilhados...
Agiganta-se
Uma onda de harmonia
Nas asas da fantasia...

Pede licença ao infinito
E levanta voo a ave da poesia
Como uma canção
Que ecoa dentro de nós.

Hino à juventude

Sonho utopias,
Esboço projectos,
Concretizo ambições.
Entro no Futuro pela porta Triunfal
Renovo todos os dias a raiva de romper os limites do Sol-posto.

Jangada flutuante
Que desliza para o mar...
Verdejante planície que alimenta o pássaro verde
Com o fermento da esperança...
Sou Mágico da vida

Textos 4: POEMAS, Maria Dulce Soares
Professora de Português na ESPL
Data de edição: Março 2011

Cabul: imagens sobrepostas

Livro escrito com mão de cristal,
o feitiço da palavra de seda.
Caem gotas de chuva na escrita obscura dos passeios
uma viagem lunar.
Pudesse a mão rasurar o passado...
e o labirinto verbal fazia-se corpo.
Cidade vestida de luz estende os braços e agarra
esta torrente de palavras numa travessia
entre semáforos irritantes.
Tombam gotas de chuva pela vidraça enevoada
da janela atenta à voragem por onde
espreitam cabeças cor de giz.
Pudesse a mão prosseguir viagem...
e na página cravar-se-iam itinerários inalcançáveis.
Tema, assunto, aliteração da impotência
Cidade: labirinto instalado na coerência
desenho apressado por mãos hesitantes
e a força da chuva esmaece a página em branco.
Volúpia interrompida pelo desejo incandescente da
mão coberta de artérias flamejantes.
Pudesse o grito acordar da cegueira consentida
na página da pele desta velha urbe
escreve-se:
entorpecimento, seio, neve, rua, mulher
cidade aberta na ruína do tempo
planícies desenhadas na tela da mente
corpos de amotinados ao vento,
calçadas cobertas de náusea,
crianças com olhos de clarão,
velhos arrastam-se pela lama dos passeios,
ruas sarapintadas de seres em desencontro,
esgotos à vista
pesa o cheiro fétido, o calor, um entranhado a canos.
Pudesse a luz inundar as ruas...e sentir o aroma das rosas de Cabul.

Olhando o cais

O mar rasga a terra com mãos de espuma
e a sua voz transporta a mensagem dos que partiram
vagas perdidas num rosto qualquer.
Olhemos a sombra das águas
verdes espelhos ondulantes
o dia vagueia em navios naufragados.
Olhemos o rio
a maresia quebrou amarras duras,
evadiu-se dos varais.
Neste secreto hemisfério
jardins ardem de desejo de pétalas macias
e o fluido da terra envolve as folhas que compõem
o livro do tempo.
Olhemos o mar
fragmentos de crepúsculo espalham-se sobre a terra molhada
barco sem leme em águas frias
a lua rema de mãos vazias.

Texto 5: MON JOURNAL INTIME, Celeste Paulino e Pessoa
Professora de Português e Francês na ESPL
Data de edição: Março 2011

dimanche, le 6 mars

Mon Journal intime,

J'ai refusé l'invitation de ma mère à manger une belle « feijoada » bien portugaise et selon l'esprit de Carnaval (un ragoût de viandes avec des haricots verts, ce n'est pas la même chose !) pour faire la grasse matinée.

Hier, je me suis couchée tard, quand la télé annonçait la chanson qui nous représentera à l'Eurovision et les « Homens da Luta » nous demandaient de ne pas croiser les bras.

C'est ce que tout le monde veut, mais avec un autre but : « notre » Ministre veut des évidences ; notre copine veut des textes pour la revue de l'école ; les parents de nos élèves veulent des résultats ; nos élèves, quelques uns, veulent ne rien faire ; nos famille veulent notre présence et nous ? Nous voulons nous échapper.

C'est pourquoi j'ai refusé l'invitation de ma mère; c'est pourquoi ma famille est en Andorre en train de faire du ski (Imagine-moi sur les skis en essayant de montrer des progrès ; des évidences !) et moi, je suis seule, sans horaires mais avec beaucoup de travail.

Bon, j'étais en train de dormir quand la cloche de l'église à côté de moi, m'annonçait, avec une heure d'avance, la messe à 11 heures. J'y irai à 19 heures, j'ai pensé et j'ai mis mon oreiller sur ma tête pour que rien ne puisse déranger mon sommeil, mes vacances, ma solitude. Soudain, j'ai écouté la voix de Dr. Júlio Vaz, bien près de moi, comme si j'étais devant l'écran en train de le saluer. Qui a allumé la télé / la radio à la cuisine ? Il y a quelqu'un chez moi ? Comment est-ce qu'on a pu entrer si j'ai fermé « le château » comme dit mon fils, l'ainé, quand le soir, j'utilise toutes les clefs possibles « et imaginaires » ?

Je me suis réveillée et j'ai compris que mon voisin avait allumé la sienne et les voix et les gros rires entraient chez moi sans me demander la permission. Je renferme mon oreiller et je commence à penser en français. Quoi ? De qui ou de quoi est-ce que j'ai rêvé ?!

Les rires continuent mais ma paresse ne me laisse pas brancher la télé ; mes mains ne se décidaient pas et je continuais à penser en français...

Il est onze heures, la messe a déjà commencé (j'ai écouté la cloche que mes voisins voulaient « tuer », dans une réunion de copropriétaires et le docteur a dit « grosses bisex », mais il continuait à parler. Ensuite, j'ai entendu une chanson : un fado, une opéra ou tout simplement la chanson du programme ? Les voisins ont décidé d'éteindre l'appareil. Pardon ! Ils sont très sympas, mais moi, je voulais me reposer !

« Ne croisez pas les bras; allez à la manif. le 12 mars ! ». Je me souviens des « Homens da luta » et du travail qui m'attend, mais je me tourne sur ma droite toujours avec mon oreiller. Hélas, de mon estomac sort un petit homme qui me demande s'il n'y a rien à manger. C'est toujours la télé / la radio, le français, le travailLe téléphone sonne ! Nonnnnnnnnn !

Je me suis levée, j'ai pris mon petit déjeuner pour tuer le «petit homme » de mon estomac et Je suis montée, car mon ordinateur était là et les évidences aussi ainsi que mon «mestrado».

Quand je travaille avec mes copines, « les malheureuses » profs de français qui essaient de montrer aux élèves que le français est une langue importante et dont ils pourront avoir besoin, un jour, peut - être pour parler avec leurs petit(e)s ami(e)s française(s) qui n'aiment pas l'anglais ou pour travailler à Bruxelles, par exemple ; quand nous imaginons des fiches ou des tâches pour qu'ils aiment / apprennent cette langue d'Astérix / Obélix ; quand les élèves, même ceux qui ne sont pas encore nos élèves , nous disent « bonjour, le professeur », ne s'agira-t-il pas d'évidences ?

Non, il faut les montrer aux autres, comme nos ministres qui nous saluent avec leurs diplômes, passés le dimanche ou obtenus en deux mois, qui constituent des évidences qu'ils maîtrisent l'anglais ou qu'ils ont terminé un cours de « mestrado » quand j'ai commencé le mien il y a un an et demi et j'ai seulement, encore, un cours de post graduation qui en français (n'oublie pas que je suis en train de penser en français, même le dimanche, toute seule et au Portugal), veut dire « mestrado ».

Consulte le dictionnaire ! Il n'y n'a pas de doutes ! C'est évident ! Il m'a coûté quelques « escudos » ? Est-il déjà démodé ?! Ce n' n'est pas une évidence !

« C'est le peuple qui ordonne, le plus » - disent les « Homens da luta » et ils vont à l'Eurovision.

Texto 6: DEVINETTE, Teresa Barbedo
Professora de Francês na ESPL
Data de edição: Março 2011

Mais si, elle me va bien !
Démodée ? Je ne crois pas.
Moi, j`ai appris à l`aimer
Toi, tu y arriveras

Tous les jours, je la pratique
Je me retourne et elle est là
C`est comme une grande amie
Sans laquelle je ne vis pas

Elle me donne à manger.
C`est elle mon gagne- pain
Nous marchons bien à côté
Les deux, on se donne les mains

Elle n`a pas de couleur
Mais si elle s`habillait
Le bleu, le blanc et le rouge
Sûrement, elle les porterait

Ce n`est pas une personne
Mais elle me parle tant
Que si, un jour, elle mourait
Le Monde deviendrait différent

Car sa fonction est d`unir
De faire naître des liens
Le difficile c`est de partir
Quand on la connaît bien

Devine de qui je parle
Qui m`a toujours accompagné
Qui m`a donné tant de choses
Sans rien me demander

Réponse : La Langue Française

Textos 7: POEMAS, Pedro Tavares
Antigo aluno na ESPL, Universitário
Data de edição: Abril 2011

Outro eu em mim

Está na hora, olha uma última vez o espelho.
Veste uma roupa para aconchegar esse corpo magoado.
Põe uma máscara para ocultar a tristeza.
Escolhe um sorriso que mostre certeza.
Encara o disfarce para parar a ansiedade.
Coloca um olhar que esconda a verdade.
E algo mais que facilite o caminho.
Um último retoque para acalmar o tremor.
Está na hora, o espectáculo vai começar.
E outro eu vive em mim,

Fogo que arde para sempre

Mais um nascer do Sol,
Mais um acordar,
Mais um virar de página.

Está frio.
Está escuro.
Estou só.

Com medo de não escapar
A mais um apagar rotineiro de existências,
Sigo este caminho onde reina a escuridão.

Relembro o dia em que o Fado
Cruzou o meu caminho com esta bússola
Que cisma em apontar para o horizonte.

Um dia lá chegarei,
Por agora calço-me e ergo-me
Enquanto inspiro um último momento de
lucidez.

Atiro-me então mata dentro.
Galhos, espinhos, bestas e animais
Debruçam-se sobre o meu caminho.

Vislumbro num último relance o infinito
E parto sem destino,
Longe do conforto das tuas estradas.

Pois eu nasci para te rasgar esse ingrato manto de escuridão.
Desvendar os mitos e lendas que nos atormentam a cada escurecer.
Violar com cada pegada minha esse teu intocado caminho divino.

Já faltou mais.
Já tombei vezes demais para desistir agora.
Já distingo a tua silhueta no horizonte.

Em breve subirei a esse monte sagrado.
E rasgando toda a minha mortalidade,
Roubar-te-ei o fogo para uma floresta incendiar.

Vem, castiga-me por este desafio.
Por ser mais do que fui feito para ser.
Tortura-me, faz-me sofrer enquanto me rio.

Eu para sempre torturar-te-ei.
Eu imortalizei-me com o teu fogo.
Fogo esse que nunca te pertenceu.

Mais do que nunca serei mais do que carne.
Porque mais forte do que a força de um Homem,
É ser fogo que arde para sempre.

Textos 8: AS PALAVRAS BELAS E UM PENSAMENTO, Conceição Teixeira
Professora de Português e Francês na ESPL
Data de edição: Abril 2011

O que nos encanta na literatura é a beleza que pressentimos, antes mesmo de a compreendermos. O arrepió da emoção é um mistério que saboreamos, sem necessidade de o desvendar.

Procuró ir fazendo uma provisão de palavras belas e profundas. Sei que um dia precisarei de consolo, e então irei procurar na minha escuridão a luz das palavras que me encantaram. Só elas, e a recordação do seu estremecimento dentro de mim, me poderão salvar.

Um pensamento

Pensei que morrer era partir.
Só depois aprendi que era não voltar.

Texto 9: LIVROS E LEITORES, OS ACTORES PRINCIPAIS, Margarida Lino
Professora de Português na ESPL
Data de edição: Abril 2011

“Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque ela é a forma de comunicação mais directa que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo”.

In *Carta ao Futuro* de Virgílio Ferreira

Meus Amigos:

Prometi-vos, já não sei muito bem quando, talvez logo na primeira aula deste ano lectivo quando vos questioneei sobre as vossas leituras de férias, que também um dia vos apresentaria um contrato de leitura. Mas como o nosso tempo é sempre muito escasso, essa promessa foi sendo adiada. Contudo, hoje, ao ler os vossos testemunhos sobre o projecto “Ler Mais e Escrever Melhor” e “O Livro dos Livros”, senti novamente o peso dessa dívida e decidi que não podia adiar mais essa promessa. Então, veio-me à memória Virgílio Ferreira, um dos meus escritores preferidos, e a sua *Carta ao Futuro*, um livro pequenino, mas

delicioso, escrito exactamente no mesmo ano e mês em que nasci e do qual seleccionei um excerto para epígrafe desta carta. Esta é uma carta que assumo como um tributo a todos os meus alunos que ao longo destes três anos fizeram o seu percurso pelo mundo dos livros e da leitura recreativa. Pretendo sobretudo falar da leitura, de leituras, de leitores e de livros. Daí o título: **“Livros e leitores: os actores principais”**.

Todos sabemos que a actividade **“O Livro dos Livros”** inserida no Projecto **“Ler Mais e Escrever Melhor”**, tem como grande finalidade desenvolver a competência de leitura dos alunos (ler de forma cada vez mais fluente, sendo capaz de descodificar e de atribuir significados aos textos) e sobretudo levá-los a querer ler, a cultivar o gosto pela leitura. Se isso for conseguido, poderemos dizer que formamos leitores autónomos, que lerão não só agora e na escola, mas também num amanhã que se prolongará por toda a vida e fora dos muros da própria escola.

Foi minha intenção despertar nos alunos essa vontade de querer ler e desenvolver essa atitude. Pretendi que vocês, alunos-leitores, se envolvessem activamente na construção do(s) sentido(s) do texto, apreciando-o e articulando-o com a vossa experiência pessoal. A leitura é uma experiência individual, mas também tem uma dimensão social, principalmente quando é partilhada com os outros, como fizemos nos nossos fóruns de leitura. E quando é social, levamos a diálogos cruzados que a completam e enriquecem. E quando é enriquecedora, ou por nos despertar sentimentos ou opiniões que sabíamos nossas mas não conseguíamos expressar, ou por nos abrir horizontes que nem imaginávamos que fossem possíveis, acabamos por ser contaminados por essa mesma leitura, por esse texto, por esse livro, por esse autor.

Mas chega de preâmbulos, ou podereis pensar que afinal não vou falar de livros. Vou. Vou falar-vos, sumariamente, de três livros que descobri mais ou menos recentemente. O que têm de comum? Todos falam de livros.



Encontrei o primeiro, por acaso, na estante de uma livraria quando procurava um livro sobre um assunto específico. Chamou-me a atenção o nome do autor, Umberto Eco e o título, **A Obsessão do Fogo**. Conheço o autor, mas não conhecia o livro. Fui ler a contracapa e fiquei convencida. Mas penso que o livro já me tinha seduzido pela imagem da capa.

Uma vez que não disponho de muito espaço, não abordarei a biobibliografia dos autores, nem os elementos paratextuais, mas convido-vos a pesquisarem sobre os mesmos.

A Obsessão do Fogo de Umberto Eco não é um romance. Trata-se de um debate de ideias sobre o percurso do livro desde Gutenberg até ao e-book, entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, mediado por Jean Philippe de Tonnac.

Vou começar por vos falar do prefácio, porque é uma forma de **“varrer”** os aspectos abordados que considero mais importantes. Seguidamente vou referir apenas alguns dos quinze capítulos deste livro. No prefácio, Jean Philippe de Tonnac refere alguns dos tópicos que vão ser explorados ao longo destas conversas e que se relacionam com o livro e com a nossa civilização. Será que o livro electrónico vai matar o livro impresso, ou irão as práticas e os

hábitos de leitura coexistir? A propósito podemos ler:

“O livro é, tal como a roda, uma espécie de perfeição inultrapassável na ordem do imaginário. (...) O livro surge aqui como uma espécie de “roda do saber e do imaginário” que as revoluções tecnológicas anunciadas ou temidas não poderão deter. O livro prepara-se para fazer a sua revolução tecnológica. Mas o que é um livro? O que são os livros que, nas nossas prateleiras, nas prateleiras das bibliotecas do mundo inteiro, encerram os conhecimentos e as fantasias que a humanidade acumula desde que

adquiriu a condição de escrita? Que imagem temos nós dessa odisséia do espírito através deles? Que espelhos nos estendem? ” (pp. 10- 11)

Depois desta introdução, no capítulo de abertura intitulado “O livro não morrerá”, Umberto Eco considera que o livro não desaparecerá. Continuará a ser, como já era antes de Gutenberg um suporte de leitura. O material foi-se alterando, mas as funções continuam as mesmas, ainda que em muitos domínios o e-book apresente vantagens, permitindo um conforto de utilização extraordinário. Chama também a atenção para o facto de os livros em pasta de papel se desintegrarem. Realça a sua ligação afectiva às antigas edições e sublinha que as anotações num livro formam a história das diferentes consultas/leituras.

Achei interessante destacar estes aspectos, porque, em certa medida, respondem a perguntas que ouvimos todos os dias: Qual vai ser o destino do livro? Como serão as nossas bibliotecas do futuro? Qual a nossa relação com o objecto livro?

Basta olharmos para a biblioteca da nossa escola para percebermos que o conceito de biblioteca como lugar onde estamos em contacto com a cultura que consideramos pertinente armazenar já se alterou. Continuamos a ter estantes com livros, mas também temos computadores que nos facultam o acesso ao conhecimento, principalmente através da Internet, que nos pode colocar em rede com várias bibliotecas escolares e até bibliotecas de todo o mundo. As pens que já usamos no nosso quotidiano, onde podemos armazenar vários livros, apresentam comodidades que o livro impresso não possui. Imaginemos que vamos de viagem. Podemos levar connosco uma biblioteca inteira, sem que isso nos pese ou ocupe espaço. Além disso não corremos o risco de estragar o livro de papel. Também é verdade que não poderemos sentar-nos ao sol, confortavelmente a ler, mas isso é outra questão.

No capítulo “Livros que desejariam absolutamente chegar até nós”, os autores tecem considerações sobre o que consideram ser uma obra-prima. Escolhi dois excertos, um de Umberto Eco e outro de Jean-Claude Carrière que considero significativos:

- “U.E.- Existe uma resposta para a nossa interrogação. Em cada livro, incrustam-se ao longo do tempo todas as interpretações que lhe demos. Nós não lemos Shakespeare como ele o escreveu. O nosso Shakespeare é por isso mais rico do que o que aquele que se lia no seu tempo. Para que uma obra-prima seja uma obra-prima, basta que seja conhecida, isto é, que absorva todas as interpretações que suscitou, as quais irão contribuir para fazer dela o que ela é. A obra-prima desconhecida não teve suficientes leitores, leituras, interpretações.” (p. 150)

- “J.-C. C. - Cada leitura modifica evidentemente o livro, tal como os eventos que vivemos. Um grande livro permanece sempre vivo, ele cresce e envelhece connosco sem nunca morrer. O tempo fertiliza-o e modifica-o, enquanto as obras sem interesse passam ao lado da história e desaparecem.” (p. 151)

Podemos então perguntar-nos o que é uma obra-prima. Concordo absolutamente com as opiniões dos autores. São aquelas obras que resistem ao tempo porque têm uma mensagem que se mantém actual. Continuamos a ler esses livros e continuamos a encontrar aspectos que permitem outras leituras. São obras cujo tempo não envelhece nem tão pouco destrói. É o caso de *Os Maias* de Eça de Queirós. Os tempos são outros, a sociedade é diferente, mas a mensagem, a crítica continua actual. O livro conserva a sua beleza original e o poder de nos interessar. Evidentemente que ao longo dos anos esses livros vão incorporando as leituras, as críticas que deles foram feitas. Ler *Os Maias* no séc. XXI não é a mesma coisa que ler *Os Maias* no séc. XIX. Hoje é considerado um clássico. Na época era considerado um livro indecente, que falava de coisas indecentes e um livro provocador.

No capítulo “A censura pelo fogo”, o entrevistador afirma que “Entre os mais terríveis sensores da história, importa atribuir um lugar de destaque ao fogo.” (p. 227). Esta afirmação leva Umberto Eco a citar as fogueiras onde os nazis fizeram desaparecer os livros “degenerados”, destacando-se a ideia de que “aquilo a que chamamos cultura é na realidade um longo processo de selecção e filtragem.” (p.12). A verdade é que muitas foram as obras-primas que chegaram até nós, mas quem nos garante que outras obras de qualidade muito superior não foram irremediavelmente destruídas?

Finalmente, selecionei o capítulo “Todos os livros que não lemos”, porque, tal como Eco, considero que “há muitos livros que não lemos, mas que acabam por se tornar familiares porque lemos outros livros que falavam deles. (p. 249). Mais uma vez o exemplo está à vista.

Muitos de vós não leram *Os Maias*, nem tencionam fazê-lo, mas leram outros livros que falam de *Os Maias*. No futuro, se alguém vos falar dessa obra que não leram, poderão dizer que a conhecem. Sabem até muitas coisas sobre ela. Se calhar, até conseguem discutir sobre a intriga, as personagens, a mensagem. Mas não se iludam: aquilo que a obra tinha de único, de grandioso, o seu espírito, só a leitura, o contacto directo com o livro vos pode facultar.

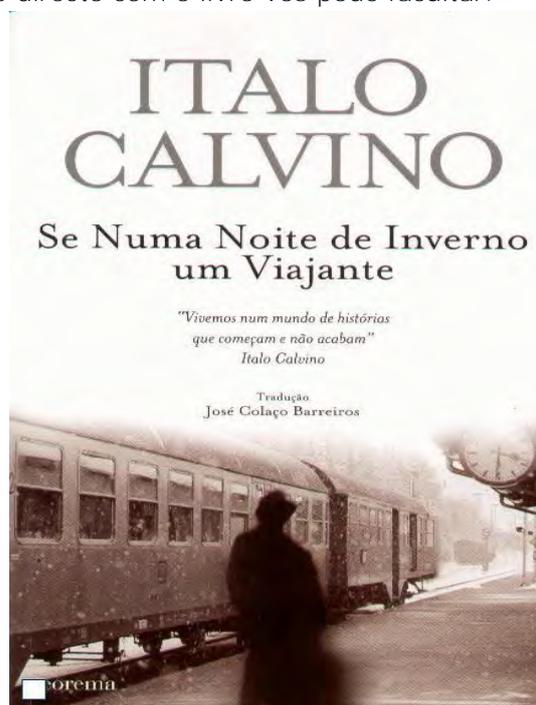
Apesar de só ter focado alguns aspectos de ***A Obsessão do Fogo***, há muitos outros temas interessantíssimos que o atravessam, como por exemplo a importância do estudo da idiotia e da imbecilidade para a compreensão da história da humanidade. Aconselho este livro de Umberto Eco e Jewan-claude Carrière a todos os que se interessam pela cultura e que apreciam um bom debate de ideias.

Descobri o segundo livro na mesma livraria, na altura do Natal, quando procurava livros para oferecer a amigos. Desta vez não conhecia o título nem o autor, Italo Calvino. Mais uma vez fui seduzida pela capa. A fotografia a sépia de uma antiga estação de comboios imersa em nevoeiro, o título, ***Se Numa Noite de Inverno um Viajante*** e a citação do autor “Vivemos num mundo de histórias que começam e não acabam” exerceram uma atracção definitiva. Os elementos paratextuais são para mim muito relevantes. Funcionam quase como um cartão-de-visita do próprio livro. Penso que já perceberam que desenvolvo uma relação quase física com o livro (por isso não leio da mesma forma um livro em suporte de papel e um livro em formato electrónico). Comprei-o para oferecer, mas tenho o terrível hábito de ler os livros antes de os dar. Este ficou para mim, por diversos motivos.

Se Numa Noite de Inverno um Viajante foi editado pela primeira vez, em Itália em Junho de 1979. É uma obra meta narrativa (reflexão sobre a narrativa) onde o autor põe a nu os mecanismos da narração, desencadeando uma reflexão sobre a prática da escrita e sobre as relações entre o escritor, o leitor e o livro.

O livro é formado por dez capítulos encaixados numa moldura. Na moldura, narra-se a história passada entre o Leitor e Ludmilla, a leitora, uma aventura tradicional a que não falta um final feliz. Os capítulos são dez *incipit* (inícios) de outras tantas novelas. É exactamente a moldura que assegura a unidade do romance. Os dez inícios das narrativas que compõem o livro correspondem a dez tipos de narrações diferentes. Trata-se de um exercício de escrita através do qual Calvino exemplifica quais são os estilos e os modelos da novela moderna. Podemos desde logo compreender a obra a partir da “Apresentação” constituída por um texto de Calvino em que este responde a uma recensão crítica deste romance e à qual deu o nome ***Se numa noite de Inverno um Narrador***. Por isso, vou caracterizar a obra a partir das palavras do próprio autor:

“É um romance sobre o prazer de ler romances; o protagonista é o Leitor que dez vezes começa a ler um livro que, devido a vicissitudes estranhas à sua vontade, não consegue acabar.” (p.6).



“ É uma obra fechada e calculada que comunica o sentimento de um mundo precário, a balançar, em pedaços. Tudo foi calculado “de maneira que o “final feliz” mais tradicional – o casamento do herói com a heroína – viesse selar a moldura que envolve a ruína geral.” (p.8)

Achei este livro fascinante. Não pela mensagem, mas pelo facto do próprio livro colocar a nu todo o processo de montagem da narrativa. Percebe-se claramente que num livro tudo é premeditado, mesmo quando se tem a sensação de espontaneidade. Percebe-se a relação que o autor mantém com o leitor e a exploração que faz da relação que este tem com o livro e a leitura. Foi a primeira vez que li um livro cuja personagem principal era um Leitor. Gostei particularmente da estratégia concebida pelo autor de recorrer constantemente ao tal processo de interrupção. Todas as histórias estão inacabadas. Há um recomeço constante. E até no final, quando o Leitor encontra todos os títulos numa biblioteca e pensa que vai poder acabar de ler os livros, estes, por diversos motivos, não estão disponíveis. Achei interessantíssimo o facto de todos os títulos dos livros constituírem o início de um outro livro e a ironia patente quando outro leitor afirma que o “viajante e a estação” só aparecem no início, que depois nunca se fala mais deles: “Só estão ali para despistar o leitor”.

Que mensagens retirei deste romance? Que não há histórias acabadas, que todas as histórias remetem para a continuidade da vida e a inevitabilidade da morte, que livro, leitor e contexto andam de mãos dadas, dialogam e estabelecem relações complexas.

Não é um livro de leitura fácil, não pela linguagem, mas pelo processo narrativo.

O terceiro livro caiu-me no colo. Ofereceram-no a uma amiga que depois de o ter lido achou que eu iria adorá-lo, daí ter feito questão que eu ficasse com ele. Não houve entre nós aquele momento de sedução preliminar, mas nem por isso a relação foi afectada. Foi uma leitura de férias, leve, mas empolgante. **A Sombra do Vento** de Carlos Ruiz Zafón é um livro fascinante e que, naturalmente, aconselho.

Começo por vos apresentar dois excertos, particularmente significativos:

“- Bem-vindo ao Cemitério dos Livros Esquecidos, Daniel. (...)

- Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que alguém desliza o olhar pelas suas páginas, o seu espírito cresce e torna-se forte.” (p. 13)

“Numa ocasião ouvi um cliente habitual comentar na livraria do meu pai que poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho até ao seu coração.” (p. 15).

Selecionei estas passagens por mostrarem o livro como um ser vivo, um organismo que cresce e se alimenta da relação que estabelece com os leitores. Achei significativa a metáfora da alma dos livros que ao fim e ao cabo será o reflexo da alma de quem os leu.

É sem dúvida um livro que aconselho a qualquer um de vós. É uma história arrebatadora a que não falta o mistério, a intriga, a acção, o romance e até o cenário histórico de Barcelona do pós guerra civil e do regime de Franco.

Vou terminar. Neste momento estareis a pensar que não fiz um resumo dos meus “Livros dos Livros”. Pois não. Mas foi de propósito. De todos eles há muita informação disponível na Internet que podereis consultar quando estiverdes a navegar nessas ondas. Mas o melhor é fazer uma visita a uma biblioteca, mesmo à da nossa escola, ou a uma livraria. Temo-las belíssimas, como por exemplo a centenária Livraria Lello na rua das Carmelitas (aos Clérigos), no Porto. Hoje, em muitas delas, podemos sentar-nos confortavelmente, tomar um café, ou não, e pegar num livro, sentir o cheiro do papel, virar as páginas e, sem compromissos, deixarmo-nos ir por esses mundos fora...

Penso que cumpri o prometido. Partilhei convosco uma das minhas aventuras com os livros. No fundo mostrei-vos também um pouco da minha alma, da minha forma de ler. Sei que esta “conversa” não terá tido o mesmo impacto em cada um de vós. Nem todos descobriram ainda a sedução que pode haver entre o livro e o leitor. Mas é tempo de descobrir. Bem Hajam e Boas Leituras.

A BELEZA DAS PALAVRAS



Marc Chagall

O que nos encanta na literatura é a beleza que presentimos, antes mesmo de a compreendermos.

Conceição Telxeira

Mostrei-vos um pouco da minha alma, da minha forma de ler. Nem todos descobriram ainda a sedução que pode haver entre o livro e o leitor. Mas é tempo de descobrir.

Margarida Lino